

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA,  
PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**PPGH**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

**Consciência Histórica: uma experiência sobre o CONTAR A VIDA em trinta e quatro narrativas**

**ANDRÉ DO NASCIMENTO VERÍSSIMO**

**RIO GRANDE  
2015**



**ANDRÉ DO NASCIMENTO VERÍSSIMO**

**Consciência Histórica: uma experiência sobre o CONTAR A VIDA em trinta e quatro narrativas**

Trabalho apresentado como requisito parcial/final para aprovação na prova de Defesa do Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação do professor Dr. ARTUR HENRIQUE FRANCO BARCELOS.

**RIO GRANDE  
2015**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Artur Henrique Franco Barcelos – FURG.  
(Orientador)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Kivanski de Senna – FURG.  
(Avaliadora)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem G. Burgert Schiavon – FURG.  
(Avaliadora)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Célia do Couto - UFVJM  
(Suplente)

*“Estudar, escrever e ser lido: tudo novamente outra vez sempre!”.*

(André Veríssimo, 2015)

## **DEDICATÓRIA**

Ao tempo presente que me faz  
melhor,  
ao tempo passado que produziu o  
meu agora  
e ao tempo futuro que vai superar  
tudo!

## AGRADECIMENTOS

A minha profunda gratidão a todos que, de alguma maneira, contribuíram para a produção deste trabalho. Por mais autoral que seja a realização, a rede que forma a minha existência torna os seus componentes coautores no processo de pesquisa e redação da dissertação.

A minha namorada Mariane, constantemente me cobrando e perguntando pela minha escrita, pelos meus estudos, pelo meu contato com o orientador e pela menção, ao mesmo, na minha fixação pelas infinitas tabelas – parece ter impressionado o bom Artur. Mas, especialmente, por estar ao meu lado: “- Não imagino a conclusão de tal trabalho sem as tuas opiniões e provocações. Não visualizo tamanha conquista sem a tua presença”.

Aos meus pais, Américo e Marlene, por serem meus pais e fazerem por mim tudo que superpais possam fazer... e mais um pouco. Aos meus irmãos Alessandro e Adriano, respectivamente pelas caronas e orientação jurídica na autorização entregue aos pais durante a aplicação das narrativas.

Aos meus alunos das escolas Medianeira e Mascarenhas durante a experiência visual narrativa. Espinha dorsal de todo o processo.

Às equipes diretivas das respectivas escolas que, durante o período do mestrado, deram todo o suporte possível ou impossível. Relembrando o esforço, no primeiro ano do curso, para que eu obtivesse uma redução na carga horária. Em especial à professora Claudete (diretora do Mascarenhas), pela compreensão e apoio durante o processo de finalização da escrita.

Entre os meus companheiros de armas quero mencionar a professora Rosane Alves Rodrigues, a qual eu considero como uma irmã e guia espiritual, e aos professores: José Celmer por préstimos com a língua inglesa, e, Cezar Motta pelas dicas para complementar a minha leitura.

Ao meu orientador, professor Artur, não apenas pelo direcionamento na pesquisa e escrita do texto, também pela aceitação da forma de minha escrita e pela paciência extrema para com um indivíduo que acordou após longo coma acadêmico. Aos professores e colegas do Mestrado Profissional em História, especialmente aos amigos Juliano Torres e Ketre Kucharski.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Célia do Couto, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem G. Burgert Schiavon e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Kivanski de Senna pela contribuição para a escrita da Dissertação por ocasião da qualificação do texto e, agora, pela disponibilidade quanto à participação na Banca.

Ao meu filho João Vitor, principalmente. Por ser o meu filho. Ele será diferente de mim e melhor. E ao construir a própria vida com suas escolhas e realizações espero que simplesmente seja feliz!

Por fim a todos que, com absoluta certeza, em algum momento construíram bons pensamentos para a realização do Mestrado e sua Dissertação. Um infinito obrigado!

## RESUMO

O presente trabalho busca uma ruptura com a estrutura tradicional, calcada nos conteúdos programáticos, através de uma prática desenvolvida com alunos do ensino fundamental e médio. Assim tornando viável uma situação onde seja perceptível a tomada de uma Consciência Histórica e o reconhecimento como sujeito histórico restabelecendo, em outro patamar, o vínculo e o interesse com a disciplina de História do currículo escolar. Permitindo de maneira concreta, na forma de situações particulares, pela construção de narrativas individuais com base em fotografias, o provocar, o estímulo no alunato para uma reflexão sobre a história de suas vidas e as consequentes formas de interpretação. Passando pela ação do lembrar e do alcançar a memória na presença de sentimentos e emoções. Pela atividade proposta e discussão sobre a consciência histórica, com o devido aporte de Jörn Rüsen, foram criadas as condições possíveis aos discentes para a reflexão e o sentir de que a História é também a sua história, uma vez que, possuidores de uma história individual, ligam-se aos demais, em uma História coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Consciência Histórica, Ensino de História, Memória, Sentimentos.



## **ABSTRACT**

This work aims at a break of the traditional structure, grounded by the planned contents, through a work-out developed with students from primary school and high school making feasible a practice through which the insight of Historical Conscience can be taken for granted and also the awareness as history protagonist, recalling, upon other basis, the connection and the concern with History as a subject of school matter, providing explicitly, in singular circumstances, by the building of specific narratives supported by photographs, the stirring, the inducement of the students to a reflection about their own lives and the concerning ways of interpreting it, stepping on the trails of memory facing inner feelings and emotions. The proposed activity and the discussion about historic conscience, with the aid of Jörn Rüsen, furnished support for the students to reflect about and feel that History is also their own histories, regarding that having an individual history they get linked to the others in a collective history.

**KEY-WORDS:** Historical Consciousness, History Teaching, Memory, Feelings.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 - Alunos da sétima série (atual 8º ano) da Escola Mascarenhas de Moraes durante o esquete teatral.

Fotografia 02 - Alunos da sétima série (atual 8º ano) da Escola Mascarenhas de Moraes durante o esquete teatral.

Fotografia 03 - Painéis com as fotos do projeto “Vidas nas Paredes”, na Escola Nossa Senhora Medianeira.

Fotografia 04 - Alunos da quinta série (hoje, 6º ano) da Escola Nossa Senhora da Medianeira durante o projeto “Vidas nas Paredes”.

Fotografia 05 - Adilson Crizel Júnior.

Fotografia 06 - Brenda Brião de Ávila.

Fotografia 07 - Emanuele Amaral Ruiz.

Fotografia 08 - Gabrielly Franco de Farias.

Fotografia 09 - Jéssica Silva de Moura.

Fotografia 10 - Laura Bitencourt Bandeira Rodrigues.

Fotografia 11 - Marcos dos Santos Lima.

Fotografia 12 - Maria de Fátima Gomes Colemberg.

Fotografia 13 - Mateus dos Santos Lima.

Fotografia 14 - Miguel Lourenço Campos.

Fotografia 15 - Nathiele Garcia Senna.

Fotografia 16 - Pedro Perez Germano da Cunha.

Fotografia 17 - Ryan de Oliveira Valentim.

Fotografia 18 - Nataliele Pinto Souto.

Fotografia 19 - Alexandre Freitas Corrêa.

Fotografia 20 - Alexia Peres Freitas.

Fotografia 21 - Bruna Pereira Machado.

Fotografia 22 - Carolina Nunes Mendes.

Fotografia 23 - Danielli Dalbon de Bem.

Fotografia 24 - Emanuelle Correa Baptista.

Fotografia 25 - Emilly Torma Gonçalves.

Fotografia 26 - Gabrielly de Oliveira Primo.

Fotografia 27 - Guilherme Mendes Fagundes.

Fotografia 28 - Igor Rodrigues Kurts.

Fotografia 29 - Juliana Borges Puccinelli.

Fotografia 30 - Juliana Soares Ferreira.

Fotografia 31 - Karolen Simões Rodrigues.

Fotografia 32 - Larissa Vitoria Ferreira Vasques.

Fotografia 33 - Marina Hurtado de Souza.

Fotografia 34 - Matheus Barbieri Bazilio da Conceição.

Fotografia 35 - Natalia Pinto Vianna.

Fotografia 36 - Roberta Gautério de Souza.

Fotografia 37 - Stephanie Gonçalves Vasconcelos.

Fotografia 38 - William Gondran Schmitz.

## LISTA DE TABELAS

### **Ensino Fundamental: Escola Estadual Nossa Senhora Medianeira:**

(tabela 1) Quantidade e tipologia dos Eventos: pelas narrativas.

(tabela 2) Quantidade e tipologia dos Temas: pelas narrativas.

### **Ensino Médio: Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes:**

(tabela 3) Quantidade e tipologia dos Eventos: pelas narrativas.

(tabela 4) Quantidade e tipologia dos Temas: pelas narrativas.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	06
<b>RESUMO</b> .....	08
<b>ABSTRACT</b> .....	09
<b>LISTA DE FOTOGRAFIAS</b> .....	10
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	12
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO I - PLANGOR (ODISSEIA DE UM PROFESSOR)</b> .....	18
1.1. A casa e a escola: as estruturas que nos cercam .....	18
1.2. História, memória e mudança .....	23
1.3. Busca pela contribuição para o aprender História na sala de aula .....	26
1.3.1. <i>Deu Xibum!!!</i> .....	26
1.3.2. <i>Vidas nas paredes</i> .....	30
1.3.3. <i>Patrimônio, memória e sala de aula</i> .....	32
1.3.4. <i>Sinergia</i> .....	35
1.4. No caminho havia uma lembrança .....	38
<b>CAPÍTULO II - PERSPECTIVAS (A EXPERIÊNCIA EM 2013)</b> .....	45
2.1. O Começo .....	45
2.2. Aspectos teóricos .....	50
2.3. Iluminação .....	55
2.4. Metodologia .....	57
2.4.1. <i>Escola Nossa Medianeira</i> .....	62
2.4.2. <i>Escola Mascarenhas de Moraes</i> .....	65
<b>CAPÍTULO III - CONCEITOS (E AMÁLGAMA)</b> .....	67
3.1. Determinando uma sequência .....	67
3.2. A Imagem pelos olhos da Fotografia .....	69
3.3. Sobre Emoções e Sentimentos .....	74
3.4. Lembrança e Memória .....	78
3.5. Temos Tempo para o Tempo?.....	85
3.6. Consciência Histórica em 536 palavras .....	89
3.7. Enfim, a História .....	90

<b>CAPÍTULO IV - REVELAÇÃO &amp; FATO (NARRATIVAS, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E ANÁLISE)</b> .....	96
4.1. Exórdio .....	96
4.2. Tabelas: tipificando por eventos .....	99
4.3. Tabelas: tematizando .....	99
4.4. Questionando - tabela de dados: informações por aluno .....	100
4.5. Quantificando .....	101
4.5.1. Ensino Fundamental .....	102
4.5.2. Ensino Médio .....	108
4.6. O Diálogo Fotografias versus Narrativas e... JÖRN RÜSEN! .....	113
4.6.1. O diálogo entre fotografia e narrativa na Escola Medianeira .....	116
4.6.2. O diálogo entre fotografia e narrativa na Escola Mascarenhas .....	124
4.7. Parla! .....	134
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	142
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	149
<b>ANEXOS</b> .....	152

## APRESENTAÇÃO

Quando fui apresentado ao meu orientador, deixei claras as lacunas que possuo nas leituras que envolvam linhas de pensamento teórico. Eu poderia enumerar, listar, delatar uma série de motivos que provocaram tal afastamento. Não quero, aqui, lamentar mais que o necessário. *“Não quero lhe falar (...) das coisas que aprendi nos discos; quero lhe contar como eu vivi e tudo o que aconteceu comigo”*<sup>1</sup>, como bem falou o ‘mago’ Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, conhecido simplesmente como Belchior.

Quero contar as coisas boas...

Mas cabe salientar que, ao terminar minha graduação, com a efetiva prática como professor, o desenrolar dos conteúdos tomou conta do meu tempo, de todo o tempo. Há também a mecânica que envolve a prática geral em uma escola: cadernos, para a chamada, com os registros diários de todas as atividades, avaliações, provas que se multiplicam como vírus e cuja erradicação é um processo longo, doloroso e cansativo. Descrevo, assim, o meu comportamento, a minha opção pela inatividade intelectual acadêmica.

Mesmo desta forma, ao apresentar o anteprojeto fui com a certeza de que minha prática daria todo suporte na definição do pretendido inicialmente. Alguns encontros mais tarde para a devida orientação, Artur, muito educadamente (e para que eu não fraquejasse perante os desafios que estavam para vir), comentou que um breve olhar sobre o título inicial do trabalho foi suficiente para constatar o quanto seu orientando estava sem rumo. Eu não conseguia estabelecer uma ponte, uma ligação entre as minhas insatisfações na sala de aula e minhas pretensões de pesquisa para viabilizar um caminho que amenizasse todas as inquietações. Mas, nem tudo estava perdido. Ao longo do Mestrado Profissional, onde a prática finalmente encontra a teoria, ou vice-versa, pude trabalhar algumas (com certeza, muitas) incertezas e um novo título.

Minha namorada possui um bordão: “- Estuda, porque estudar é bom!”. Simples e verdadeiro. Depois de muitos professores, muitas aulas, muitas leituras, e

---

<sup>1</sup>Música do LP "Alucinação" de Belchior lançado em 1976 e do LP "Falso Brilhante" de Elis Regina do mesmo ano.

meus primeiros artigos (não muitos, mas publicados), comecei a estabelecer a consciência do que realmente desejava externar. Não se tratava apenas da prática (e das falhas que, em minha opinião, me incomodam), mas como falar sobre essa prática, para quem ler, de forma que contribua. Compartilhando preocupações semelhantes e ações incessantes no desejo de tornar o trabalho em sala de aula um processo que realmente contribua. E, trabalhando com um conceito histórico, meu orientador daria uma última palavra, uma sugestão, que provocou a formatação final do título em meu projeto: *Consciência Histórica: uma experiência sobre o CONTAR A VIDA em trinta e quatro narrativas*. Não posso deixar de mencionar que, em parte, tal formato também contou, após a Qualificação, com a colaboração da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Célia do Couto. Finalmente chegando ao título, que demonstra realmente o que foi realizado no presente trabalho, procurei caracterizar cada um dos quatro capítulos através de uma denominação igualmente objetiva.

Como é difícil colocar em palavras tantas inquietações e práticas da minha experiência de ser um profissional na educação. Isto é o que demonstro no **primeiro capítulo** de minha dissertação. Relato atividades que propicieei aos meus alunos para sair do lugar comum. Mas, antes de tudo, confio aqui investidas onde escapo para uma realidade que torna válido, penso eu, o meu trabalho como professor. Em experiências breves onde provoquei sensações, conscientemente ou não, as imagens tornaram-se um recurso recorrente, uma forma direta de “comunicação” com o emocional dos meus discentes.

No **segundo capítulo** trato de externar as minhas ideias através de uma experiência. Viabilizo narrativas construídas pela memória e estimuladas através de sentimentos que brotaram pela percepção visual de fotografias pessoais, cuja análise permitiu verificar se, quando e porque o meu aluno (sempre que me referir a “aluno”, ou assemelhado, que seja entendido como masculino e feminino) apresenta uma consciência histórica. No capítulo dois, portanto, será descrita a experiência, destacando a metodologia e os procedimentos adotados, bem como algumas constatações quanto aos aspectos práticos e teóricos da realização da proposta.

No **capítulo** seguinte, o **terceiro**, serão expostas as diferenças e conceitos entre Imagem e Fotografia, Emoção e Sentimento, Lembrança e Memória, sobre o passar do Tempo, Consciência Histórica e História. Não foi pretendido, de forma alguma, determinar um histórico maçante sobre cada um dos conceitos



apresentados. Mas de que modo eles podem ser vistos e entendidos para a presente dissertação, fundamentalmente como eu observo em meus alunos o entendimento das atribuições que aqui seleciono.

E, finalmente, no **quarto capítulo**, as histórias de trinta e quatro vidas são esmiuçadas. Fatos, colocados em trançadas linhas, provocados por sentimentos e emoções que brotaram pelo estímulo das fotografias pessoais. Ter consciência do pertencimento em uma história surgirá naturalmente? Será facilmente observável? Estas são algumas das questões que nortearam a quarta parte deste trabalho, dedicada ao exame e interpretação do material produzido pelos estudantes. Esta análise seguirá o procedimento de classificação e “leitura” das imagens e textos. Claro está que cada espécie de documento possui sua especificidade (fotos e textos) e, portanto, formas distintas de análise. Porém, neste caso, fotografias e textos operam em conjunto, em diálogo, para a construção das narrativas de vida dos estudantes.

Através dessa experiência, na busca pela aproximação com os pressupostos da Consciência Histórica de Jörn Rüsen, minha análise terá por objetivo aferir a validade do caminho da conscientização histórica. Percebendo se o aluno se reconhece como sujeito histórico através do emocional, revirando suas memórias.

## CAPÍTULO I – PLANGOR (ODISSEIA DE UM PROFESSOR)

“Eis a estância, que eu disse, às dores feita,  
Onde hás de ver atormentada gente,  
Que da razão à perda está sujeita”.

Dante Alighieri

### 1.1. A casa e a escola: as estruturas que nos cercam

O Espaço, A Fronteira Final. Não! O Universo do aparentemente impossível apresentado pela Física Quântica? Quântica e exponencialmente afirmando, não! A “Fronteira Final” é, indiscutivelmente, a sala de aula.

Ao longo de meus anos como professor percebi, entre tantas coisas, o quanto em diversas ocasiões estive dissociado da realidade do aluno. Como ocorre em nosso meio, acreditei que minhas práticas e minha experiência eram suficientes para que os conteúdos (sempre eles) fossem de alguma relevância para os alunos. E ainda observo entre muitos dos meus pares, alguns ímpares em extravagâncias, em relatos de experiências, de dificuldades superadas, de técnicas inovadoras, com ideias impensáveis que somente eles são capazes de realizar. Quantos discursos inaproveitáveis eu fiz? Quantas pretensas práticas eu nunca tornei reais, em maçantes e doentias aulas sem uma *solidez* aproveitável para a “vida de fato” daqueles que me ouviam (e ainda ouvem)?

O mestrado profissional vem ao encontro de minhas inquietações. O objetivo por tal título é um “gás”. Um estímulo para a epígrafe de minha carreira. E aí surge a tentação, a serpente no Paraíso da Academia. Fazer um belo discurso procurando mostrar que ainda há esperança, uma nova confiança no processo de aprendizagem da *guerra* que se apresenta no Universo Escolar? Usar a *técnica do pavão*, enfeitando meu discurso quase como um messias, um salvador que, aplicando sua divina humildade, afirma não ter as respostas, mas que deseja ser assim reconhecido?

Se eu apresentar o recorrente comportamento de *pavão*, estarei caindo na *fácil* armadilha de falar muito e não dizer ou fazer nada. Contar alguma coisa não

significa mencionar ou realizar algo aproveitável. Todavia é isso que observo, vivencio e, muitas vezes, me acostumo. É muito fácil tal prática. Trabalhamos – enquanto professor de História de quarenta horas semanais –, em média, com quatorze hordas (pois são duas aulas por turma) abarrotadas por comportamentos cada vez mais assustadores, delirantes e desregrados.

É *normal* exclamar o quanto impressiona o péssimo comportamento de uma maioria de alunos. Uma maioria assustadoramente cada vez mais comum de elementos sendo deformados em seu caráter; distorcidos, em muitos casos, pela falta de comprometimento de quem os gerou, ou foi determinado como seu responsável.

A cada ano, situações das mais inusitadas acontecem. Quando, então, convocamos os responsáveis para uma conversa, um relato sobre algum comportamento completamente inadequado por parte de algum aluno. Não raros são os casos em que a constância do inusitado é tão grande que, para não atrapalhar o bom andamento da aula, são elaborados e confeccionados bilhetes para agilizar o entendimento do responsável, do quão grave é a questão que necessita, com a máxima urgência, a sua prestimosa presença na instituição de ensino.

Devemos nos adaptar para uma situação cada vez mais desconfortante na sala de aula e contar com a sorte. Sorte de ser agraciado por uma soma aleatória de coincidências que nos presenteie com indivíduos que consigam ter o mínimo de convívio, respeito e interesse para consigo mesmo. Pois a imagem que montam, seja para uma autodefesa ou autoestima é de uma moral própria, não adaptada à proposta de uma Instituição de Ensino. Se pararmos para observar uma sala de aula, a normalidade apresentada é um modo de ser de uma realidade alternativa. Se colocarmos na balança com o que é correto, se compararmos com os limites estabelecidos que visem o respeito para com o próximo. Se não houvesse distorções familiares que aniquilam todo e qualquer conceito do que possa ser o certo. Se, se, se! O interessante é que o professor tem a certeza que está contribuindo na formação de um indivíduo com a *consciência* do que é correto. Pelo menos, acredito que ele saiba. Ele foi acostumado, distorcido, levado a agir de uma forma oposta ao que é legalmente estabelecido. Porém, tornou-se completamente

descartável e irremediavelmente desconfortante em sua realidade, que passa a ser refletida na sala de aula.

É claro que as posturas não são iguais entre o ensino fundamental e o médio. O dito amadurecimento, ou acúmulo de experiências, infelizmente, não fornece apenas consequências positivas. Aquilo que passa a ser ofertado pelo mundo exterior, e apreendido pelos diferentes gêneros, não passa muitas vezes por um processo de seleção ou a seleção não permite um desenvolvimento na mentalidade. De acordo com Paolo Cugini:

Se o problema, neste mundo fluido das rápidas mudanças, é sobreviver, então ninguém pode se permitir o luxo de ficar fixo a vida toda no mesmo esquema de valores. Manter-se fiéis à lógica da continuidade, apegar-se às regras como método para formar uma identidade forte, não é mais aconselhável para ninguém, pelo menos neste mundo líquido. Aquilo que está acontecendo em nível social é uma mudança tão abrangente e tão radical que envolve os dados básicos que nortearam a sociedade por muitos séculos. São as estruturas “sólidas” que estão se derretendo, aquelas estruturas que, por muito tempo, forneceram o pano de fundo cultural, institucional e até psicológico para a formação da identidade pessoal (CUGINI, 2008: 168).

A sociedade, para sobreviver, cria regras, determina. Mas estabelece, cada vez mais, maiores e rápidas mudanças que, ao mesmo tempo, “permitem uma liberdade sem foco”, tornam o indivíduo perdido, sem um rumo, sem saber para onde ir, porque ir e até onde pode ir. A Escola, enquanto instituição norteadora, deve acompanhar tais alterações e fazer com que o aprendente saiba selecionar aquilo que é fundamental para o seu desenvolvimento. O reflexo da falta de normas que não ficam mais claras no núcleo familiar, sendo abarcado *a posteriori* pelas escolas, cria um conflito em suas mentes refletido nas suas intenções, nas suas ações.

As famílias estão em profunda transformação neste início de milênio. Porém, ainda não suficiente para que se perceba alguma mudança em algo recorrente na relação casa e escola. Refiro-me à transferência de responsabilidades. Os limites entre o que se imagina caiba às relações estabelecidas no lar, seja ele de qualquer configuração, e aquilo que a escola deva tratar se diluíram. Os alunos são *filhos* na escola. Mas não são *alunos* em casa. Crescem, externam vontades, e os caminhos devem ser apresentados, lições precisam ser impostas, e palavras como “não” necessitam ser ditas. A magia da maternidade / paternidade, o conto de fadas,

vira uma história de horror. É uma história que deixa de ser particular e passa a integrar, com todas as suas personagens, *a casa de espetáculos que conhecemos como escola* (no caso, pública). Falava-se em *famílias estruturadas*, por uma educação passada de geração para geração quase intocável. Todavia, nos últimos trinta anos, ou mais, houve uma aceleração na ruptura dessa estrutura. Mudanças cada vez mais rápidas deram uma falsa impressão que tudo seria possível sem a necessidade dos limites. Não estamos falando de falta de liberdade ou defendendo um regime de exceção, um autoritarismo. Todo e qualquer grupo social necessitou de leis, normas, limites impostos, ou aclamados, para garantir direitos e deveres àqueles que compõem o grupo. As famílias, como “células” desse “corpo” maior, para não “adoecerem” necessitam de uma composição legislativa proporcional. É claro que existem variações de comportamento. Talvez, no futuro, não existam as ditas flutuações e, irreversivelmente, o comportamento reinante chegue ao fundo do poço, ou não. Sejam positivos, ou quase, pois a realidade “palpável” é gritante, provoca calafrios tamanhos que muitas vezes nos acomodamos em pensamentos que nos afundam em atitudes de autopiedade e um pedido de socorro terminantemente inútil.

E os profissionais dessa *casa-escola*, no momento que possuem conhecimento de todas as histórias, são tomados por uma empatia constrangedora. Não são responsáveis pela vida daquele componente escolar primal, fundamental, básico, o motivo da *casa de espetáculos* existir. Um sentimento de impotência toma conta quando são problemas que não conseguirão resolver ou mesmo amenizar. Não são poucas as vezes que constatamos, miseravelmente, e de forma débil, a escola tornar-se um depósito do pior que a humanidade pode produzir a si mesma.

Não posso deixar de mencionar o intervalo, o recreio. É um show de lamentos entre colegas de profissão. A convivência com o incrível, com o inacreditável é uma constância na vida de qualquer docente que atue na sala de aula. As palavras que são ouvidas, as ações vistas ou ditas que foram praticadas e como foram praticadas: entre discentes, entre discentes e docentes, entre docentes e docentes (é um enfoque que pode ser bem explorado pela sociologia, filosofia e, principalmente, pela psicologia e psiquiatria). E os governos? Seria demais agregar aqui as consequências das constantes alterações nas políticas públicas voltadas para a Educação. Mas o verbo parece ser sempre o futuro imperfeito. Tudo funciona

na infinitude das palavras, dos infindáveis novos projetos de novos e velhos pensadores pagos pela reciclagem dos eleitos por nós mesmos. O Universo Escolar é realmente Infinito: de possibilidades concretas ou de coisa alguma. Estamos na constante *escolha entre a luz e o lado sombrio da força*.

As digressões que realizei até aqui servem de ponto de partida para qualquer proposta que se pense em termos de tentar romper com parte dessas estruturas, como é caso de meu trabalho. Escola, Casa e Políticas Públicas formam um tripé que deve ser levado em consideração como pano de fundo, como contexto mais amplo, no qual se insere qualquer atitude tomada por um docente na busca por uma mudança na sua prática.

E dentro destas estruturas, é preciso encontrar uma “brecha”, um espaço para a dissecação desta realidade, daquilo que experimentei de fato durante um trabalho de mais de vinte anos. Relatar observações de décadas, cercado pelas paredes de uma classe, e a conduta discente durante “o despejar de conteúdos”, surge da necessidade de ir além, de colocar para fora um conhecimento produzido pela experiência. Abraçamos a crítica de Pedro Demo, quando este afirma:

A atração da pesquisa empírica está principalmente na característica de permitir com facilidade o tratamento da realidade, ainda que em doses pequenas e por vezes forçadas. Para quem vive na sala de aula, perdido em extrema indigestão teórica, cercado por intermináveis questiúnculas metodológicas, especulando sem parar, a empiria significa oportunidade para testar até que ponto o que se pensa bate com a realidade, embora não seja o caso supor caminho direto. Certamente, no contato com a realidade reconstruída descobrem-se coisas que a teoria sequer havia suspeitado. (...) O contato com a realidade concreta facilmente cura o vedetismo teórico, a crítica desenfreada, a exasperação ideológica. (...) Em termos de planejamento, uma coisa é imaginar o desejável, outra é propor o viável. Quando se mexe com a realidade concreta, cai a máscara da empáfia teórica. Por vezes, uma simples pessoa do povo opera melhor soluções viáveis, do que incríveis teóricos (DEMO, 2008: 39-40).

A realidade concreta, dita por Demo, eu complementaria através de uma analogia: durante a graduação aprendemos a montar uma bicicleta; compreendemos como andar na bicicleta; as ruas tornam-se então menores e quanto mais velocidade eu passava a aplicar mais rápido eu chegava onde eu almejava; uma sensação de poder, de uma capacidade que desconhece limites, me invadia. Olho para trás, olho para os lados e o mundo diminui, eu o abraço! Então eu bato! Arrebento-me!

Pulverizo-me! Havia na minha frente um muro que eu desconhecia: a realidade da sala de aula.

## 1.2. História, memória e mudança

A necessidade de mudanças é uma constante na Educação Escolar. Mudar e obter o mesmo resultado é como trocar a roupa: a essência é a mesma. Infelizmente isso é uma regularidade apresentada pelas secretarias de educação. Na verdade não há tempo para saber se as teorias propostas darão resultado. Batem de frente com a desconfiança, natural e compreensível do corpo docente, enquanto parecem fazer algum sentido. Os mandatários, eleitos pelo sufrágio universal, mudam levando todo séquito, e, aos vencedores da *peleja*, cabe o direito para implantação de novas ideias. Como educador não devo esperar por situações novas estabelecidas pelos órgãos competentes. Claro, toda ajuda é bem vinda. Mas noto que a minha classe, em sua maioria, está em um processo de lamento constante impedindo-a de se desenvolver profissionalmente; ou, as lágrimas, a queixa, o gemido, o plangor, o pranto, o queixume, são uma ferramenta permanente de justificativas para não fazer nada além da prática considerada a básica. Fato que, quando em situação inversa, era amplamente criticado no auge do fervor estudantil. Ao menos esta é, no mais das vezes, a minha impressão.

Mudanças são produzidas para que objetivos sejam alcançados. A mensagem, desenvolvida em sala de aula, deve ser compreendida. Os meios, as formas de trabalho, devem ser reinventados para o alcance da meta: “- O meu aluno compreende.” O tempo verbal é fundamentalmente o presente: “- Ele (ela) compreende, sabe, faz, deseja.” Mesmo para avaliações na Disciplina de História, devemos subverter o tempo passado, tornando-o uma ferramenta para o hoje. E é neste sentido que vejo a diferença entre Memória e História, pois, segundo Pierre Nora:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas

revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.

(...)

A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993: 09).

Nessa perspectiva apontada por Pierre Nora, o recurso à memória como um elemento a ser trabalhado em sala de aula aproximaria os alunos de suas realidades, uma vez que, se trataria de incentivar a ativação de suas memórias pessoais e locais. Algo que, segundo Pierre Nora, a História, tal como é produzida e ensinada, não alcança.

Tudo aquilo feito ou dito, como algo para um período de tempo pré-determinado, parece estabelecer um “prazo de validade”: *fez, entendeu e acabou*. É justamente quando trabalhamos com o sentimento, e, não somente com a obrigação de fazer, que tudo que é construído permanece. Como não aproveitar a *inteligente e sensível* letra da canção “Here”s To You” (“Isto (aqui) é para você”), de Brooke Fraser<sup>2</sup>:

Um brinde às rugas do nosso rosto  
Para cada vitória duramente conquistada  
Um brinde às perdas que nos fizeram crescer  
Que mataram nosso orgulho e encheram nossas taças

Um brinde às amizades bem gastas  
Que o tempo e a distância não alteram  
(...)  
Bons tempos de companhia e memória

(...)  
Um brinde à passagem da nossa juventude  
(...)  
Este é o meu legado  
(FRASER, “Here”s To You”, 2010)

---

<sup>2</sup> Brooke Gabrielle Fraser Ligertwood mais conhecida como Brooke Fraser (nascida em 15 de Dezembro de 1983 em Wellington, Nova Zelândia) é uma cantora de origem da Nova Zelândia. Ela é integrante do grupo Hillsong United e também canta solo. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Brooke Fraser](http://pt.wikipedia.org/wiki/Brooke_Fraser)> Acesso em 22 mar. 2013.



A História precisa ser transformada no meio através do qual se possa chegar a uma percepção e compreensão do presente, em algo que realmente faça sentido na sala de aula. Mas é primordial que o alunato fundamentalmente enxergue dessa forma. E os sentimentos servem perfeitamente como aglutinadores para que a memória não abandone a informação (estou falando da essência, não da *decoreba de nomes, fatos e datas*). Abordar o passado sem perder a conexão com o presente. Preferencialmente com o presente local, como afirmam Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli:

A valorização da história local pelos historiadores teve reflexos nas propostas curriculares nacionais, como se pode observar nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (1997-1998) e para o ensino médio (1999), nos quais as atividades relacionadas com o estudo do meio e da localidade são, enfaticamente, indicadas como renovadoras para o ensino da História e salutaras para o desenvolvimento da aprendizagem (CAINELLI; SCHMIDT, 2009: 138).

Sempre que realizei trabalhos que envolviam o local, a *aldeia* de meus alunos, os resultados foram surpreendentes. A memória deles parecia algo inédito para mim, como um novo ser vivo para ser classificado avidamente pela Ciência. Falar de conteúdos distantes de suas realidades, por mais que eu *puxasse* para o presente, e, conseguisse produzir algum sentido imediato, era como macarrão pré-pronto: rapidamente engolido, com gosto artificial, facilmente esquecido.

Se, como profissionais de sala de aula, construirmos o elo entre *passado, sentimentos, presente e a localidade*, dos nossos alunos, talvez coloquemos em suas almas uma força que vai tirá-los de toda e qualquer letargia, dando-lhes a possível consciência do que é ser sujeito histórico. Poderão ir além com suas mentes, relacionar o velho e o novo, o distante e o perto, o ontem e o agora; mas fundamentalmente não esquecer que história é vida, portanto envolve a essência do ser humano. E quais foram minhas buscas, alternativas, brechas, ao longo deste desenrolar de aulas e conteúdos programáticos? Passo a relatar, agora, algumas tentativas.

## 1.3 Busca pela contribuição para o aprender História na sala de aula

### 1.3.1 Deu Xibum!!!

Antes de qualquer coisa, cabe ressaltar que não estou relatando algo excepcional. Mas para quem estava trabalhando com o básico, durante mais de dez anos, qualquer atividade diferenciada realmente traria estímulo para uma rotina que se tornava cada vez mais torturante, modelando uma sensação de inutilidade extrema.

O primeiro trabalho onde externei a intenção de realizar algo diferente, anormal e desigual, foi em uma atividade interdisciplinar com a professora de Língua Portuguesa, e grande amiga, Rosane Alves Rodrigues, ainda hoje colega de escola. A iniciativa aconteceu durante uma campanha de prevenção à gravidez na adolescência e às doenças sexualmente transmissíveis, com turmas de sétima série (hoje, oitavo ano). Pacientemente a minha amiga ouvira as minhas queixas com relação à mesmice de meu trabalho na sala de aula. Ela, como excelente profissional que foi, é, e continua sendo, sempre trabalhou com teatro, incluindo pequenos esquetes. Combinamos a parceria, onde o papel de *escritor* ficaria por minha conta e risco, e, a direção, a cargo dela.

Minha inspiração veio através do filme 'Everything You Always Wanted to Know About Sex (But Were Afraid to Ask)' ou Tudo o que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo (Mas Tinha Medo de Perguntar), escrito e dirigido por Woody Allen, em 1972, e baseado no livro de David Reuben<sup>3</sup>. Recorri ao site *Wikipédia*<sup>4</sup>, em que pese as críticas generalizadas ao uso do mesmo em ambientes de ensino, pois resume bem o sétimo e último segmento do filme, o qual tomei como referência para a produção do esquete<sup>5</sup>:

7º Segmento: What Happens During Ejaculation? (O que acontece durante a ejaculação?) - O interior do corpo humano masculino é mostrado como um veículo cujas funções são controladas em

---

<sup>3</sup> David Reuben: médico, perito em sexo e autor do livro "Tudo o que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo (Mas Tinha medo de Perguntar)".

<sup>4</sup> <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Everything\\_You\\_Always\\_Wanted\\_to\\_Know\\_About\\_Sex\\*\(\\*But\\_Were\\_Afraid\\_to\\_Ask\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Everything_You_Always_Wanted_to_Know_About_Sex*(*But_Were_Afraid_to_Ask))>. Acesso em 24 mar. 2013.

<sup>5</sup> Esquete, do inglês *sketch*: pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente cômicas, com menos de dez minutos de apresentação.

diversos compartimentos nos quais uma grande tripulação realiza várias tarefas e opera diferentes máquinas (parodiando organizações tecnológicas como a NASA). As operações mostradas envolvem a situação de um encontro amoroso do homem com uma mulher (Erin Fleming) e são descritos todos os esforços da tripulação com o objetivo de alcançarem um coito bem-sucedido. O chefe de operações que fica no cérebro é interpretado por Tony Randall; o seu auxiliar operador do painel de controle é Burt Reynolds. Os espermatozoides (um deles interpretado por Allen, que teme o "desconhecido") agem como paraquedistas se preparando para os saltos.

Embora eu pudesse tratar a *intervenção* como uma espécie de *História Social Contemporânea*, a verdade é que, após tanto tempo fazendo mais do mesmo, foi extremamente gratificante ver os alunos envolvidos, e, a atenção dada pela *plateia*, formada por toda comunidade escolar, nas várias apresentações. Transcrevo, a seguir, o texto original do esquete interpretado pelos alunos da 7ª (atual 8º ano):

### ***Deu Xibum !!!***

#### *1. Espermatozoides conversam no momento do ato sexual:*

- *Não paramos “pra” ninguém [em coro]!*
- *Bis.*
- *Bis.*

#### *Ou alternando com:*

- *“Vamu” vaza [em coro]!*
- *Bis*
- *Bis*

#### *2. Espermatozoide Líder:*

- *Não!!! É furada!!! Para o trem!!!*

#### *3. O restante do grupo:*

- *“Parô” por quê? Sai da frente! Pisaram na minha cola! Tem muita gente! Tão mi coxando! Tenho medo de lugar fechado!*

#### *4. Espermatozoide Líder:*

- *Não tem camisinha!!!*

#### *5. O grupo:*

- *Aí turma, “parô” mesmo! “Tá” sem preservativo!*
- *Perdi a vontade! Que droga!*
- *Tem muita pressão! “Vamu” assim mesmo que “tô” ficando sem ar!*

*[O grupo se divide]*

6. Grupo do bloqueio / com espermatozoide líder:

- E se o outro lado tiver “DST”!?
- E se aqui tiver “DST”!?

7. Grupo do não tá nem aí:

- O que é uma DST?
- [Respostas ridículas] Deus Sabe Tudo; “Denovo” Sem Terra; Doce Sem Tempero ...

8. Grupo do bloqueio:

- Doenças Sexualmente Transmissíveis.

9. Grupo do não tá nem aí:

- Podem estar no meio de nós!!!
- Como reconhecê-las? Somos tantos que nós mesmos não nos conhecemos! Eu não te conheço! Também não te conheço! Também não te conheço! [os espermatozoides apontam para todos os companheiros]

10. Grupo do bloqueio:

- Não esqueçam a paternidade!
- Um de nós pode ser transformar em uma criança!

11. Grupo do não tá nem aí:

- O que é uma criança?

12. Grupo do bloqueio:

- Eles choram, comem, são vestidos e precisam ser amados!

13. Grupo do não tá nem aí:

- “Qualé” o problema?

14. Grupo do bloqueio:

- Nosso patrão é tão novo que ainda chora e precisa de dinheiro para comer e vestir! Ele não pode criar se ainda é criado!

15. Grupo do não tá nem aí:

- Eu é que não quero ser filho dele! Nem eu! Nem eu! Nem eu! Nem eu! Nem eu! Nem eu! [todos os espermatozoides, em desespero].
- Greve! Greve! Greve! [todos os espermatozoides em coro].

16. Grupo do bloqueio:

- Avisem a cambada neurônica lá de cima! [No mesmo instante chega um “neurofax” da “neurolândia”]

17. Neurônio [entregando o “neurofax”]:

- Aí ó, quem é o responsável?

18. Espermatozoide líder [após abrir a correspondência]:

- *“Vamu acalmá” que a coisa caiu! DEU XIBUM!*

19. *Todo o grupo:*

- *Xibum ???*

20. *Espermatozoide Líder:*

- *A companheira do patrão, quando viu que não tinha camisinha, gritou: “Xiii!!! - saiu batendo a porta: Bum !!!”.*

Embora não houvesse qualquer relação direta com a disciplina de história ou os conteúdos nela trabalhados, a experiência de uma atividade prática, mesclando dramaturgia com conteúdo a ser desenvolvido, permitiu uma aproximação com o universo real dos alunos, sua linguagem, e suas reações. Abriu-se uma janela, pela qual pude ver que o caminho do envolvimento (que me levaria a pensar, depois, em sentimentos) era a chave que buscava para possíveis rupturas em minhas práticas. Resultou daí, a proposta da atividade “Vidas nas paredes”.

**Fotografia 01: Alunos da 7ª série (atual 8º ano) da Escola Mascarenhas de Moraes durante o esquete teatral.**



Fonte: foto de André do Nascimento Veríssimo

**Fotografia 02: Alunos da 7ª série (atual 8º ano) da Escola Mascarenhas de Moraes durante o esquete teatral.**



Fonte: foto de André do Nascimento Veríssimo

### 1.3.2. Vidas nas paredes

Buscando esse “sentir”, essa união entre sentimento, emoção e conhecimento histórico, visando que o meu aluno *incorpore* e se reconheça um sujeito que é *pura história*, em 2008, para a Mostra Cultural da Escola Nossa Senhora Medianeira, na cidade do Rio Grande, eu determinei que cada estudante da quinta série (hoje, 6º ano) e da sexta série (hoje, 7º ano), sendo quatro turmas para cada adiantamento, resgatasse, na sua casa, uma fotografia.

A fotografia foi a primeira forma concreta para a captação visual de um instante e de forma imediata: *e o que os olhos veem o coração sente*.

Cada indivíduo, de cada sala de aula, de cada turma que trabalhou comigo naquele ano, deveria me trazer uma fotografia que fosse de extremo significado pessoal, mesmo que ele próprio não estivesse na imagem resgatada, não importando quando fosse tirada.

O objetivo foi resgatar um momento especial na vida de cada aluno, procurando demonstrar, através de suas vidas, a importância da História e a História mais importante, no caso, a história de vida deles, dos meus alunos. Houve um planejamento inicial: as fotos seriam ampliadas, na fotocopiadora da escola, para o tamanho A4 (ampliações coloridas ficariam por conta dos próprios alunos

interessados). Seriam identificadas e acompanhadas de uma justificativa para o motivo da predileção daquela imagem.

Ah, o Tempo: *Espectro* que rouba constantemente momentos de maior duração em nossas vidas. Não houve o devido *tempo* para digitar as identificações e as justificativas (em tamanhos consideráveis para acompanhar cada imagem correspondente). Mas o resultado final surpreendeu a todos. Duas paredes de uma sala de aula, utilizadas para *As Vidas De Meus Aprendentes*, vidas em paredes, ficaram completamente preenchidas, vivas.

Quando da visitação por parte de pais e responsáveis, na busca pela imagem escolhida pelos alunos, ocorreu a descoberta de outras vidas, de outros momentos esquecidos de suas existências. Não existe outra ciência que acolha a *Vida*, em toda a sua plenitude, como a História: de uma forma descarada, abusada, mas, por muitos, pouco percebida.

**Fotografia 03: Painéis com as fotos do projeto “Vidas nas Paredes”, na Escola Nossa Senhora Medianeira.**



Fonte: foto de André do Nascimento Veríssimo



**Fotografia 04: Alunos da quinta série (hoje, 6<sup>o</sup> ano) da Escola Nossa Senhora da Medianeira durante o projeto “Vidas nas Paredes”.**



Fonte: foto de André do Nascimento Veríssimo

### 1.3.3. Patrimônio, memória e sala de aula

Estátuas, bustos, praças e prédios. Esquecimento e memória.

É comum o trabalho, construído pelo professor de História, olhar além da “casa” do seu educando. É a História do Mundo, a dita História Geral, História do Brasil e, em escala praticamente nula, do próprio Estado.

Como exigir o respeito ao passado se não ensinamos sobre esse passado. Na verdade é um período que não pode ser esquecido, porque não foi mostrado. Quanto de nosso patrimônio foi “exterminado” sem que ocorressem movimentos significativos em contrário?

Devemos parar de direcionar nossos olhares para “a casa dos outros”. Não que suas histórias não tenham significados e legados para a nossa própria realidade. Mas quanto mais antiga e mais distante for a História menos significativa ela será. E a nossa memória, a memória do “nosso quintal”?



Memória e identidade não são somente resgatadas, mas construídas. A memória dos educandos está em formação, em desenvolvimento. A sala de aula é um dos espaços para a construção da memória (em minha opinião, a família deveria ser o primeiro espaço). O professor contribui com histórias que não estão presentes no espaço original do seu aluno. E o faz de forma fragmentada, pois a sequência apresentada salta através de eras, épocas e fatos, e coloca a “História dos Outros” acima da História de vida, real e concreta, logo atual, dos *aprendentes*. Por que, então, se deveria esperar que ele respeitasse a própria História, o seu ambiente, a sua casa? É exigida uma postura que não é ensinada, demonstrada e valorizada.

Antes de apresentar a sua visão sobre memória, cultura e preservação do patrimônio, o professor deveria considerar a bagagem pregressa dos alunos. É imperioso desenvolver a consciência histórica. Estar ciente. Saber o próprio papel, enquanto sujeito, na História. Os professores (pedagogos raramente comprometidos com a ciência História), do atual quinto ano (quarta série), começam de *forma correta*, trabalhando o núcleo familiar, no nosso caso Rio Grande e Rio Grande do Sul. Deveríamos dar sequência ao que fora apresentado inicialmente, complementado aquele trabalho de base.

Fico tentando imaginar a cabeça dos nossos *aprendentes*, buscando assimilar essa mudança, esse corte, esse massacre mental. Sabemos (pelo menos penso que sabemos) o quanto um ordenamento é premente no desenvolvimento de uma criança. Nós, historiadores, quebramos essa ordem. *Ajudamos*, inclusive, na desestabilização da identidade do nosso aluno. O profissional de História: empolgado, empolado, embebido de um conhecimento total sobre a humanidade, sobre o universo, totalmente ensandecido e quase descontrolado tem a total certeza que o conteúdo que desenvolve é fenomenal. Afinal ele não somente mostra o mundo, ele mostra outros mundos. Somos alimentados por um ego que nos engole facilmente. Ficamos cegos pela pretensa grandiosidade daquilo que a disciplina alardeia. Não enxergamos o quanto é verdadeiramente grande o que podemos ensinar. *A História que deveríamos e como deveríamos apresentar.*

A Escola, e nós, professores de História, Historiadores, devemos ajudar na compreensão de que identidades são fruto de construções históricas. É a base necessária para que o educando passe a ter noção de que é um sujeito ativo dessa *História Totalizante* que pretensamente desejamos ensinar. Esquecemos como

funciona a construção de qualquer edificação: o alicerce, a base vem em primeiro lugar. O bairro do nosso aluno (poderíamos começar trabalhando, inclusive, a noção de família). A sua casa, como um patrimônio inicial. *Lentamente* ampliaríamos a visão de tudo aquilo que, descontroladamente, desejamos que ele (o aluno) veja. À medida que nos afastamos do ponto inicial, como o universo após o *Big Bang*, do *seu tempo e espaço*, devemos estabelecer outra construção, uma ligação, uma ponte permanente com o presente, a vida, o local do aprendente, palpável, que, bem ou mal, faz sentido. Como a vida e o tempo de outros podem fazer algum sentido, serem conhecidas, sem que haja uma ligação com a realidade do nosso discente? Há muito penso que contribuímos (ignorância fantasiada de conhecimento amplo e irrestrito) com a mutilação de identidades.

Em dois mil e nove, em uma Mostra Cultural da Escola Medianeira, com o objetivo de fazer o aluno compreender o seu papel como sujeito histórico, estabelecendo, para ele, uma identidade com o lugar em que vive, com a História a que pertence, foi proposta a seguinte *tarefa*: fotografar a própria casa (o exterior), ou a rua, ou bairro de residência. De forma alguma deveriam resgatar o *patrimônio comum, os monumentos históricos ou prédios considerados como tal* (não possuem significado algum para o meu aluno, pois pouco havia trabalhado com tal perspectiva).

As fotos, devidamente identificadas, foram apresentadas em uma sala e projetadas entre as imagens de épocas passadas e do presente da cidade de Rio Grande (havia, também, um mapa ampliado da cidade, para que pudessem efetuar a devida situação espacial de seus lares). Em cada apresentação, alunos, professores, funcionários da escola, responsáveis, e outros visitantes, deveriam compreender a ligação entre *o que foi* e *o como está hoje*. Compreendendo que o seu patrimônio presente e o patrimônio cultural, os bens culturais, devem ser valorizados da mesma forma. Que a sua vida presente não pode ser dissociada do passado ou do futuro onde vive. Que o *tempo*, na História, possui *três personalidades*, passado, presente e futuro, mas todas dentro do mesmo *indivíduo*. Esta ligação que se pretendia, entre a História e a realidade cotidiana dos alunos vai ao encontro do que aponta Ulpiano Meneses:

Não se estudam fontes para melhor conhece-las, identificá-las, analisá-las, interpretá-las e compreendê-las, mas elas são

identificadas, analisadas, interpretadas e compreendidas para que, daí, se consiga um entendimento maior da sociedade na sua transformação (MENESES, 2003: 26).

Novamente, nessa atividade, foram as fotografias o meio através do qual busquei uma aproximação entre minha proposta de ruptura com o conteúdo programático e o universo pessoal, individual e *histórico* de meus alunos. E elas voltariam a ter importância no futuro.

#### 1.3.4. Sinergia

Em 2010 e 2011 eu produzi mostras (na mesma escola) sem a participação do aluno, apenas como docente preocupado em falar sobre a sua disciplina. Em 2010 foram projetadas imagens sobre os anos 50, 60 e 70 (acompanhadas do Rock'n Roll no período), sobre todos os aspectos possíveis que envolvem a vida humana. Promoveu a curiosidade dos mais novos e a saudade dos mais velhos. Sensibilizou. Era a como se o Tempo parasse, e o seu passar fosse entendido (promover tal consciência é muito difícil – em raros momentos esse *insight* surge). É tão *trincado* descrever a passagem do tempo que gostaria de *ilustrar* tal dificuldade através de primeira estrofe da *Poética*, de Vinícius de Moraes, com a devida interpretação do professor Dílson Catarino<sup>6</sup>.

#### Poética

De manhã escureço  
De dia tarδο  
De tarde anoiteço  
De noite ardo.  
(...)

Na primeira estrofe, o poeta estabeleceu uma conexão entre os espaços de tempo que instituem o dia (manhã, tarde, de e noite), a fim de caracterizar a passagem do tempo. Trabalhou com a antítese, demonstrando que a sequência temporal que forma a vida é cheia de contrastes, de negação: manhã x escureço, talvez por interpretar manhã como o início, a inexperiência; tarde x anoiteço, talvez por interpretar anoiteço, como cobrir de trevas (um dos significados, figurado, de trevas é estupidez, ignorância; noite x ardo (perceba que arder, além de significar consumir-se em chamas, também significa estar aceso). É a ambiguidade da vida: no início, a inexperiência

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://dilsoncatarino.blogspot.com.br>. >. Acesso em 22 mar. 2013.

marca nosso viver; na adolescência, a ignorância, a habilidade, a prática da vida.

Em 2011, Eu e o *Windows Movie Maker* fomos além, com relação a explorar o *Passar do Tempo*. Montei um vídeo, de 25 minutos, sobre a História Universal, explorando desde o início do universo até um possível futuro. Infelizmente terei que refazê-lo, pois uma falha, no HD de meu computador, não permitiu salvar, *todas as fontes empregadas*, como um único vídeo. A montagem, finalizada, seguiu o seguinte roteiro:

<p>Abertura          Título: SINERGIA: HISTÓRIA, CINEMA E MÚSICA.          Trilha: A Morte de Arthur, de Richard Wagner.</p>
<p>Parte 01          Texto: Sinergia: a soma das partes é maior do que o todo, porque as energias se unem para um fim comum.          Trilha: trilha sonora original do filme 'Final Fantasy: The Spirits Within', 'Code Red', de Elliot Goldenthal.</p>
<p>Parte 02          Texto: O Princípio, o Big Bang, a formação de TUDO...          Trilha: An Epic Age, do álbum 'Trailerhead', da empresa musical 'Immediate Music'.          Imagem: My 3D Animation of Big Bang Theory.</p>
<p>Parte 03          Texto: Dinossauros: surgiram há 230 milhões de anos atrás. Desapareceram há 65 milhões de anos.          Trilha: 'O Elefante', em 'O Carnaval dos Animais', de Camille Saint-Saëns, e, trilha sonora original do filme 'Daybreakers', track 'Ambush', de Christopher Gordon.          Imagem: trailer do filme: 'Dinossauro'.</p>
<p>Parte 04          Texto: cinco milhões de anos atrás: Australopithecus: até o momento a espécie mais antiga que 'pode ter algum parentesco' com a espécie humana atual.          Trilha: trilha sonora original do filme '2001 A Space Odyssey', Also Sprach Zarathustra, de Richard Strauss.          Imagem: '2001: A Space Odyssey'; sequência: 'o surgimento do homem'.</p>
<p>Parte 05          Texto: E a humanidade 'evoluiu', não só para o domínio do planeta, mas para o conflito com sua própria espécie. A batalha das Termópilas, em 480 antes de Cristo, na Grécia. Ali, 300 espartanos sob o comando de Leônidas, enfrentaram milhares de persas.          Trilha: trilha sonora original do filme 'Águila Roja', track 'Himno De Los Tercios', de Daniel Sánchez de la Hera.          Imagem: Filme 300. Sequência da 'primeira batalha contra os persas'.</p>

<p>Parte 06</p> <p>Texto: A História não precisa de exércitos para ser escrita. Bastam ‘Três Homens em Conflito’.</p> <p>Trilha: trilha sonora original do filme ‘Il buono, il brutto, il cattivo (Três Homens em Conflito), ‘L'estasi Dell'Oro’, de Ennio Morricone.</p> <p>Imagem: ‘Il buono, il brutto, il cattivo’ (Três Homens em Conflito), sequencia: ‘L'estasi Dell'Oro’, ou o ‘Éxtase do Ouro’.</p>
<p>Parte 07</p> <p>Texto: Mas, somos uma espécie de muitas faces e fases. Continuamos existindo porque ainda são muitos os que acreditam em nossa Humanidade.</p> <p>Trilha: trilha sonora original do filme ‘The Ghost and the Darkness’, ‘Welcome To Tsavo’, de Jerry Goldmith, e, Stand By Me, para ‘Playing For Change Song Around the World’ – sendo esta última executada pelo próprio <i>clip</i> aproveitado na montagem.</p>
<p>Parte 08</p> <p>Texto: Esta canção diz: Não importa quem você é, não importa aonde você vá em vida, em algum momento você vai precisar de alguém, para ficar com você. Quando a noite vem. E a terra é escura. E essa lua é a única luz que veremos. Não eu não vou ter medo. Não vou não, derramar uma lágrima. Desde que pessoas como vocês, fiquem ao meu lado.</p> <p>Imagem: <i>clip</i> Stand By Me, para ‘Playing For Change Song Around the World’.</p>
<p>Parte 09</p> <p>Texto: E a História não tem um Fim. O Futuro é uma constante, sempre preso ao Passado...</p> <p>Trailer e música: Mind Heist, de Zach Hemsey, para ‘2001 A Space Odyssey’.</p>
<p>Parte 10</p> <p>Texto: Sinergia: a Ação em conjunto, de Vidas separadas, para obtenção de um mesmo objetivo. História é Sinergia, onde somos Partes Fundamentais do Todo. Nós Formamos o Todo. Nós Somos a História. E a História não tem um Fim. É um círculo, onde os pontos que marcam o início e o término se misturam. São muitos os pontos. Nenhum deve ser esquecido...</p> <p>Trilha: These Boots Are Made For Walking, Nancy Sinatra; enquanto é projetada uma série de imagens para uma revisão cronológica, até o momento final, quando o planeta Terra chega à marca de sete bilhões de habitantes.</p>

Essas foram experiências breves e, como já destacado, sem a participação direta dos alunos em sua produção. Contudo, especificamente quanto à segunda, com o vídeo, minha intenção era provocar suas sensações em relação à passagem do tempo. Sua relatividade. Sua aparente brevidade. E o recurso às imagens, combinadas com sons, no caso músicas, provocou a esperada reação de estranhamento e impacto. E, novamente, as imagens pareciam ser uma forma direta de “comunicação” com meus alunos.

#### 1.4. No caminho havia uma lembrança

Memória e Narrativa. Sentimento. As nossas emoções ativam e são ativadas pela memória. Se o objetivo é a memória, devemos estabelecer um ponto de partida, um elemento para o estímulo. Um cheiro, uma música, um objeto, um alimento ou uma imagem. Vivemos em uma realidade totalmente dependente da visão, ou melhor... das imagens. Mesmo imaginadas, pensadas, sonhadas, criadas. De alguma forma, mesmo trabalhando os outros sentidos, uma imagem estará presente. Mas a prática comum de sala de aula não busca essa relação, como a própria ciência História muito pouco o faz, como afirma Ulpiano T. Bezerra de Meneses:

No entanto, vale notar que é preciso evitar ilusões: a História, como disciplina, continua à margem dos esforços realizados no campo das demais ciências humanas e sociais, no que se refere não só as fontes visuais, como à problemática básica da visualidade. Se examinarmos algumas obras de caráter introdutório (...), que expressa o padrão médio da formação universitária francesa no domínio, concluiremos que estamos ainda longe do patamar já atingido na Sociologia e na Antropologia: o objetivo prioritário que os autores propõem (...) é iluminar as imagens com informação histórica externa a elas, e não produzir conhecimento histórico *novo* a partir dessas mesmas fontes visuais.

(...)

Com efeito, a História continua a privilegiar ainda hoje, a despeito da ocorrência de casos em contrário, a função da imagem com a qual ela penetrou suas fronteiras no final do século atrasado. É o uso como ilustração. Certamente, de início, a ilustração agia com direção fortemente ideológica, mas não é menos considerável seu peso negativo, quando o papel que ela desempenha é o de mera confirmação muda de conhecimento produzido a partir de outras fontes, ou, o que é pior, de simples indução estética em reforço ao texto, ambientando efetivamente aquilo que de fato contaria. Caso “criar clima” tiver que ser a função única ou primordial da imagem, para o historiador, é melhor aloca-la de vez numa História meteorológica (MENESES, 2003: 20-21).

Se, como aponta Ulpiano Meneses, a própria ciência histórica apresenta ainda dificuldades para lidar com as fontes visuais, o mesmo ocorre quando se trata de utilizar estas fontes nas práticas de ensino de história. Embora muitas e frutíferas experiências estejam sendo feitas neste campo, há ainda que se considerar o potencial destas fontes. As fontes visuais (especificamente, as fotografias) podem ser utilizadas em um duplo sentido: como fonte para que os alunos construam suas

narrativas de vida; e como estímulo às memórias, às reminiscências, às lembranças, fundamentais para que se possa despertar a consciência para seu papel como agentes históricos.

Conjecturamos, então, que um professor decida fazer uso de fotografias para sensibilizar seus alunos quanto ao seu papel como agentes históricos. E suponhamos que essas fotografias sejam dos próprios alunos, com fragmentos visuais de suas vidas. As regras do jogo: um mínimo de quinze fotos, por aluno, que devem servir para a construção de “uma” narrativa que contará a história de uma vida. Uma entre tantas formas para uma entre tantas histórias. Suponhamos que dez alunos se integrem à atividade. Dez pessoas que, de alguma maneira, fizeram parte, direta ou indiretamente, dos momentos daquelas fotografias serão dez maneiras diferentes de contar um fragmento estendido no tempo. Pontos de vista. O mesmo intervalo de tempo contado, revisitado das mais variadas formas. São mentalidades diferentes com capacidade de absorção para informações de uma forma diversificada, única, maior ou menor. As lembranças serão traduzidas para informações coerentes (narrativas) que cheguem perto do que foi, mas nunca mais como exatamente foi.

E depois? Eles se perceberão enquanto sujeitos na História? Irão enxergar que sua História é a História que deverão reconhecer antes de tudo, antes de todos? Que a História individual faz parte de uma História coletiva? Que nossas vidas estão interligadas, que não podemos existir sozinhos?

Enquanto docente sempre estive (e permaneço) em sala de aula. Passei pelo estágio do *quanto é maravilhoso contar sobre a aventura humana no planeta Terra para a fase do qual a minha utilidade para o discente (?)*. Uma utilidade que tenho dificuldades em identificar. A História não deve ser tratada como “um elemento do cotidiano”, parecendo comum e repetitiva, ou possuir aquela imagem de “difícil” como são rotuladas outras áreas do conhecimento. Os alunos (e vai no “pacote”, a “família”), independente do gênero e de suas atitudes que os caracterizam, necessitam compreender o “porquê” de conhecer a História, como ela funciona. Outras “matérias”, que não iremos colocar as suas denominações (para quem pensou em Matemática ou Língua Portuguesa, provavelmente estejam corretos), parecem possuir uma necessidade existencial que justifica a “sua importância”, o “estar acima” das demais áreas do saber humano. Antes de tudo, ao saber qualquer

“coisa”, é essencial que as crianças, ao entrarem no ambiente escolar, consigam entender porque “é decisivo saber”: puro e simples.

E o pertencimento? Qual o sentido em derramar sobre o meu aluno uma quantidade enorme de instantes que foram? Qual a utilidade? Quantos terão alguns segundos de um *insight* que as nossas vidas fazem parte de uma trajetória maior? Em que instante na vida daquele indivíduo esse conhecimento terá alguma serventia?

A informação pela informação não possui nenhuma utilidade. Estimular a curiosidade? O entretenimento, e os seus mais diversos meios, já executam isso de uma forma extremamente eficiente. Informações erradas? Quantas vezes os livros cientificamente didáticos já foram reescritos? Quantas vezes eles já estiveram errados? Quantos erros eles ainda perpetuam?

E agora? Qual a minha utilidade enquanto professor de história? Trabalhar com temas que reflitam os sentimentos que nos inspiram, que nos movem; (e então) fazer menção aos fatos históricos construídos pela humanidade e tentar mostrar que *como somos* ocorre porque os mesmos sentimentos que nos modelam hoje estavam presentes *naquilo que fomos*.

A História parece engolir a História. Uma multiplicidade de conceitos a colocam como uma ciência que pode representar o “tudo possível” de toda a ação humana. Afirmar que uma ideia para definir a ciência História é subjetiva, é relativo. Pois sendo um processo cognitivo a definição pessoal praticamente não existe, é consequência de pensamentos anteriormente elaborados por outros. A Historiografia, como interpretação, portanto uma ação subjetiva, possui a perene função de representação desse tentar entender o registro do fazer, do pensar humano. É a reflexão sobre a reflexão. Todo historiador possui uma motivação. O foco, a concentração do *seu fazer* (a busca por provas, fontes) e *seu pensar* (a análise dos vestígios, dos fragmentos, do passado) refletem essa motivação que faz parte do tempo do historiador e não do objeto pesquisado. Estudar a forma como um fato foi reconstruído é ir além, é entender também quem o reconstrói.

Mas como passar para o discente esta reconstrução? Como fazer com que um acontecimento passado seja entendido no presente? Como fazer com que ele tenha alguma função neste instante chamado, provisoriamente, *agora*? Um presente que é quase inexistente, na sombra de toda razão que possa ser colocada



como antítese ao hoje, ou como base para o hoje. Fazer a ligação entre o ontem e o momento atual é uma tarefa realmente ingrata, pois as mentes que tentamos incentivar, com novas perspectivas, já estão lotadas com preconceitos que determinam como prático, quando muito, apenas conhecer a fração do tempo que nos cerca (e que nos resta).

Como transformar sentimento e memória em ferramenta para o entendimento do conteúdo? E o conteúdo, o quanto é necessário? A Escola é uma ferramenta. Possui um propósito de existência. Perspectivas onde os conteúdos desenvolvidos na sala podem oferecer caminhos para um desenvolvimento, para uma melhora na mentalidade. Lembrar de alguns instantes do passado mais remoto é algo frustrante.

O tempo constrói mentiras nas verdadeiras lembranças. Qual o momento mais antigo preservado que possa ser realmente passado para as futuras gerações? Talvez, quando uma vida for aos poucos acabando, os detalhes de uma existência julgada eliminada sejam despejados, embora longe de uma recordação consciente.

Existe uma obrigação velada, não somente com a existência própria do indivíduo como para aqueles que o precederam, que o fizeram existir, e para com as gerações futuras. A recordação paga uma dívida, oferece um tesouro e deixa uma herança. Uma base que quanto mais ampla, maior será a estabilidade do espaço de tempo que vai do nascimento à morte.

E quanto do passado torna-se ficção no presente? Em uma vã tentativa de remontar momentos que se foram, são emendados, aos espaços falhos, apagados pelo tempo e pelo desejo, a mais descarada literatura barata no esforço de restaurar uma tela desgastada.

E agora? Posso usar odores, paladar, tato, audição ou a *visão* para provocar “sentimentalidades”? E antes que o leitor se confunda com o conceito de sentimentalidade, remeto à Eça de Queiroz, que através de uma passagem literária, nos convida a refletir sobre o que são sentimentos, de onde brotam, para onde nos conduzem:

... tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa

existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo condizia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações! (QUEIRÓS, 1982:125)

Aqui afirmo, com toda certeza, pela prática e convivência não somente com meus alunos, mas com os seus responsáveis, e sendo eu mesmo um pai, que toda e qualquer técnica que se limitar a objetividade de um mostrar, de um fazer conhecer, simplesmente, mesmo maravilhosamente *costurando* tempos distantes, se tudo isto não vier acompanhado do *sentir*, da emoção que nos aperta as entranhas e ascende a memória, não conseguiremos atingir, de maneira nenhuma, nossos aprendentes.

As vidas mudam, as realidades mudam. Somos uma sequencia de alterações. Assim *funciona a História*. Mas o que fica realmente? Não são as recordações? Tornamo-nos o que carregamos como lembrança? Quando a memória desperta? Os sentimentos permanecem até que ponto? Devemos mudar constantemente nossos métodos, acompanhando as mudanças? Mas tecnologia nova não é, e nunca foi, sinônimo de uma excelente aula. *Devemos ensinar a não esquecer os sentimentos*. Muito apropriadamente, Jörn Rüsen define:

(...) A memória é, a princípio, uma relação da consciência humana com o passado do qual se teve uma experiência própria. Este é o conceito mais restrito de memória. Trata-se do passado no interior do próprio tempo de vida. Mas ela se expande e é permeada e determinada pela memória coletiva, que se estende através das gerações. Dessa maneira, o alcance da relação com o passado amplia-se até um tempo da respectiva geração. (...) A consciência histórica inclui as lembranças individuais e a memória cultural, mas também outras atividades no convívio com o passado, principalmente aquelas a partir das quais são desenvolvidas as perspectivas de futuro. O discurso da memória ignora o fato de que não há memória sem expectativa (RÜSEN, 2012: 133).

Expectativas. Possibilidades. Como um somatório permanente de tudo que nos aconteceu, constituímos um presente ilusório que, em uma fração de milésimo de segundo, já se foi. Pensamos constantemente no que iremos realizar: as hipóteses futuras alicerçadas naquilo que já executamos, que passamos. Queremos melhorar, compensar, superar, justificar, somar, recuperar ações que se foram. A memória, enquanto ingrediente necessário a qualquer narrativa, faz desta

última um excelente campo para a percepção dos elementos que a compõe. Sobre a narrativa histórica, Jörn Rüsen nos alerta:

(...) a narrativa histórica segue contextos sociais, em que está em jogo nada menos que a identidade de cada convivência. Uma vez que este contexto da vida é sempre determinado pelo elemento dominante, as histórias contadas estão à mercê da orientação temporal sob pressões especiais e justificadas, em que está em jogo o narrador e seus destinatários (...).

Na narrativa histórica, pontos de vista desempenham um papel decisivo para a garantia de validade. A História como ciência pode agora ser entendida como um modo de narrativa histórica no qual esses pontos de vista recebem uma atenção especial: a História como ciência diferencia-se de todos os outros tipos de narrativa histórica, pelo fato de elaborar sistematicamente uma fundamentação elementar da validade das histórias narradas e de institucionalizá-las em uma estrutura de processos regulares (RÜSEN, 2012: 41).

Pontos de vista. Histórias narradas, adquirindo um sentido maior na medida em que se entrelaçam. Histórias que se somam. Sinergia, união de forças agindo simultaneamente para um propósito. Vidas que narram vidas não esquecidas pelo sentir.

Diante das reflexões decorridas até este ponto, chegamos à questão da percepção dos alunos sobre a História e sua relação com as trajetórias de vida de cada um. A questão do despertar, do reconhecer-se como um sujeito histórico, cuja história pessoal entrelaça-se com a História coletiva, no limite, de toda a humanidade. Por outro lado, a experiência da construção de narrativas pessoais através de um registro visual, as fotografias, permite também enfrentar a questão da narrativa histórica como uma “construção”, onde a subjetividade estará sempre presente. É nesse sentido que a Consciência Histórica, tal como a define Jörn Rüsen, pode ser despertada.

Voltemos então à nossa suposição. A de que um professor optasse por recorrer a fotografias pessoais dos alunos para a construção de uma narrativa de vida. De suposição, passamos à realidade. Esse foi o rumo que escolhi para uma experiência prática com meus alunos. Através dessa atividade, busco a aproximação com os pressupostos da Consciência Histórica de Jörn Rüsen. Aferir a validade do caminho da conscientização histórica através de uma experiência em sala de aula é, pois, uma das pretensões deste trabalho. O tempo do meu trabalho é o agora. Pretendo fazer o aluno se reconhecer como sujeito histórico através do emocional,

revirando suas memórias. E, através dessas sentimentalidades, dotar a História da sala de aula de um significado que faça sentido para eles.

## CAPÍTULO II - PERSPECTIVAS (A EXPERIÊNCIA EM 2013)

*“A vida não é a que a gente viveu,  
e sim a que gente recorda,  
e como recorda para contá-la”.*

**Gabriel Garcia Márquez**

### 2.1. O Começo

O presente trabalho buscou reconhecer nos discentes a conscientização histórica através das narrativas de suas histórias pessoais. Estas narrativas foram estimuladas por imagens próprias, fotografias particulares, carregadas assim creio, de emoções e sentimentos. Foram duas turmas, uma para cada escola de ensino fundamental e médio. Respectivamente: Nossa Senhora Medianeira e Mascarenhas de Moraes. Temporalmente, a experiência está situada entre os meses de outubro e novembro de dois mil e treze. Contudo, para chegar a tal proposta, fez-se necessário, além da minha trajetória como docente e as experiências que acumulei ao longo do tempo, uma reflexão sobre a realidade que cerca o meu aluno tomando por base determinados autores.

O tempo atual que nos envolve, impregnado da lógica de um consumismo amargo, valoriza representações de memória que possam significar algum tipo de ganho pelo ruído metálico do tilintar de moedas. Não é referência para o reconhecimento dos sujeitos, enquanto “atores” do processo histórico, desprendidos de qualquer interesse financeiro, objetivando a satisfação e a necessidade de aprender. São pessoas ou lugares que sofrem uma exploração desprovida de sentimento, ou melhor, revestida de uma falsa emoção na valorização do passado. Um tempo onde não importam as pessoas ou seus pertencimentos. Tudo é esquecido ou lembrado de acordo com o momento; nossas vidas nada representam em uma realidade acelerada e de mudanças que não devem ser abarcadas em conjunto como pretensa evolução. Segundo Marcia Conceição da Massena Arévalo:

(...) Pierre Nora desenvolve no seu já clássico texto *Entre memória e história – a problemática dos lugares*: a afirmativa de que não existe

mais memória, que esta só é revivida e ritualizada numa tentativa de identificação por parte dos indivíduos e que a sociedade utiliza-se hoje da história para lhe conferir lugares onde pode pensar que não somos feitos de esquecimentos, mas, de lembranças (...) (ARÉVALO, 2004: 02).

Ao ler “... que não existe mais memória, que esta só é revivida e ritualizada numa tentativa de identificação”, penso em meus alunos e na dita experiência narrativa realizada. São adolescentes que buscam seu lugar em um mundo inconstante. Constância que não encontram em casa, na escola ou entre amigos. Uma identificação que está somente no nome próprio. E onde estão os lugares que nos identificam e nos personalizam? Numa imagem? Uma fotografia pode provocar muitos efeitos: memórias com alguns segundos de coisas rápidas que mal foram percebidas. É uma alternativa para estimular nossa saudade, o desejo de retorno para um momento impossível de ser alcançado, um sentimento de pertencimento, uma identificação que velozmente desaparecerá. Como não ceder a palavra para Zygmunt Bauman, quando este afirma, por exemplo?

Essa obra de arte que queremos moldar a partir do estofado quebradiço da vida chama-se "identidade". Quando falamos de identidade há, no fundo de nossas mentes, uma tênue imagem de harmonia, lógica, consistência: todas as coisas que parecem – para nosso desespero eterno - faltar tanto e tão abominavelmente ao fluxo de nossa experiência. A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. Lutamos para negar, ou pelo menos encobrir, a terrível fluidez logo abaixo do fino envoltório da forma; tentamos desviar os olhos de vistas que eles não podem penetrar ou absorver. Mas as identidades, que não tornam o fluxo mais lento e muito menos o detêm, são mais parecidas com crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de ter tempo de esfriar e fixar-se. Então há necessidade de outra tentativa, e mais outra - e isso só é possível se nos aferrarmos desesperadamente a coisas sólidas e tangíveis e, portanto, que prometam ser duradouras, façam ou não parte de um conjunto, e deem ou não razões para que esperemos que permaneçam juntas depois que as juntamos (BAUMANN, 2001:97).

É uma luta permanente na busca de uma solidez, de uma construção firme. Mas quando conseguimos, torna-se provisória, temporária. Por mais tempo que permaneça, vai mudar, vamos mudar. Evolução ou involução, não importa. Somos um fluxo, um rio que pode alterar o sentido de sua vazão. A lembrança e a memória são como um leito para esse rio. E as fotografias podem fornecer a recarga

necessária, estimulando nossa memória e tornando nossa existência mais densa. Imagens e objetos, no presente, são acumulativos, meramente números. Estabelecem um *status* pela quantidade. Essa *multidão* de coisas guardadas e descartadas num processo contínuo e de sentido ilusório ou, provavelmente, sem nenhum sentido ou, pior ainda, sem que haja uma busca por algum sentido. Jorge Larrosa Bondía nos oferece sua visão sobre experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (BONDÍA, 2002: 21-22).

É como observo o estado de ser de meus alunos: uma busca constante. Além de uma característica constitutiva humana, faz parte do seu desenvolvimento. Todavia, a forma como a sociedade é construída, hoje, promove esse ente que “acha”. Acha que sabe, acha que realizou, acha que possui experiência ao correr em desespero para ser como os outros (sentimento este que o envolve sem que ele perceba): cada vez mais informado sem realmente saber coisa alguma. A vivência é perdida em algum ponto ou construída de forma frágil, sem base, sem uma estrutura firme: *o que eu quero, o que eu busco, o que eu desejo realizar*. Os sentimentos estão misturados, espalhados. Muito do sentir está esquecido, coberto por necessidades vazias que o Mundo do Excesso nos oferta.

A ação de um indivíduo possuir mais e ser exaustivamente notado (aqui exemplificando, de forma evidente, as redes sociais na web<sup>7</sup>), não importando o que faça, mas que o notem, cria a ilusão de um sentimento de pertencimento em uma sociedade que ele não compreende. Ele apenas age de acordo com os impulsos comuns a outros. E ter o objeto do momento, fazer parte de alguma tribo que externa esse instante fugaz, passageiro, e que logo perderá todo significado é a fórmula de convívio social que se observa na sala de aula.

“É uma época muito difícil para ser uma pessoa, apenas uma pessoa real, de verdade, em vez de uma coleção de traços de personalidade escolhidos de uma interminável máquina automática de personagens”.<sup>8</sup>

O ritmo empregado, a velocidade com que as novidades são apresentadas não determina mais uma época, um período em que o indivíduo possa realmente se identificar. A escola, enquanto espaço para apresentação de perspectivas, de caminhos e da compreensão do meio, perde significado. Aquilo que, comumente, é ensinado em sala de aula é facilmente esquecido. Se não possui mais utilidade, perde o sentido. É um “sentimento” de derrota, de tempo perdido. Cabe, agora, a *mui* bem vinda participação de Wilian Carlos Cipriani Barom e Luis Fernando Cerri:

O desafio que se apresenta ao ensino da história é o tornar consciente o passado enquanto tal, capaz de efetivamente orientar em direção ao agir futuro. Rüsen então propõe a articulação da consciência histórica como superação dos dados prévios da tradição. Ela partiria da tradição, mas não se basearia apenas nela. (...), Rüsen busca retomar a discussão referente à finalidade da didática, o “aprendizado histórico”, a partir da afirmação de que cabe ao processo formativo o desenvolvimento de competência da consciência histórica necessárias na orientação prática (BAROM; CERRI, 2011: 04).

Descaradamente roubo (de forma fragmentada e, para compensar o delito, complemento) parte da citação, quando Rüsen (2010c), com relação à *formação*, a define *como o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio* (RÜSEN, 2010c: 95). Os adolescentes, através de uma falsa certeza e

---

<sup>7</sup>A World Wide Web (termo da língua inglesa que, em português, se traduz literalmente por "teia mundial"), também conhecida como Web e WWW, é um sistema de documentos em hipermídia (hipermédia) que são interligados e executados na Internet.

<sup>8</sup>Passagem de *Garota Exemplar*, de Gillian Flynn (2012), p: 86.



entupidos de informação sem nenhuma experiência, não são capazes de interpretar a si ou o que os cerca. A “formação”, prossegue Rösen, *articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto realização ou de reforço identitário* (RÜSEN, 2010c: 95). Coisas fáceis não tem valor. Penso nos momentos de maior dificuldade quando leciono. Justamente o resultado esperado ou inesperado (mencionando, é claro, de forma positiva) surge após o máximo de dedicação, permitindo e promovendo o autoconhecimento do meu aluno. E, são (...) *competências simultaneamente relacionadas ao saber, à práxis e à subjetividade* (RÜSEN, 2010c: 95). É fundamental que o profissional de história, o professor, estimule o seu aprendiz para buscar o seu “eu”, mesmo que nunca o encontre, mas que não se perca na busca. E nada melhor que o incitamento da emoção e dos sentimentos.

Mas a provocação de sentimentos, do emocional, deixa uma “marca” intimamente presa ao fato relacionado. As emoções são causa e consequência. Se o emocional não for um reflexo de uma ação imediata (algum tipo de violência ou a leitura de um livro, por exemplo), ele então acontece através da lembrança, da memória: é consequência. Ou como causa, no momento de uma percepção, uma apreensão de um sentido (visão, tato, audição, paladar e olfato), a emoção brota provocando um impulso nervoso que passa de uma célula a outra. Surge uma cadeia de informação dentro de uma rede de neurônios. A lembrança é acionada para uma busca na memória. E ao encontrar o que procura provoca o desfecho para o despertar de um ou mais sentimentos.

Como forma de tornar concretas estas reflexões que se dão no plano teórico, as quais parecem encontrar eco nas experiências que tenho vivido como docente, percebi a possibilidade de realizar uma experiência. Esta prática não foi fruto de um lampejo ou ideia repentina, mas, sim, o resultado de uma série de atividades que já vinha realizando, como mencionado, na sala de aula. Todas elas marcadas pelo desejo da ruptura com o ensino tradicional, calcado na repetição enfadonha de métodos e procedimentos do ensino de História. Entre as atividades que realizei, destaco aquelas ligadas ao recurso de elementos como a música, o cinema e as fotografias. E dentre estes, particularmente, as fotografias. Acredito que essas fontes visuais operam estímulos no campo da memória, os quais permitem provocar as emoções e os sentimentos dos alunos. Ou, ataçam emoções e

sentimentos e acionam a lembrança para que abra as portas da memória? Ou tudo ao mesmo tempo agora? A ordem dos fatores, aqui, não importa.

Concretamente, a experiência teve por base realizar a construção de narrativas de vida por parte dos alunos. As fotografias pessoais de cada participante serviram como fio condutor de suas histórias. Nesse sentido, após a escolha das imagens fotográficas, cada aluno foi incentivado a descrever sua trajetória baseada nas fotos que selecionou. E para dar sentido e um ordenamento às suas narrativas, as mesmas foram transpostas para a forma textual, resultando em uma dupla narrativa, uma visual e outra textual, interrelacionadas. Dessa forma, uma vez lidas e analisadas, foi possível chegar a uma percepção de como os alunos compreendem o caminho que suas vidas seguiram, para logo estabelecerem um nexos com a História coletiva. A ideia é a de que os alunos, uma vez colocando-se na posição de produtores de sua própria história, percebam-se como agentes históricos, ao mesmo tempo em que podem chegar a compreender que narrativas e histórias são sempre construções fruto de memórias e esquecimentos. E nunca desprendidas do emocional e do sentimental.

## **2.2. Aspectos Teóricos**

Os anos de atuação, como professor do ensino público, mergulharam-me no empirismo construído pelo cotidiano da sala de aula. Essas experiências me levaram aos questionamentos que ensejaram a presente proposta de trabalho.

Quando iniciei a caminhada para uma reflexão sobre o que vinha fazendo, ainda não havia chegado a um discernimento de que estava, na prática, operando uma reflexão teórica sobre meu fazer. Esta reflexão levou, inicialmente, ao questionamento desse “descolamento” entre o que eu selecionava trabalhar em minhas aulas e os interesses dos alunos. Caminho natural, passei a me questionar sobre as características destes alunos, provocando uma reflexão sobre o mundo real no qual estão inseridos e as percepções que poderiam ter ou não. Foi nesse sentido que as contribuições de Zygmunt Bauman, Bondía e Pierre Nora permitiram definir melhor a minha visão sobre a crise de identidade que, a mim, parece se abater sobre as gerações mais jovens da atualidade. Crise esta, permanentemente relatada

por qualquer um que atue como docente no ambiente escolar. Mas apenas definir essa crise não era suficiente. Poderia, no máximo, permitir um melhor entendimento sobre as posturas, comportamentos e atitudes de meus alunos frente ao que lhes era oferecido nas aulas de História.

O passo seguinte, envolto em inquietações, seria a busca pela superação dessas situações, onde fosse possível encontrar um caminho que levasse a uma ruptura com as práticas tradicionais, ao mesmo tempo que me permitisse uma verdadeira aproximação com meus discentes, aspirando entender seus sentimentos e emoções atuando na memória, nessa assimilação do coletivo ao longo do tempo, dessa possível **consciência histórica**. Com a devida aproximação, quebrando as barreiras epistemológicas que nos afastam, desejava encontrar sentido para o ensino de história. Um sentido para mim, como docente da disciplina. E um sentido para os estudantes. Não se tratava apenas de levá-los a valorizar a História e sua provável importância para a existência ou algo semelhante. Mas sim, chegar a um sentido sobre a própria história, *real e concreta*, vivida pelos estudantes. Sentido (citado pela quinta vez) esse que parecia estar associado a uma concepção de que todos são partícipes de uma história comum, coletiva, complexa, contraditória, diversificada e múltipla, mas...enfim...história.

(...) a história, como realidade, constitui-se nos processos do agir intencional com os quais os homens superem as condições e circunstâncias dadas de sua vida prática, a fim de realizar, na prática, a transformação do tempo natural em tempo humano. Esses processos só podem ser pensados como conteúdo de algo já acontecido, ou seja, do agir passado. Como conteúdo da consciência histórica, história é a suma das mudanças temporais do homem e de seu mundo no passado, interpretadas como transformação de tempo natural em tempo humano, vale dizer, como ganho de tempo. Como tal interpretação, ela se insere no quadro de referências de orientação da vida prática atual, no qual pode abrir perspectivas de futuro (RÜSEN, 2010a: 84).

Somos o somatório do tudo que já nos aconteceu e do *agir intencional* que Jörn Rüsen tipifica. Uma conta que somente se encerra na morte. E, mesmo no fim, aqueles que continuarem lembrando de nós aumentarão nossas realizações pela realidade e interpretação no momento de recordar nesse *tempo humano*. O existir real dos meus alunos é o ponto central. Uma história que deve ser pensada

antes de qualquer assunto obrigatório estabelecido pelo conteúdo programático. Assim, todos nós mudamos constantemente ao longo desse passar dos anos, acumulando um pretérito duradouro de concretizações para um futuro agir. Nossas realizações, sem uma interpretação, se misturam ao longo do tempo entre o que foi e que desejamos que aconteça:

(...) O homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorear-se dele de forma tal que possa realizar as intenções de seu agir. Nessas intenções há igualmente um fator temporal. Nelas o homem vai além, também em perspectiva temporal, do que é o caso para si e para seu mundo; ele vai, por conseguinte, sempre além do que experimenta como mudança temporal, como fluxo ou processo do tempo. (...). (RÜSEN, 2010a: 58).

Quando trabalho, com os meus alunos, através da produção textual, tomando por base alguma temática dentro dos conteúdos da disciplina de história, sempre solicito que enquadrem em sua narrativa a própria experiência de vida, esse *agir humano*.

(...) o agir humano jamais ocorre sem pressupostos. Em cada ponto de partida de uma ação se encontram elementos de outras ações, anteriores, de tal modo que cada ação se articula com os efeitos de ações já realizadas (RÜSEN, 2010a: 76).

O testemunho que os meus alunos prestam de suas próprias vidas, essa ação preenchida de suposições, externa a necessidade de reconhecimento, de um pertencimento a algo maior onde poucos conseguem uma identificação com a História. Sendo assim, *o caminhar como professor permitiu a percepção: o que eu buscava construir em aula ia ao encontro do que Jörn Rüsen define como Consciência Histórica*. Ou seja, estabelecendo meios, cenários, conjunturas que provocassem o estado de *consciência histórica*. A *Consciência Histórica* foi se configurando como o *Campo de Estudo* no qual pretendo que este trabalho seja inserido. Fernando Cerri aponta justamente para esta necessária reflexão sobre o “passado” como resultado da produção dos historiadores e as questões do presente, tais como a identidade, individual ou coletiva, e os sentidos do passado no presente (leitura que efetuo, constantemente, através das representações de meus alunos em suas narrativas):

Quanto haverá, então, de passado em nosso presente e em nosso futuro? Em que medida o futuro já está comprometido pelas condições dadas pelo passado e pelas soluções que demos no presente? O passado (ou a nossa imagem de passado) é estável ou modifica-se conforme a utilização que fazemos dele? Que fundo de verdade haverá na anedota de que o passado é mais imprevisível do que o futuro? Qual a relação entre o tempo e a imagem que temos de nós mesmos? Quando se mexe no passado, mexe-se também na identidade coletiva? Essas questões sempre se colocam para quem atua na produção e divulgação do conhecimento histórico, mas é nos campos da teoria da história e de sua didática que se colocam com maior premência, pois as respostas põem na berlinda o próprio significado de produzir história e ensiná-la: por que, para quem, desde quando, respondendo a que necessidades, contra o que ou quem, ao lado de quem o fazemos? (...) (CERRI, 2011:21-22).

As questões apontadas pelo autor encontram ressonância nas minhas preocupações enquanto profissional de história atuando na sala de aula. Por caracterizar *a minha consciência* como professor. Nós não enxergamos, tocamos, ouvimos, cheiramos ou lambemos a nossa “Consciência”, mas ela se mostra perceptível, observável, por outros em nosso meio, através dos nossos atos; constatada pela experiência ou, academicamente descrevendo, de forma **empírica**; sua existência *torna-se* visível, diversas vezes, como consequência, reflexo de um pensar sobre um *ter ciência*.

Todos nós possuímos um saber fruto do que realizamos. Daí decorre a afirmação de Luis Fernando Cerri definindo (...) *Consciência Histórica como um Construto Teórico para tentarmos entender como se dão esses processos de experiência e expectativa do tempo (...)*<sup>9</sup>. O que vivenciamos em nossa prática, no existir diário que inevitavelmente será tempo pretérito, estabelece uma bagagem, uma acumulação compulsiva e compulsória. Aproveitando o velho bordão do venerável René Descartes, “Penso, logo existo!”, quando pensamos possuímos consciência de nossa consciência ou apenas do ato de pensar? E toda consciência é histórica? Se refletirmos, seguindo a *complementação* da afirmação de Cerri, ao citar Rüsen (...) *experiência e expectativa do tempo (...)* manifestos em símbolos e narrativas. Toda consciência é histórica. Ela acontece através das formas como já

---

<sup>9</sup> Disponível em <<http://www.oficinasdehistoria.com.br/experiencia-do-professor>>. Acesso em 17 jul. 2014.

acreditamos estar construído o nosso existir; como atualmente o construímos (por mais fugaz que seja); e como pretendemos construí-lo.

Da mesma forma como a consciência histórica me permite uma reflexão sobre o *meu* lugar nesta relação ensino/aprendizagem de história, igualmente possui relevância a busca por parte dos alunos do *seu* lugar nesta mesma relação. Sendo assim, a prática que proponho aos meus estudantes baseia-se no que Jörn Rüsen aponta como *interpretações das experiências do tempo*:

A consciência histórica é, assim, o modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana. (O termo “vida” designa, obviamente, mais do que o mero processo biológico, mas sempre também – no sentido mais amplo da expressão – um processo social.) Para essa forma de consciência, é determinante a operação mental com a qual o homem articula, no processo de sua vida prática, a experiência do tempo com as intenções no tempo e estas com aquelas. Essa operação pode ser descrita como *orientação do agir (e do sofrer) humano no tempo*. Ela consiste na articulação de experiências e intenções com respeito ao tempo (poder-se-ia mesmo falar de tempo externo e tempo interno): o homem organiza as intenções determinantes de seu agir de maneira que elas não sejam levadas ao absurdo no decurso do tempo. A consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conformes com a experiência do tempo. Esse trabalho é efetuado na forma de interpretações das experiências do tempo. Estas são interpretadas em função do que se tenciona para além das condições e circunstâncias dadas da vida (RÜSEN, 2010a: 58,59).

De fato, propor aos alunos a construção de uma narrativa de vida, a partir de fotografias, permite uma *experiência do tempo*, na medida em que eles escolhem as fontes, as ordenam, dão-lhes uma lógica própria e estabelecem marcos cronológicos com base nos eventos que selecionam. Dessa forma, realizam uma operação que pode levá-los a compreender a história como uma construção narrativa, as formas de ordenamento dos fragmentos de memória, e uma interpretação desta experiência do tempo. Segundo os pressupostos de Jörn Rüsen, as experiências de tempo são fundamentais para a consciência histórica, estado no qual o sujeito pode se reconhecer como agente histórico. E uma vez reconhecida esta condição, ao meu ver, pode então compreender os nexos que o ligam à História coletiva compartilhada com os demais, ontem e hoje.

### 2.3. Iluminação

Esta proposta de trabalho encontrou sua justificativa justamente por apontar para outra perspectiva na relação ensino/aprendizagem, especificamente no ensino de História. Reconhecendo, é claro, que não se trata de uma proposta inédita ou excepcional, porquanto há muitos professores envolvidos em diversas práticas que apontam para a mesma perspectiva. A proposta de estimular os sentimentos dos alunos para suas histórias de vida através de narrativas fotográficas visa permitir que os mesmos percebam os processos de construção de versões sobre o passado, ao mesmo tempo em que reflitam sobre seu “lugar” na história.

Dessa forma pretendi permitir aos meus alunos a possibilidade de perceberem que a disciplina de História não deve ser uma enfadonha narrativa sobre processos aos quais se sentem completamente alheios. Mas sim, que as histórias de vida dos mesmos é história. Como foram as histórias de vida de egípcios, romanos, servos, senhores, revolucionários, soldados, escravos, enfim, homens e mulheres que, ao longo de milênios, viveram e morreram: existindo plenamente.

Não se deve entender (...), como se a constituição da consciência histórica pela narrativa histórica se limitasse à recuperação do passado pela lembrança. Seja de que modo que a consciência histórica penetre no passado – por mais longe que sua dimensão temporal se estenda nas profundezas do passado ou que possa ainda parecer que percamos de vista, no itinerário dos arquivos da memória, os problemas do presente -, o impulso para esse retorno, para esse resgate do passado, para essa dimensão de profundidade e para o itinerário dos arquivos é sempre dado pelas experiências do tempo presente. Não há outra forma de pensar a consciência histórica, pois é ela o local em que o passado é levado a falar – e o passado só vem a falar quando questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação da vida prática atual diante de suas virulentas experiências no tempo (RÜSEN, 2010a: 62-63).

Ao buscar uma relação entre sentimento e memória, e observar tal processo dentro das escolas, havia a necessidade de uma experiência específica. Calcada, é claro (ou não necessariamente), em algum trabalho anteriormente desenvolvido. Embora o desespero seja mãe, pai, tio, padrasto e cunhado (completamente inútil) de todas as invenções, a ideia não brotou apenas da angústia, aflição ou da prostração. Foi a combinação, um *combo* que surgiu de uma

conversa de três horas entre um mestrando, seu orientador, o dito desalento e as inúmeras tentativas em sala de aula.

Após um longo relato dos meus momentos mais significativos, na prática como professor, salientei o quanto havia sido surpreendente o trabalho desenvolvido na mostra cultural da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Medianeira, naquele dezembro de 2008, como já referido no capítulo anterior.

Como professor cheguei bem perto de me autoafirmar o centro, o ponto focal, dentro dos universos que as escolas representam. Incrível, mas essa infeliz e ultrapassada comparação eu abraçava enquanto professor dissociado da realidade do aluno. Estava insatisfeito e me colocava acima de quem eu deveria *satisfazer*. Então, tudo mudou (embora eu tenha demorado um tempo para ter consciência sobre). Os melhores momentos que podem acontecer na aprendizagem histórica nem sempre estão envolvidos com uma resposta a um excelente planejamento. Mesmo porque, inúmeras vezes, o resultado é esperado, para não afirmar que foi praticamente construído (quando há uma causa pensada, antecipada, a consequência torna-se um resultado marcadamente óbvio). Os melhores instantes acontecem no inesperado (estou exageradamente tentando usar o termo “singularidade”).

O repentino, o acidental, aconteceu comigo ao ver o envolvimento de minhas turmas com o trabalho: selecionar um instante de suas vidas através de uma única fotografia (expostas em paredes dentro de uma sala específica). O néscio professor ainda não havia percebido o quanto contar a própria história era (e é) uma característica crucial para jovens e adolescentes (e para muitos adultos), em uma época em que as redes sociais estavam ganhando um espaço cada vez maior (na verdade, proporcional ao consumo de novos computadores e ao acesso à rede). Embora o reconhecimento nesse novo comunicar, como uma necessidade quase desesperadora, não ocorra como Rösen descreve:

(...). O autoconhecimento no espelho do passado está formado quando inclua a autocrítica como aptidão para perceber os limites que separam sua própria identidade da alteridade dos demais. Nessa percepção, devem estar presentes tanto o entendimento como a aceitação do ser outro. Autocrítica como chance de reconhecimento. (...). (RÜSEN, 2010c: 109).



Não estou afirmando que “o falar sobre si mesmo” surgiu com as redes sociais, mas com toda certeza elas permitiram uma vazão, escancararam a necessidade pungente, o desespero que uma grande maioria possui de aparecer, de se mostrar. Uma carência confundida com comunicação; contatos quantitativos confundidos com amizade; histórias reais e verdadeiras mentiras.

Sem repetir o que já foi mencionado no capítulo primeiro, mas aquele trabalho específico fruto, talvez, de um momento meu particular que o inspirou (realmente não lembro; na verdade sinto-me influenciado pelo presente comprometimento com as fotografias) provocou uma mudança. Alterou alguma coisa dentro de mim e um comprometimento das turmas que, naquele ano, trabalhavam comigo. E não somente uma envoltura dos discentes, mas também um encantamento por parte dos seus responsáveis. Seus olhares sobre as imagens, sobre aquelas vidas nas paredes. Vidas suas ou não, reconhecidas ou não, mas abraçadas pelo sentimento e pela emoção.

#### **2.4. Metodologia**

Artur, meu orientador, sugeriu, então, que tal experiência fosse repetida. Agora, é claro, controlada e planejada para que os resultados fossem devidamente analisados. Após produtivas reuniões houve um último acerto para os detalhes necessários da metodologia. Através de uma conversa, realizada entre e-mails, no dia dezessete de outubro de dois mil e treze, destaco alguns itens. Como a justificativa apresentada, para as direções e supervisões de ambas as escolas, na aplicação da experiência em uma turma de cada instituição. Também foi abordado sobre a consequente permissão com a autorização distribuída para os pais e os dias determinados quando então contaram as suas histórias. Mencionei que, a princípio, três aulas no mesmo dia seriam suficientes para o estabelecimento da tranquilidade no desenvolvimento das narrativas (para História, enquanto componente curricular, são duas aulas por semana tanto no fundamental como no médio - uma terceira aula seria emprestada). E, as sempre presentes, dúvidas foram sanadas com as seguintes determinações:

- O estabelecimento de, no mínimo, quinze fotografias; provocando a busca por mais fotos, pois, por experimentação própria, sou sabedor do quanto gostam de fazer o mínimo que é solicitado.
- Todas as fotografias deveriam ser escaneadas para posterior utilização da ilustração e interpretação na construção dos resultados
- Tudo deveria ser reunido, fotos e textos, de cada aluno, para a análise da forma como os alunos criaram suas narrativas históricas e as sequências que estabeleceram.
- As concepções dos meus discentes deveriam demonstrar, através da escolha das fotos e do modo como descreveram os eventos nos textos, a presença da consciência histórica. Assim não deveria ser explicado, para eles, o que é a tal consciência histórica, mas sim ver como ela aparece (ou não) nas narrativas fotográficas e textuais.

A experiência com as fotografias ficou, então, focada de forma particular. Ou seja, cada indivíduo de cada turma (uma do fundamental e outra do médio) contou sua história com as suas fotos selecionadas. Trocar as figurinhas (um aluno tentando contar a história do colega), para que tenha alguma validade, teria que ocorrer entre todos os colegas de cada turma. Mas o 'Senhor Tempo' foi implacável, impedindo o desenvolvimento de tal proposta.

Que imagem foi selecionada para marcar o início da 'vida/história/existência' de cada um (?); qual a mais marcante e porque (?); que sentimentos foram usados para selecionar as imagens e, conseqüentemente, essas mesmas imagens como provocam novos sentimentos e novas memórias (?).

O sentimento seleciona a imagem/fotografia, uma memória desejada para ser revista; essa memória trará toda uma carga de novos sentimentos e novas lembranças brotarão com novas imagens formadas e desejosas de materialização. Pois o real, o verdadeiro está em que lugar? Em uma imagem sem legendas? E as lembranças, intimamente conectadas com sentimentos, extremamente pessoais, são verdadeiras sendo apenas escritas ou faladas?

(...) O fluxo das informações e a produção do saber pela pesquisa são, por princípio, definidos pelas perspectivas determinantes da atribuição de sentido, com as quais o pesquisador vai às fontes. Suas perguntas pré-formulam as respostas das fontes. Suas perguntas já contêm possíveis respostas, embora apenas possíveis,

não reais. A pesquisa é o passo metodicamente regulado, e por isso intersubjetivamente controlável, das respostas possíveis às reais. (...).(RÜSEN, 2010b: 105).

É extremamente fácil limitar a ciência história a um amontoado de fatos puramente ilustrativos do passado ou do presente recente. E tendo a 'imagem', em todas as formas midiáticas que dispomos hoje em dia, como instrumento de materialização desta ilustração temporal. Mas fazer com que o nosso aluno se aproprie da história como uma ferramenta de transformação, de modelação de presente e de futuro, sem ficar preso ao passado que tanto a rotula, abraçando, assim acredito, a consciência história sem perceber que o faz. Aí está o verdadeiro desafio que movimenta um historiador, um professor no efetivo trabalho em sala de aula.

Seria totalmente equivocado, pois, entender, por consciência histórica apenas uma consciência do passado: trata-se de uma consciência do passado que possui uma relação estrutural com a interpretação do presente e com a expectativa e o projeto de futuro. A narrativa histórica organiza essa relação estrutural das três dimensões temporais com representações de continuidade, nas quais insere o conteúdo experiencial da memória, a fim de poder interpretar as experiências do tempo presente e abrir as perspectivas de futuro em função das quais se pode agir intencionalmente. A narrativa histórica constitui a consciência histórica como relação entre interpretação do passado, entendimento do presente e expectativa do futuro mediada por uma representação abrangente da continuidade. Essa mediação deve ser pensada como especificamente histórica por operar a inclusão da interpretação do presente e do futuro na memória do passado (RÜSEN, 2010a: 65).

Esse domínio sobre o sentido da história deve se apoiar nas experiências vividas pelos meus alunos e pela percepção de sua própria realidade. O processo da pesquisa, então, deve mostrar sua contribuição mesmo que a fonte cognitiva, como na experiência, seja também o público para o qual se destinam os resultados.

Após a apresentação do trabalho, para as respectivas turmas, foram distribuídas as autorizações aos responsáveis de cada aluno, independentemente do desejo de participar ou não. Mesmo porque esse desejo estaria ligado à permissão, ou não, concedida pelos seus responsáveis.

Interessante mencionar os comportamentos, tanto do fundamental quanto do médio, de meus alunos quando apresentei a proposta:

- Primeiro: o *interesse* pelo valor que eu concederia; se perderiam *nota* (e quanto perderiam) pela não realização do trabalho;
- Segundo: um certo desconforto por uma parte, que manifestou abertamente tal reação; claro, outros tantos também tiveram o mesmo embrulho nas entranhas, mas não demonstraram;
- Terceiro: uma certa *agressividade* por acharem que seriam obrigados a falar de sua vidas e que tais relatos seriam colocados para todos, abrindo suas histórias, suas vidas, que a ninguém interessa saber (com certeza, muitos destes a expõe, nas redes sociais, de forma muito mais intensa e colorida);
- Quarto: e uma *real* vontade em fazer a atividade proposta, como uma *catarse*, uma purificação; um tirar o peso, a necessidade de falar sobre si mesmo porque no próprio lugar de origem não existe tal oportunidade, ou não possui tal meio para dar vazão a não tão simples necessidade de falar; narrando sua vida talvez ela/ele tenha um verdadeiro sentimento de pertencimento, de existência, de importância em uma sociedade que massifica o fundamentalismo do ser melhor, de parecer melhor que a maioria;
- Quinto: resignação, pois *obedecer ao professor é preciso* (embora pareça, não estou sendo irônico);
- Sexto: a mais pura vontade em simplesmente participar de algo diferente.

Abaixo (próxima página), sem o logotipo da FURG, ou os carimbos das respectivas escolas (Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Medianeira e Escola Estadual de Ensino Médio Politécnico Marechal Mascarenhas de Moraes), está o modelo, repassado aos pais, da autorização que cada aluno recebeu para participar da experiência:

## **Senhores Responsáveis**

*Estou cursando o 'Mestrado Profissional em História', pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), ministrado Na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Sendo efetuado na área em que atuo, como professor, e tendo como linha de pesquisa 'Campos e linguagens da História' articula a historiografia existente (o conhecimento produzido dentro das universidades, acadêmico) e o conhecimento produzido por professores e alunos em seu dia-a-dia. A linha de pesquisa abordada é a relação entre professor e aluno no ensino da história. O título (até o presente) para o Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) é 'A IDENTIDADE DO SUJEITO HISTÓRICO DA SALA DE AULA ATRAVÉS DA MEMÓRIA AFETIVA'; o curso é importante para a formação continuada do docente e conseqüentemente para a melhoria da qualidade do ensino. Cabe reafirmar o quanto seus tutelados estarão contribuindo, de forma pioneira, para um novo modelo de trabalho com a História enquanto disciplina de sala de aula – fundamental lembrar que existe a possibilidade das fotografias serem publicadas, mas a identificação de seus proprietários ocorrerá apenas pelas iniciais de seus respectivos nomes; as fotos ficarão retidas temporariamente para serem escaneadas e de forma alguma aparecerão em alguma rede social.*

a) André do Nascimento Veríssimo

b) Artur Henrique Franco Barcelos (orientador)

a) Mestrando em História Profissional pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professor de História, atuando na rede pública do estado do Rio Grande do Sul; [historiaverissimo@yahoo.com.br](mailto:historiaverissimo@yahoo.com.br).

b) Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil (2006) Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande , Brasil; [ahbarcelos@hotmail.com](mailto:ahbarcelos@hotmail.com).

*Observação: a apresentação dos professores responsáveis pelo trabalho foi colocada, na folha original, em nota de rodapé.*

### **(nome do aluno)**

• *Participação de meu tutelado no projeto apresentado pelo professor André do Nascimento Veríssimo:*

Concordo ( ) Não concordo ( )

• *Cedência das fotografias pertencentes a nossa família para o desenvolvimento das questões levantadas pelo projeto do professor André do Nascimento Veríssimo:*

Concordo ( ) Não concordo ( )

• *Permitir que o nome do meu tutelado (a) e suas fotografias apareça na publicação acadêmica que representa o Trabalho de Conclusão de Curso do professor André do Nascimento Veríssimo:*

Concordo ( ) Não concordo ( )

• *Não receberemos (os responsáveis ou familiares e tutelado/a) nenhuma compensação financeira pela participação de meu tutelado (a) no projeto apresentado pelo professor André do Nascimento Veríssimo, visto que seu trabalho, de forma alguma, não visa lucro, sendo um aperfeiçoamento enquanto profissional no Ensino de História, na sala de aula, pertencente ao quadro de professores do Estado do Rio Grande do Sul.*

---

Assinatura do responsável

### 2.4.1. Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Medianeira

Antes de dar sequência, não posso deixar de relatar uma terrível falha em meu trabalho (cometido nas duas escolas). Eu não fotografei a experiência. Ela vive nas letras e imagens fotográficas compartilhadas pelos meus alunos. Sinto-me como um pai que, no nascimento de seu filho, não registrou momento tão fantástico (felizmente eu fotografei a *chegada* do meu).

Relato da *experiência* Medianeira. Durante algumas semanas ocorreram pequenos momentos selecionados para explicar a proposta da atividade diferenciada. Assim foi feito na expectativa de torná-la algo perene, substancial no cotidiano do grupo selecionado: 71A, turma azul, sétimo ano<sup>10</sup>. Com uma semana de antecedência ao trabalho submetido à apreciação, fiz a distribuição das autorizações sendo que, os presentes, assinaram uma ata. No dia anterior a aplicação da experiência, foi feito um novo lembrete com a devida distribuição de autorizações *ainda* pendentes.

Ao chegar na escola (Rio Grande, trinta de outubro de dois mil e treze) solicitei à professora de língua portuguesa, que ocuparia os dois primeiros horários, o empréstimo do *momento temporal*. Neste dia ocorreu a entrega de boletins, e o meu horário, com a turma, seria uma aula anterior e outra posterior ao recreio (no ano mencionado, e assim permanece, eram três aulas antes do intervalo – recreio – e duas após). A dita *homologação* dos resultados do segundo bimestre ocuparia todo o tempo após o intervalo, restando apenas um período para o desenvolvimento da atividade/experiência.

Tudo certo? Não. A cooperação da professora: fantástica. Mas, constando trinta e quatro alunos na chamada, apenas oito almas trouxeram o material solicitado. Bom, devolvi a quase totalidade da turma para a minha colega, levando o *octeto* para a biblioteca e adotando os seguintes procedimentos:

a. Separei o grupo por duplas (mas cada um trabalhando individualmente);

---

<sup>10</sup> No sistema da Secretaria de Educação consta 71A. Para os responsáveis, que desejavam ardentemente que seus filhos ficassem em uma turma 1 ou A, pois entendem que sendo símbolos primeiros de uma sequência, seus filhos, ou assemelhados, estariam na melhor turma (portanto, melhores alunos), estas seriam, então, classificadas por cores. Como professor, posso afirmar trata-se de uma necessidade de muitos em fazer propaganda sobre a realização dos filhos (mesmo que estes não demonstrem realmente o que sai da boca de seus responsáveis). A direção, na época, para eliminar as constantes, e vazias, reclamações identificou as turmas por cores. Não adiantou nada: a popularidade dos tons deu o tom característico de cada turma.

- b. Todos assinaram uma ata;
- c. Distribuí folhas pautadas;
- d. Solicitei que não falassem entre si (não houve nenhum problema).
- e. Mencionei novamente o objetivo do trabalho e a importância do que seria narrado: a história da vida deles seguindo suas memórias (que seriam *ativadas* por emoções provenientes das imagens que selecionaram – esse detalhe descrevo aqui como complemento, não mencionado para os partícipes, e já revelando parte do procedimento na análise das narrativas);
- f. Houve uma pergunta (feita por Brenda Brião de Ávila): “- Poderiam falar sobre fatos que não estavam nas fotografias?”. Eu afirmei que sim, pois em pensamento me ocorreu que suas emoções estimuladas pelas *figuras pessoais* deveriam dar liberdade total na narrativa que desejassem despejar sobre suas folhas.
- g. Ao final dos trabalhos recolhi todo material produzido com as respectivas fotografias: tudo separado e identificado em envelopes individuais.

Segundo dia (do mês seguinte), a missão recomeça. Rio Grande, seis de novembro de dois mil e treze. Sequência da *experiência* Medianeira. Segui os mesmos procedimentos daquela quarta-feira anterior. Solicitei, para a professora Mirian (Língua Portuguesa), os alunos que trouxeram as fotografias. Para a minha surpresa, ou não, a quantidade reduziu consideravelmente; agora eu possuía um quarteto. Fomos, todos, para a biblioteca (nosso templo produtivo) seguindo passo-a-passo a mecânica adotada com o saudoso octeto.

Talvez eu não estivesse tão perplexo, pois existe uma série de *comportamentos* que devemos considerar:

- a. Por que motivo o aluno (a) iria prontamente cooperar, se importar com a atividade desenvolvida pelo professor? “- *É o curso dele, é problema dele. Que coisa mais chata! Que mala!*” – provável pensamento reinante nas inúmeras cabeças pensantes, que pensaram porque deveriam ajudar no trabalho do professor, mesmo recebendo algum incentivo “numerário”... tipo nota extra (quando a própria nota ou conceito realmente não possuem algum importância, algum significado);
- b. Por que razão os responsáveis, pelos ditos alunos pensantes, que pensaram em não participar, não pensariam da mesma forma? São eles a base do pensamento que sobrevive naquelas ditas cabeças pensantes;

- c. Alguns responsáveis realmente não permitiram a participação. Numa conversa informal, que tive com alguns destes alunos (outros, imediatamente soltaram o verbo com total descaso), alegaram motivos religiosos (alma capturada? – desculpa, não pude evitar), falta de fotografias impressas (ou reveladas), não estão morando com o responsável anterior e o dito contato é difícil (outra cidade) ou não desejado;
- d. A inexistência de comprometimento, cada vez maior, de um número cada vez mais expressivo e significativamente preocupante, para qualquer atividade proposta, mesmo possuindo algum valor quantitativo.

E acreditem, houve um terceiro dia. Eu terminava minha atividade tendo nas mãos uma redução geométrica: eu possuía, agora, um dueto. Rio Grande, vinte e sete de novembro de dois mil e treze. Última etapa da *experiência* Medianeira. Mais duas almas (femininas, embora almas não tenham sexo), confessando a necessidade desesperadora, quase desesperançada frente à possibilidade de um destino que as colocaria em exame, alegremente desejaram efetuar uma narrativa sobre suas vidas. Repeti exatamente o mesmo processo (com uma saudade infinitamente maior do meu octeto, e bem menor em relação quarteto: um sentimento que se desenvolveu da mesma forma que a mencionada progressão geométrica), com um diferencial: tudo fora efetuado no meu próprio horário (duas aulas) com a turma em sua sala de aula.

Sendo final de ano, e conteúdos encerrados, permiti que os demais presentes efetuassem outras tarefas (havia uma certa preocupação reinante com as notas e uma busca alucinante para efetuarem com perfeição os trabalhos pendentes), portanto, de forma alguma, atrapalharam o desenvolvimento das redações de minhas *pequenas escritoras remanescentes*. Cabe salientar que o desejo externado por elas foi justamente permanecerem em aula na companhia dos demais colegas. Nos dias treze de novembro, três e quatro de dezembro, de dois mil e treze, eu procedi à devolução das fotografias (todas foram escaneadas), acompanhadas de uma nova ata para assinatura na comprovação do que entreguei.

De trinta e quatro alunos que formavam a turma 71A (Azul), foram quatorze participantes; destes, seis são meninos e oito são meninas; com as idades entre doze e dezessete anos.



#### 2.4.2. Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes

Rio Grande, primeiro de novembro de dois mil e treze: relato da *experiência* Mascarenhas.

Assim como ocorreu com a turma selecionada da escola do ensino fundamental, apresentei a proposta para a classe 101 no ensino médio. A Escola Mascarenhas, desde 2012, incluiu o ensino médio procurando atender a demanda no bairro. Na verdade, foi uma luta de mais de dez anos para que nós conseguíssemos a autorização. Dois mil e quinze representa o último ano em que ainda teremos turmas do ensino fundamental. Durante muito tempo funcionamos como complemento de uma escola ao lado da nossa: Revocata Heloisa de Mello; pois, nossa vizinha, possui do jardim ao sexto ano (antiga quinta série) e nós, até dois mil e onze, tínhamos do sétimo ano (velha sexta série) ao nono ano (mui antigamente denominada oitava série).

Os alunos do sétimo ano possuem, entre sua maioria, a idade de doze anos. Enquanto que os discentes do primeiro ano estão na faixa dos quinze. Três anos de diferença deveriam representar um acréscimo na maturidade. Deveriam? O que observo é uma diferença no tamanho (e muitas vezes não significativa). As indagações e comentários, com relação à atividade proposta, foram os mesmos da sétima azul. Muitos, do primeiro ano, apresentaram uma dificuldade enorme para expressar suas ideias durante o processo de escrita; e outros tantos escrevendo de uma forma mais limitada que seus *iguais* do ensino fundamental.

Então, no já mencionado dia primeiro, com *todas* as autorizações entregues e, eu que vos falo, insistentemente lembrando à minha clientela sobre o trabalho combinado, igualmente esperançoso pelo amadurecimento que afloraria no desenvolvimento das redações, deparei-me, a princípio, com quatorze alunos e o respectivo material necessário para o desenvolvimento de suas narrativas autobiográficas. Bem mais que a turma azul (Medianeira), no primeiro encontro é verdade, mas bem menos do que certa expectativa que havia fantasiado em minha mente.

A mecânica foi *quase* a mesma praticada na turma do ensino fundamental<sup>11</sup>. Os demais que não participaram naquele dia, ou não participariam (seja por vontade própria ou dos seus responsáveis), foram colocados na sala de vídeo permitindo, assim, o desenlace tranquilo das diligências mentais dos prestimosos colegas.

Segundo dia, a missão recomeça. Rio Grande, oito de novembro de dois mil e treze. Sequência da experiência Mascarenhas. Segui os mesmos procedimentos da sexta-feira anterior. Agora, somente com seis participantes.

Nos dias oito (para os discentes que realizaram a atividade no dia primeiro de novembro) e treze de novembro (para os discentes que efetuaram o trabalho no dia oito), de dois mil e treze, eu procedi à devolução das fotografias (todas foram digitalizadas), com suas respectivas assinaturas em ata.

De trinta e quatro alunos que formavam a turma 101, foram 20 participantes; destes, cinco são meninos e quinze são meninas; com as idades entre quinze e dezoito anos.

Assim, somando os participantes do ensino fundamental (14) com os do ensino médio (20) foram trinta e quatro participantes ao total.

---

<sup>11</sup> Procedimentos:

- a. O trabalho foi desenvolvido na sala de aula (cada aluno em sua própria mesa, ou lugar) durante o meu horário normal (as duas primeiras aulas de sexta-feira) com a turma;
- b. Todos assinaram uma ata;
- c. Distribui folhas pautadas;
- d. Solicitei que não falassem entre si (não houve nenhum problema).
- e. Mencionei novamente o objetivo do trabalho e a importância do que seria narrado: a história da vida deles seguindo suas memórias;
- f. Aproveitando a questão levantada pela aluna do ensino fundamental, eu comentei que poderiam falar sobre fatos que não estavam nas fotografias.
- g. Ao final dos trabalhos recolhi todo material produzido com as respectivas fotografias: tudo separado e identificado em envelopes individuais.

## CAPÍTULO III – CONCEITOS (E AMÁLGAMA)

*“Então pensei no agora  
e percebi que amanhã terei saudade  
de ontem, ou seja: hoje!”*

**André Veríssimo**

### 3.1. Determinando uma sequência

Parto do princípio que no uso de uma **imagem**, através de uma **fotografia**, as **emoções** surgem puxando **sentimentos** outrora guardados, na espera de um provocar. Aquele momento certo de largar as **lembranças** pela busca do que a **memória** oculta, ou não. Fatos escondidos, **conscientemente**, talvez, durante muito, ou em um, **tempo** tão mínimo que não pode ser esquecido. Não, ainda. Dessa forma visualizo minha **história** de vida nessa História totalizante.

Ao desenvolver um caminho sequencial, ou “fórmula”, que defina o rumo da experiência ministrada, ocorre a natural necessidade de abordar o meu entendimento sobre cada um dos constituintes (acima grifados) de tal *receita*, como conceito. Na verdade vou relatar a compreensão que possuo na relação dos meus alunos com os elementos constituintes da fórmula. Quero aqui lembrar (e não expondo alguma desculpa) que dificilmente uma receita é repetida com sucesso. Os sabores serão variáveis de acordo com a percepção e correspondência dos discentes, e de quem apresenta um novo olhar para o devido entendimento (não necessariamente sendo um professor).

E uma coisa me incomodou ao demonstrar os componentes da prescrição: a possível *frieza* ou rigidez que tal intervenção pode demonstrar. Trabalhei com trinta e quatro vidas. E os pontos que busco identificar em suas redações agora eu teorizo como elementos estanques e exatos? Não. Os teóricos, que aqui contribuem, foram devidamente utilizados como devem ser em meu trabalho: autores de ideias na sustentação desses trinta e quatro mundos.

Quando tal capítulo foi determinado comecei a afundar em tantas teorias que me distanciei da trajetória estipulada para o meu trabalho. A presente

dissertação não tem como missão traçar um histórico sobre os *conceitos*, mencionados anteriormente. O mesmo vale (e acabo me repetindo) para *Consciência Histórica*. Cursando o Mestrado Profissional encontrei espaço para eliminar angústias e observar o quanto, na minha busca pela realização profissional, havia trilhado caminhos corretos. A experiência visa mostrar *um possível caminho, não o caminho*. Muito menos uma pretensiosa verdade para uma contribuição efetiva da História em sala de aula.

Não estou eliminando a minha fundamentação teórica. Jörn Rüsen é a sustentação do que demonstro. Ou melhor: o que descortino, com a exposição dos meus alunos. Sendo assim, seleciono ideias que, penso eu, projetam adequadamente as substâncias fundamentais presentes nas narrativas. Componentes que, nesse entendimento, são as chaves (de portas muito pesadas) para a subsequente análise exibida no último capítulo.

Um último item nessa introdução. Optei, deliberadamente, por um amálgama entre as concepções, separadamente, trabalhadas. Ou seja, os conceitos irão dialogar entre si, como convidados especiais uns dos outros (no subtítulo específico). Talvez, como na vida, um ou dois sejam esquecidos, deliberadamente, vez ou outra. Exemplifico através de um fato que me ocorreu em um dos infinitos momentos de escrita (relato tudo que considero pertinente no desenvolvimento não somente da experiência, mas na construção de sua escrita). Uma parcela de minhas ideias, que eu havia transformado nessa sequência quase interminável de letras, eu perdi. Foram-se (cometi um grave erro ao salvar, que não importa mencionar). Eu olhava para a tela, tomado por um sentimento de perda num misto emocional de raiva e frustração. Ativei inutilmente minhas lembranças, procurando escavar aquela memória recente de minha escrita. Retrocedia no tempo e escavava em lugares errados. O ponto certo daquele precioso instante tornou-se impreciso. O que desaparecido estava, sumido ficou. Mas a essência de minhas ideias permaneceu. Minha consciência sobre o processo se ampliava. Comecei a refletir se não somos um somatório de pequenas consciências históricas num fluxo permanente que se renova em momentos sequenciais, quando a necessidade de um novo olhar acontece. O que aconteceu em nossa vida será mais do mesmo, não importando a quantidade.

Sendo assim, me parece importante deixar claro o que entendo, nessa relação professor + aluno, para efeitos deste trabalho, por: *imagem e fotografia, emoção e sentimento, lembrança e memória, tempo, consciência histórica e história.*

### 3.2. A Imagem pelos olhos da Fotografia

Pensei em começar com o velho bordão “uma imagem vale mais que mil palavras”. Mas, aqui, são imagens que valem por uma vida. Ou fragmentos dela. Procurei, também, colocar-me no lugar de quem participou da experiência. Quais seriam as imagens que escolheriam para “rasgarem o tecido do tempo” (outro bordão!) e exporem aquilo considerado como parte ou o todo da sua história? A fotografia, penso eu, é a imagem de um momento que se perde da realidade. Paulo Henrique Camargo Batista e Luciana Martha Silveira esclarecem:

Ao fazer escolhas e definir suas intenções, o fotógrafo (operador do aparelho), no gesto de fotografar, interfere conceitualmente na imagem que será captada, atuando diretamente com suas concepções pessoais e posições (escolhas) de ordem subjetiva. Portanto, essas escolhas, que operam dentro de uma pluralidade de significados própria de uma imagem, interação e resultam diretamente dos critérios estéticos, políticos, éticos, ideológicos, culturais de quem a produz, se projetando através de uma simbologia igualmente própria (BATISTA; SILVEIRA, 2007: 32).

É muito comum, na concepção teórica mais tradicional sobre a fotografia, inicialmente traçada a partir de seus primeiros experimentos históricos, considerá-la como a aparência ou imitação mais perfeita da realidade. Ou, ainda, a fotografia como espelho do real (o discurso da mimese). (BATISTA; SILVEIRA, 2007: 34).

A intenção sobre aquele acontecido é mais do que *ilusoriamente capturar um momento do tempo*. Não quero parecer que utilizo o presente espaço para simplesmente preencher o espaço presente, mas a fotografia é como uma memória auxiliar. E o melhor é que, nessa intenção humana de tentar narrar o que um dia foi, a visão efetuada sobre aquela imagem congelada no tempo nos leva a relacionar com outros eventos, num processo de consciência pouco percebido. A fotografia, como afirmam Júlio Pimentel Pinto e Maria Inez Turazzi, exige uma parceria:

(...), qualquer fotografia é, sempre, uma imagem visual com características que a distinguem de outras representações, palpáveis ou não. Por mais que estejamos acostumados a ver esse tipo de imagem, ela exige de nós, continuamente, uma compreensão das relações entre a criação e a percepção de sua mensagem. Toda fotografia ou conjunto de fotografias tem uma narrativa e, a exemplo de outras narrativas, depende da criação, manifestação e recepção dos anunciados que contém (PINTO; TURAZZI, 2012: 96-97).

Depois, com o passar que Cronos empurra em tamanha velocidade, a razão é substituída pelo sentir. Nessa recepção de quem observa uma imagem, através de uma foto, ocorre o esforço provocado pela lembrança, tentando alcançar aquele ponto guardado na memória. Na busca ele interpreta; na interpretação ele relaciona; no relacionar ele busca novamente: outros momentos, outras narrativas. É exigido o auxílio de algum sentimento ou emoção e da imaginação. Ou, na melhor das hipóteses, exige um achar para dar forma, criar o que passamos a considerar, ilusoriamente, uma lembrança completa. Assim menciono, também, Maria Eliza Linhares Borges, quando ela cita Platão e suas metáforas:

Tanto ele quanto Aristóteles concordam que a visão é o mais completo e o mais nobre de todos os sentidos. Porém, para Platão ela apenas equivaleria ao *Bem* quando e se iluminada pela luz do sol. Com essa metáfora, quer dizer que o ato de ver não é um procedimento meramente técnico, não brota *naturalmente* do movimento mecânico do olho. É, ao contrário, um processo racional que depende da educação da alma, isto é, da razão. É ela que coloca, segundo Platão, o olho na posição correta e permite ao filósofo distinguir a cópia de seu original, o certo do errado, o verdadeiro do falso. Sempre que uma imagem é lida sem a mediação da razão, ela se transforma em um *simulacro do real*, ou seja, cria uma ilusão da realidade (BORGES, 2008: 25).

Ao olharmos a imagem que determinada foto apresenta, seja ela produzida hoje ou ontem, e especificar o verdadeiro ou falso, no difícil relacionamento com a memória e a lembrança, colocamos a razão em funcionamento. Mas o uso de tal *ferramenta* é subjetivo. Seremos racionais na interpretação daquela imagem fotográfica. Trazendo à tona, racionalmente, o que nos interessa lembrar. E assim complementa Borges:

Já para Epicuro e Lucrécio, o olhar é um ato sensitivo e meramente receptivo. Para ambos, o homem que vê recebe, passivamente, as imagens do mundo mediante a contemplação de suas formas e cores. Diferentemente desses dois filósofos, Platão caracteriza esse

tipo de olhar quase como uma miopia, já que a visão receptiva, meramente sensitiva, apenas dava a conhecer a superfície das coisas. E, conhecer pela aparência é o mesmo que se iludir, diria Platão (BORGES, 2008: 25-26).

E de que outra forma pode existir o que vejo? Pois na minha frente é formado o sustento do pensamento que elaboro: é a Consciência Histórica na aliança entre a razão e a alma (aqui fugindo ao conceito de alma como o centro da pensar; estabelecendo-a como pretensa fonte de sentimentos e emoções), construindo um sentido, respostas aceitáveis para as questões que surjam. Infelizmente, na maioria das vezes, basta a aparência daquela imagem, aquilo que ela nos mostra de forma imediata. Anotamos a data na fotografia, seja pela caneta ou pelo registro efetuado na própria máquina. Passado: como tantos outros de outras tantas imagens pelo olhar da fotografia. Não passado somente. Pretérito visto pelo momento presente naquele passo inevitável de um tempo em constante movimento para o futuro.

(...), nos processos de constituição de sentido pela consciência histórica, não diz respeito sobretudo ou exclusivamente ao passado, mas à interdependência entre passado, presente e futuro, pois só nessa interdependência os homens conseguem orientar sua vida, seus “feitos” no tempo. Como representação de um processo de ação que se estende pelo passado, presente e futuro, a própria história faz parte dos “feitos”, pois os feitos da vida humana prática pressupõem um mínimo de orientação no tempo.(...). (RÜSEN, 2010a: 74).

E complemento com:

A metáfora do espelho enfatiza duas características intrínsecas da imagem fotográfica: a capacidade de representar o mundo visível com aguçado realismo e, simultaneamente, o grande poder de evocação do passado, tanto aquele já distante como o momento imediatamente finito. Mas a ideia de um “espelho de memória” também indicava a percepção imediata de outra peculiaridade do novo invento e suas aplicações surpreendentes: a possibilidade de antecipar a memória de certo espaço-tempo por meio da escolha das imagens do presente que se queria fixar para o futuro como recordação do passado (PINTO; TURAZZI, 2012: 118).

Reúno Rüsen, Pinto e Turazzi nessa indicação da fotografia como elemento fundamental no processo de elaboração da consciência histórica.

Ferramenta para uma viagem entre o que foi, o que é o que será. Cada qual como representação de uma linha no tempo, nessas infinitas linhas que desenham a história de cada um.

Imagina teus olhos famintos por uma imagem fotográfica quase exalando odores que a lembrança encontrou em tua memória. As pessoas ali presentes (supondo que se trata de um registro visual com humanos) e o local; momentos verbais mudos que te inundam de sentimentos e emoções por tudo que possa representar. E supondo que se trata de um velho álbum fotográfico (não aquela sequência inimaginavelmente infinita de fotos no HD de um computador pessoal), as outras imagens farão uma sequência, contarão uma pequena história através da tua consciência. E quando o fazemos, a riqueza de detalhes se expande racionalmente mesmo que a narrativa não seja cem por cento real com aquele momento. Mas quem o sabe? Mesmo que venhamos a compartilhar a fotografia, inúmeras interpretações surgiriam numa multiplicação de fatos relacionados ou não.

A observação e a interpretação dos elementos que compõem a aparência e a singularidade de uma fotografia devem ser combinadas, portanto, com a identificação e a análise da rede de relações que originou essa imagem no passado e que ainda a envolve no presente, mesmo que essas relações não estejam (e geralmente não estão) completamente aparentes. Por essa razão, aprender a observar e a interpretar uma imagem fotográfica é, também, aprender a “ler nas entrelinhas”, procurando captar informações, buscando explicações, situando lugares e acontecimento, identificando relações sociais e diversidades culturais, reconhecendo mudanças e permanências no tempo e no espaço. (PINTO; TURAZZI, 2012: 118).

“Ler nas entrelinhas”. Como ler entre as linhas que formam aquelas fotografias? O quanto há nas imagens (aqui menciono as fotografias da experiência) que os distintos proprietários nos mostram? Fico imaginando, na tentativa de ilustrar a dificuldade apresentada do porque selecionar essa ou aquela fotografia. Apenas suponho, cogito, o que eles tentam mostrar além da própria imagem naquela foto, e o que eles deixam de enxergar na representação que selecionaram; assim permaneço com Turazzi e Pinto:

A associação quase imediata que ainda fazemos entre a câmera fotográfica e a representação mecânica do mundo exterior isto é, entre o uso de um aparato tecnológico e o simples reflexo da realidade impressa em uma folha de papel fotográfico ou exibida em



uma tela de computador nos faz esquecer o quanto esse processo é resultado de uma série de escolhas. Uma delas consiste exatamente na seleção do que é ou não memorável, ou seja, do que desejamos ou não reter e preservar para a posteridade. Por isso mesmo, é preciso considerar as visões distintas e os conflitos de interesse que orientam essas escolhas (PINTO; TURAZZI, 2012: 139).

O ato de lembrar, associado com a memória, é uma escolha. Selecionamos constantemente nessa necessidade de conforto e segurança. Da descoberta do fogo, e a salvação que representavam as paredes de uma caverna, ao que é memorável em nós mesmos. Nos preservamos dentro do que nos conforta, produzindo a sensação de um sentir-se melhor mesmo quando, lembrando as distinções imagéticas de meus alunos, expurgamos fatos dolorosos. Falar ou mostrar o que nos machuca ajuda na cura das feridas (ou abre um buraco maior para o conforto da psicanálise). Existe um arquétipo nas séries fotográficas produzidas por eles. Mesmo os que trouxeram poucas imagens na tentativa de um contar a sua história. Eu, como historiador, busquei a exigência de uma grande quantidade de fotografias (quinze não parece muito mas para muitos que pouco tem, quinze são muitas fotos) visando alcançar o consequente bem-estar de minha análise:

Para o historiador que mobiliza fontes fotográficas na sua investigação sobre a sociedade, as análises raramente se restringem a uma única imagem. Trabalha-se, em geral com séries documentais, pois só por meio da recorrência é possível aferir o alcance de determinadas soluções formais e temáticas socialmente adotadas. Em outras palavras, trata-se de identificar aqueles elementos que constituem padrões visuais em funcionamento na sociedade. Assim, diante de fontes fotográficas, o historiador não pode prescindir de métodos de análise que partam das especificidades da imagem, mas que devem alcançar sempre uma perspectiva plural, quer dizer, relacionando-a com outras. (...). (CARVALHO; LIMA. In: LUCA (Org.); PINSKY (Org.), 2009: 45).

*Perspectiva plural.* Escolhas. As fotografias selecionadas, pelas turmas das duas escolas, foram fruto desse horizonte de possibilidades que suas vidas representaram. Esse retornar incerto que a lembrança conduz por um tempo, cuja noção parece interminável para o jovem que, na sua breve experiência existencial, já possui o conceito de brevidade (quando relata suas perdas). Cada imagem, representando esse retalho do que já foi, é um permanecer. Cada recorte é parte de

uma colagem, que o coloca de forma concreta no presente breve de sua história. Cada excerto é um ponto que direciona para essa perspectiva plural. Essa narrativa reconfortante visual, escolhida do que um dia foi, refletindo aquilo que passa a ser desejado (para um dia ser) é consciência histórica.

### 3.3. Sobre Emoções e Sentimentos

*“Acho que o sentimento que mais me esforço em cultivar é o amor, a compreensão e a gratidão, principalmente aos meus pais. Quanto às emoções, não gosto de me basear nelas no dia a dia e tento evitá-las, mas acho que o nervosismo momentâneo sobre algum trabalho, tema e outras coisas, está quase sempre presente. Um dos sentimentos mais aplicados na vida de qualquer um é o amor; e a emoção mais aplicada é a de beijar pela primeira vez. Felicidade, porque estamos sempre alegres com as pessoas que a gente gosta”.*

**Discente da Escola Mascarenhas, 2015**

Se o meu trabalho tem por base uma experiência feita com adolescentes, abordando sentimento e emoção, eu não poderia construir um texto sem a presença de uma pequena demonstração sobre algum entendimento que eles possuam do tema. Foi uma atividade diferenciada na margem do trabalho que norteia minha narrativa. Durante a dita experiência, emoções e sentimentos pulsaram ao som construído pelas histórias de trinta e quatro vidas. Para dar um colorido maior ao que defendo eu propus um exercício, em várias (não tantas) aulas, procurando alargar a compreensão sobre como a História pode ser trabalhada na escola. Não é uma segunda experiência.

No princípio de dois mil e quinze solicitei a todos os meus alunos que dissertassem, sem identificação, sobre uma definição para sentimento e outra para emoção. Caso o grupo, ou o indivíduo (foi possibilitado a escolha para trabalhar em grupo ou individualmente), tivesse a certeza que ambas as palavras apresentam o mesmo significado seria necessário a consequente justificativa.

Um terceiro item foi apresentado: “Quais (e por que) os sentimentos que mais foram significativos na tua vida?”. E, uma quarta solicitação foi efetuada: “História, como ação humana, é motivada pela emoção e/ou pelo sentimento? Necessário justificar:”. E, por fim, uma quinta questão, penso eu, se fez necessária:

“Existe uma relação entre a resposta apresentada no item anterior e a tua vida? Justifica”.

A mecânica de tal atividade foi pautada na liberdade plena nas respostas. Não um responder motivado pela ignorância provocada pela falta de leitura que permeia a maioria dos discentes. Mas sim, o empirismo construído pelas suas histórias de vida que permite a elaboração de conceitos de uma forma original, recorrendo apenas às suas impressões próprias, sem consultar terceiros. Mesmo que outros tenham soprado, em suas orelhas e ouvidos, em algum momento, ideias prontas sobre as reflexões propostas (efetuaram a atividade na sala de aula; não foi permitido o desenvolvimento ou conclusão, em casa, do que fora solicitado).

A epígrafe e o pensamento, ao final desse subtítulo, foram selecionados para esse colorir que achei pertinente executar. Surgiram muitas perguntas que tentavam enquadrar reações físicas, como o ato de chorar e a fome, ao rol das emoções e dos sentimentos. Eu não respondi, justificando que não poderia influenciar na resposta. Pela fala dos meus alunos, a mistura no uso dos dois termos (sentimento e emoção) ocorre sempre, muitas vezes não sendo percebida. Então opto por deixar a palavra com uma psicóloga, Edileine Sanches:

Os sentimentos seriam ações decorrentes de decisões tomadas por uma pessoa. Por exemplo, o amor é o ato de sempre decidir pelo bem a favor do outro ou algo, independente das circunstâncias. As sensações físicas sentidas surgem como consequência da decisão de amar. Essas sensações que uma pessoa sente por outra são apenas emoções (sensações corporais), consequentes do instinto que a levou sentir atração física pela outra. Portanto, a emoção é uma experiência de duração mais breve, e é acompanhada por componentes físicos, motores e glandulares. O sentimento está ligado ao conjunto de crenças e à estrutura do pensamento, enquanto que a emoção está no corpo, são sensações físicas. A ligação entre sentimento e emoção é tão intensa e completa que os dois se fundem, fazendo com que o homem se torne um ser único e indivisível (SANCHES, 2011).

Buscando a natural relação com a experiência, e lembrando as narrativas desenvolvidas, temos a sequência inicial da pretensa fórmula: a imagem, pela fotografia provocando uma emoção inicial e de curta duração, dando início ao sentir de acordo com o contexto observado pela cena impressa. Esse processo ocorre de forma tão rápida que ambos, emoções e sentimentos, parecem se misturar. Daí decorre o restante do caminho sequencial, ou da receita. O sentimento, ligado à

estrutura do pensamento, usa da lembrança para conseguir, na memória, redescobrir os elementos formadores daquele momento em sua história de vida. No tempo que um dia foi nesse consciente e narrativo presente. Mas agora busco deixar clara a diferença entre emoção e sentimento:

(...) estudos do neurologista e autor português (atualmente radicado nos EUA) Antonio Damásio. Segundo ele, a dor e o prazer são ingredientes essenciais dos sentimentos. E para controlar diferentes sentimentos, há sistemas cerebrais diferentes.

A distinção entre emoções e sentimentos pode ser evidenciada, em casos clínicos em que pacientes perderam a capacidade de exprimir emoções e que assim também não conseguiam expressar os correspondentes sentimentos, porém alguns outros pacientes eram incapazes de possuir sentimentos, entretanto conseguiam expressar comportamentos emocionais, ou seja, é possível exibir uma expressão de medo, mas não sentir o medo. Assim, “os sentimentos são a expressão do florescimento ou do sofrimento humano, na mente e no corpo”, “os sentimentos podem ser, e geralmente são, revelações do estado da vida dentro do organismo”. A emoção e as várias reações com ela relacionadas estão alinhadas com o corpo, enquanto os sentimentos estão alinhados com a mente.

(...)

Têm-se emoções primeiro e sentimentos depois, porque na evolução biológica as emoções vieram primeiro e os sentimentos depois. As emoções foram construídas a partir de reações simples, que promovem a sobrevivência de um organismo e que foram facilmente adotados pela evolução (ATÉ o tálamo, 2008).

A ignorância, como benção, *ou revelando um estado de vida*, não provoca confusão no uso de definições divergentes. Embora o adolescente não tenha conseguido enquadrar os conceitos solicitados - experiência marginal -, isso não o incapacita - experiência original -, na narrativa de suas memórias, principalmente sendo estimuladas pelas fotografias. Mas quando provocados, quando ocorre a necessidade sobre que explicações adotarem para externar um pensamento próprio, a dificuldade aparece. Incomoda. E o melhor de tudo, provoca. Somos, todos nós, emoção e sentimento, ação e reação:

*“E escrevi esperta: rol de sentimentos.*

*[...]*

*Então comecei uma listinha de sentimentos dos quais não sei o nome. Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? A saudade que se tem de pessoa de quem a gente não gosta mais, essa mágoa e esse rancor – como se chama? Estar ocupada – e de repente parar por ter sido tomada por uma súbita desocupação desanuviador e beata, como se uma luz de milagre tivesse entrado na sala: como se chama o que se partiu?”. Clarice Lispector. A*

*descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.11 (MENDES, 2009: 16).*

*“Era uma criança tão morosa, cansada, medrosa, amuada, cheia de culpa, servil, maldosa, preguiçosa, voraz, avarenta, que eu mal podia olhar para ela, dirigir-lhe a palavra, de tanto que me fazia lembrar de mim mesmo. (...). A avareza é sem dúvida um dos sinais mais confiáveis de infelicidade profunda; eu estava tão inseguro de tudo, que só possuía, de fato, o que já segurava nas mãos ou na boca...”. Franz Kafka. Carta ao pai. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.38 (MENDES, 2009: 66).*

E o que discursa meu teórico eleito? Tendo eu uma predileção - aqui, penso eu, controlada - pela literatura, muito me satisfaz citar *a escola teórica de um homem* só em uma etapa tão emotiva de meu trabalho. Assim, sensivelmente, capturo a citação de Jörn Rüsen utilizando-se de um romancista:

(...) na descrição que Robert Musil faz, do relacionamento entre duas pessoas, em seu conto *A consumação do amor*:

As coisas à volta prenderam a respiração, a luz na parede cristalizou-se em pontas douradas... tudo calou e esperou, tudo estava ali por causa dela; ... o tempo, que atravessa o mundo como um fio brilhante e que parecia cruzar o quarto, parecer subitamente parar e enrijecer-se, totalmente rijo, plácido e brilhante, ... e as coisas aproximaram-se um pouquinho umas das outras. Foi essa placidez e suave declinar, como quando as camadas repentinamente se organizam e um cristal se forma... Em torno dessas duas pessoas, por cujo meio se insinua e que veem e reveem esse fôlego redito, essa arqueadura, esse envolvimento como através de mil e uma superfícies espelhadas, como se vissem pela primeira vez... .

Tais momentos ocorrem também além da experiência amorosa da cada pessoa. Eles também acontecem de forma “histórica” como períodos de tempo especialmente destacados, nos quais o sentido e o significado das mudanças temporais são cristalizados como momentos intratemporais. “Um” tempo preenche-se com o sentido “do” ou de “todo” o tempo. Em um instante do agir de uma geração consolida-se o destino de muitas gerações. (...). (RÜSEN, 2010c: 148-149)

Rüsen conclui sua citação com os elementos finais do caminho que determinei: *Fatos escondidos, conscientemente, talvez, durante muito ou em um tempo tão mínimo que não pode ser esquecido. (“o sentido e o significado das mudanças temporais são cristalizados”)* Não ainda. Dessa forma visualizo minha história de vida nessa *História totalizante*. (“em um instante do agir de uma geração consolida-se o destino de muitas gerações”).

Finalizo, então, como comecei. Com o meu aluno. Ele é o motivo, a provocação daquilo que escrevo. Suas palavras, mais que necessárias, são bem vindas:

*“Sentimento é o que sentimos no psicológico por causa de determinada ação, decisão que tomamos pela situação que nos encontra. Emoção é semelhante a um sentimento; uma palavra exata que defina emoção não existe. Sentimos emoção quando vemos uma cena que nos choca, quando ouvimos uma música, quando estamos com o nível de adrenalina alta ou quando sentimos orgulho de alguém ou de nós mesmos. Entre os sentimento e emoções mais presentes na minha vida está a saudade, pois nunca estou na presença de todos os meus familiares ou amigos o tempo todo. Há também o medo, mas não o medo ruim, medo que muitas vezes impede que eu faça alguma besteira, que pode ser controlado quando percebo. A minha vida, muitas vezes, é motivada pelas minhas emoções que, as vezes, mandam nós fazermos coisas que não sabemos que são erradas; mas as vezes vemos que as nossas emoções estão corretas”.*

**Discente da Escola Mascarenhas, 2015**

### **3.4. Lembrança e Memória**

Fiquei sentado durante uma hora e trinta e três minutos pensando em como começar a minha escrita. A mão esquerda, tipicamente apoiando o queixo, mantinha meus olhos perdidos para a tela do computador onde tentava me achar. Para que a cabeça permanecesse centrada e fixa, na posição em que estava prostrada, meus dedos forçavam com o punho fechado a lateral esquerda da face.

Qual fato eu devo contar como ponto de partida daquilo que ainda permanece em mim? Quando entrei nisto que determinam como existência? Minha mente mistura imagens das fotografias dos álbuns de família e cenas de filmes que eu tomo como recordações de coisas que eu nunca realizei. O que eu fiz que, ao recordar, sejam memórias minhas somente?

Busco meu nascimento e só encontro fragmentos da voz de minha mãe narrando a percepção da minha falecida tia, irmã de meu pai, sobre aquele dia, incertamente afirmando, que foi pela noite às vinte e uma e trinta.

Então surge a lembrança do nascimento do meu filho. Ou melhor: a lembrança, mui gentilmente, busca na memória tal fragmento de meu tempo. Tomo o

momento dele como forma de trazer a mim nessa vida. Fecho os olhos e vejo sua pequena mão que não toquei quando nasceu. Eu fotografava, sorria e procurava imperfeições. Desafogado, leve, abrandado, amortecido, confortado... por fim, relaxado eu pensei: “- Foi bem construído!”.

E assim conto sobre mim, sobre o que acho que lembro e o que penso saber, o tudo que a minha memória apagou, continua apagando, esquecendo ou guardando. É um pensar sobre o que aconteceu e passar a duvidar. Pobre lembrança que, eventualmente, abraçará um sentimento de inutilidade.

As narrativas de meus alunos, como toda a forma de expressão de elementos baseados no recurso à memória, possuem lacunas, dado que esse *depósito* jamais oferecerá a integralidade dos processos pretéritos. Até mesmo porque esta não é a característica principal da memória. Segundo Foster (2011) a reconstrução de um processo vivido não é integral. E as lacunas são preenchidas por elementos de seus processos inferenciais sobre o mundo:

Um evento, enquanto acontece, é construído pela pessoa que o experimenta. E essa construção é muito influenciada pela memória do “evento” (neste caso, a exibição do filme), mas também é produto das características e idiosincrasias de cada um (tudo isso tem um papel fundamental na maneira como o evento é vivido, *codificado* e, conseqüentemente, *armazenado*) (FOSTER, 2011: 19).

Como saber quais os elementos que preencheram possíveis lacunas nas narrativas? Como saber onde estão as lacunas? Estava pensando em coisas que tive na infância e como me fariam bem resgatá-las. Mas eu não as tenho mais. Vendi, troquei, quebrei... sei lá! Não as tenho. Então, mesmo comprando novamente não será a mesma coisa. Coisa boa que tudo será diferente quando tentamos reconstruir momentos bons. E quando for o instante da necessária lembrança, como auxílio no testemunho de um evento onde a vida de outros foi alterada?

Mais tarde, ao tentarmos lembrar daquele evento, enquanto algumas partes do filme vêm à mente de forma instantânea, outras são reconstruídas por nós – a partir das partes que lembramos, que sabemos ou acreditamos ter acontecido (o que provavelmente é baseado em nossos processos inferenciais sobre o mundo, combinados com os elementos do filme que recordamos). Na verdade, somos tão bons nessa reconstrução (ou “preenchimento das lacunas”) que muitas vezes ignoramos de maneira consciente que isso tenha acontecido. É mais provável que isso ocorra quando uma memória é contada e recontada na presença de diferentes

influências a cada evocação (...). Em tais situações, a memória “reconstruída” muitas vezes parece tão real quanto a memória “recordada”. Isso é especialmente preocupante quando pensamos no quanto as pessoas podem achar que “lembram” de detalhes cruciais no testemunho de um assassinato ou em uma experiência pessoal de abuso infantil, quando – pelo contrário – podem estar “reconstruindo” esses eventos e acrescentando informações que faltam a partir de seu conhecimento geral do mundo (...). (FOSTER, 2011: 20).

Nunca conseguiremos, hoje ou no futuro, montar o passado como ele realmente foi. As ditas pretensiosas reconstruções são pírias tentativas ilusórias da melhor literatura que nos entretém. Quando olhamos para uma época que há muito já foi, ou um momento nosso de um fragmento temporal recente, buscando lembrar, a memória vem recortada, esquartejada, mutilada numa mistura de sentimentos do hoje com sentimentos de outros instantes que há muito ou pouco tempo aconteceram. Foster realiza uma excelente analogia do processo que utilizamos nessa tentativa de *montar as peças*; e assim também aproveitamos para estabelecer o ato de lembrar:

À luz dessas considerações, o ato de lembrar tem sido comparado à tarefa de um paleontologista, que reconstrói um dinossauro a partir de um conjunto incompleto de ossos, mas que possui grande conhecimento geral sobre o assunto. Nessa analogia, o evento passado nos deixa com acesso a um conjunto incompleto de ossos (com ocasionais ossos “estranhos” que não derivam do evento passado). O esforço em usar esses ossos para montar algo que se pareça com o episódio sofre influência do nosso conhecimento de mundo. A memória que montamos pode conter alguns elementos reais do passado (isto é, alguns ossos reais), mas – do ponto de vista do conjunto - é uma reconstrução imperfeita do passado localizada no presente (FOSTER, 2011: 20).

Sigo com as minhas analogias: o que fazemos é a mais pura literatura de nossas vidas. Assim como um romancista que, ao escrever uma novela de época, tenta mostrar todo um período da forma mais fidedigna, mas um por cento lhe escapa (como saber que só escapa 1%?). Ele, então, completa com informações que ainda carecem de provas baseado em suposições comparativas com situações semelhantes de outros momentos e lugares.

Determinamos, hoje, o significado do ontem. Significamos vidas, objetos, momentos com o tempo e a realidade de hoje, com conceitos e pré-conceitos do agora. Ou seja, o passado retorna como uma sombra refletida na parede. O que



podemos conseguir do passado são sombras mais complexas, mas sempre na dependência da luz que projetamos. Será outra coisa, como explica Joël Candau (2012):

(...), no processo de mobilização memorial necessário a toda consciência de si, a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida (CANDAU, 2012: 65).

Nossa memória é a luz mais fraca. Embora o que tenhamos em nosso interior seja o que realmente importa. Nunca contamos o mesmo fato da mesma forma. Acrescentamos elementos do presente (e mesmo sendo agora, outras cores iremos utilizar) como se o conjunto das nossas lembranças fosse um gigantesco brinquedo de montar. Mas faltam muitas peças, muitos blocos que preenchemos, substituímos por outras peças de outras caixas, como foi explicado por Jonathan K. Foster (e aqui insisto repetidamente por ser uma ideia que considero fundamental dentro da consciência histórica).

E, para compensar essa incompletude, filmamos, escrevemos e fotografamos nossa vida. Estar vivo não ocorre apenas nos quase inexistentes segundos do instante que determinamos como presente. Estar vivo é ser pleno no tempo, sempre lembrando. Todavia, lembrar é muito custoso e, em alguns casos, doloroso. Viver funciona dessa forma (não estou dando o sentido da vida, mas, emotivamente demonstrando uma ideia que me envolve permanentemente no tempo): é caminhar hoje tendo por base a lembrança de quem nos ensinou a dar o primeiro passo. É lembrar um nome:

(...) Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade. (CANDAU, 2012: 68).

É chorar ao manusear algo deixado por alguém que fez parte de nossa existência (mesmo em um fragmento de tempo quase extinto de nossa memória, e não necessariamente tenha deixado de respirar). É abrir uma gaveta e encontrar um dente siso e ser invadido pela raiva por causa de uma dor física que não mais ocorre. E qual o motivo para um indivíduo manter um dente siso aprisionado em um

depósito com documentos e outros pertences (aqui não levanto possibilidades psiquiátricas)? Justamente por pertencer a sua vida. Joël Candau, muito nos ajuda citando M.I. Finley e Bachelard:

De fato, a lembrança do tempo passado não é a lembrança do tempo que passa nem a lembrança do tempo que passou, (...) "nossa alma não guardou a fiel lembrança de nossa idade. Nem a verdadeira medida da longa jornada ao longo dos anos: guardou, isso sim, a lembrança dos acontecimentos que colocamos como decisivos do nosso passado", quer dizer, os acontecimentos que são percebidos como tal, que fazem sentido para quem lembra, ordenados de acordo com o sistema racional do momento mesmo da evocação, (...) nos quais acontece a "tomada de memória" que é , ao mesmo tempo, tomada de consciência de si mesmo. (CANDAU, 2012: 65-66).

Vida complexa, plena, mesmo quando aparentemente monótona. Penso que a monotonia está ligada aos caminhos que escolhemos, aos enfrentamentos que relegamos, aos muros que construímos para uma acomodação de facilidades caracterizadas pelo mínimo esforço. Pela covardia e pelo medo não superado. Pois viva o medo como motor para que o combustível chamado adrenalina nos movimente para lugares desejados ou impensados. Para uma tomada de consciência de nós mesmos.

Incrível como algo presente, acumulado em nós, construído por nós, perde-se em nós, em grande quantidade e de forma acelerada. Não vou culpar a biologia dos neurônios que, ao morrerem, liquidam lembranças acumuladas em nossa memória. Somos culpados pela nossa própria morte em vida. Não registrar o que fazemos é acelerar ou contribuir significativamente para o nosso fim. Nascemos todos os dias com a oportunidade de narrar e contar tudo desde o princípio. E todos os dias vamos repetir a ação desse esquecer de nós mesmos em pequenas parcelas. O momento atual mostra imediatamente o que não somos mais; "Então pensei no agora e percebi que amanhã terei saudade de ontem, ou seja: hoje!". Após a pretensão de citar a mim mesmo, trago de volta Candau:

As falhas de memória, os esquecimentos e as lembranças carregadas de emoção são sempre vinculados a uma consciência que age no presente. Porque a memória organiza "os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro", (...). A lembrança não "contém" a consciência, mas a evidencia e manifesta, é a "consciência mesma que

experimenta no presente a dimensão de seu passado" (CANDAU, 2012: 63).

Lembrar e Esquecer, *como apelos ao passado*, trabalham juntos, pois penso que passamos esquecendo da mesma forma natural que depositamos e resgatamos, em nossa conta pessoal, os fatos do dia a dia. E podemos defenestrar um provável por vir, uma possibilidade planejada, realizável ou não. Quantos anseios guardamos em nossa alma que acabam sendo esquecidos, destruídos antes mesmo de começar. As *demandas do futuro*, como menciona Joël Candau:

(...) o passado que não é mais, o futuro que ainda não é e o presente que foi abolido no momento mesmo em que nasceu recordar permite juntar essas três dimensões temporais, como bem observa Kant, para quem a faculdade de recordar e a faculdade de prever servem "para unir em uma experiência coerente o que não é mais com o que ainda não é, em meio do que é o presente". O apelo ao passado é um constante desafio lançado ao futuro, consistindo e ponderar hoje sobre o que foi feito e o que poderia ter sido feito (CANDAU, 2012: 66).

Muitos dos meus alunos, pela experiência que possuo, demonstram constantemente uma frustração por coisas que desejam que aconteçam e que nunca serão realizadas. Crescem frustrados. Claro, faz parte da vida de todo indivíduo. Esse futuro, que poderá se tornar uma presença na memória (e, quando necessário, resgatado pela lembrança) até que sua existência seja apagada, foi demonstrado em diversos momentos nas narrativas que foram desenvolvidas nas duas escolas. São os sonhos, os desejos, as vontades por alternativas, por perspectivas. São as escolhas que se acumulam na memória. As possibilidades do que pretendemos realizar, do que foi e o que está sendo realizado em nossa vida são guardadas. Podem ser esquecidas, ou não. E a vontade por algo não acontecido torna-se memória acumulada que poderemos trazer à tona através do ato de lembrar.

Por fim, não podemos deixar de evidenciar a diferença entre a ação *lembrar* e o espaço onde procuramos guardar os fatos de nossa vida, através da evidência sobre a memória, nas palavras de Jörn Rüsen:

(...) A memória é, a princípio, uma relação da consciência humana com o passado do qual se teve uma experiência própria. Este é o conceito mais restrito de memória. Trata-se do passado no interior do

próprio tempo de vida. Mas ela se expande e é permeada e determinada pela memória coletiva, que se estende através das gerações. Dessa maneira, o alcance da relação com o passado amplia-se até um tempo da respectiva geração. (...) A consciência histórica inclui as lembranças individuais e a memória cultural, mas também outras atividades no convívio com o passado, principalmente aquelas a partir das quais são desenvolvidas as perspectivas de futuro. O discurso da memória ignora o fato de que não há memória sem expectativa. (RÜSEN, 2012, p. 133).

Expectativas. Possibilidades de um presente ilusório que, em uma fração de milésimo de segundo, já se foi. Pensamos constantemente no que iremos realizar, as hipóteses futuras, alicerçadas naquilo que já executamos e que vivenciamos no agora provisório (já foi!): tudo acumulado na memória. Continuando nessa evidência sobre nosso depósito, diferenciando sobre o ato de recordar, remeto novamente a Jonathan K. Foster:

Qualquer sistema de memória eficiente – seja um gravador de áudio ou de vídeo, o disco rígido do seu computador, ou mesmo um simples arquivo de escritório – precisa desempenhar bem três funções:

1. *codificar* (isto é, receber ou adquirir) informações;
2. *armazenar* ou reter essas informações de maneira fiel e, no caso da memória de longo prazo, durante um grande período de tempo;
3. *recuperar* ou acessar as informações armazenadas.

Usando a analogia do arquivo de escritório, primeiro você arquiva um documento em um local específico. O documento é mantido naquele local e, quando precisar, você o recupera do arquivo. Entretanto, a menos que haja um bom sistema de busca, você não conseguirá encontrar o documento com facilidade. Assim, a memória não envolve apenas a recepção e o armazenamento de informações, mas também a habilidade de recuperá-las. Os três componentes precisam funcionar bem para que nossa memória funcione de forma eficiente. (FOSTER, 2011: 31)

Observei, durante a experiência de dois mil e treze, no diálogo entre imagens e a construção das narrativas, meus alunos ativarem seu sistema de busca enquanto olhavam suas fotografias. Espalhavam fotos e mais fotos sobre as mesas procurando estabelecer uma sequência, refazendo a mesma muitas e muitas vezes. Testemunhei a mistura de todos os elementos que constituem essa formulação com os conceitos que apresento. A pausa antes da escrita, paralisados no tempo, buscando o tempo onde aquele momento ocorreu. Algumas lágrimas foram inevitáveis, tanto de meninas como por parte dos meninos. A explosão de emoções

e a constância dos sentimentos. Parecia que tudo se misturava naquelas cabeças. Em suas almas. Esforçaram-se para encontrar na memória o que buscavam. Fragmentos que surgiram pelo estímulo de uma imagem ou muitas, para trazer à tona uma peça apenas, no imenso tesouro que existe dentro de cada um dos meus alunos. Histórias sobre histórias, então conscientemente recontadas.

### 3.5. Temos Tempo para o Tempo?

Não adianta pensarmos no tempo não aproveitado como achávamos que ele deveria ter sido manuseado. Porque ele foi, de alguma forma. Devemos pensar no tempo que possuímos agora e no quanto ele pode e deve ser um instrumento a nosso favor amanhã. Princípio a falar sobre o tempo, voltando significativamente ao pensamento de Santo Agostinho:

De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro -, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser?” (AGOSTINHO, tradução de J. Oliveira Santos, 2004: 322).

Todavia, aquilo que conto agora é como deve ser. O choro do meu filho, ao sair para o mundo, foi uma estremecida naquilo que eu denominava como sendo o meu mundo. Seriam duas vidas para evoluir, juntas e separadas, independentes numa ligação contínua e perpétua. Como fazer para que eu não estrague a trajetória dele, agora, ao agir em seu benefício, permitindo os meios para que sua vida, no futuro, seja melhor do que a minha foi, é tarefa primária. Sobre esse pensar a vida hoje, significando o passado, apresento a escrita de Angel Pino:

Profeta do passado, o tempo nada pode dizer sobre o futuro. Como então pensar a vida sem referência ao passado? Mas como pensar o passado se já não faz parte do seu tempo? Como, porém, pensar o tempo sem pensar o passado? O tempo parece brincar de esconde-esconde com o homem: acena por todas as partes como algo necessário, mas sem se deixar ver em lugar algum, apesar de ser aquele a quem se atribuem todas as coisas (PINO, 2005: 50-51).

Pensar no futuro é algo presente. Muito fácil tornar-se uma ansiedade doentia ou um descaso permanente. Então vou dosar displicência e aflição, misturando cognição, subjetividade e um desespero aberto por lembranças que realmente não posso afirmar o quanto são verdadeiras. Tornar-se-ão o que são pela forma como me construo hoje. O meu passado não morreu, mas sua reconstrução, incompleta e incerta, depende desse processo dispendioso de um ir rumo a uma vida que um dia foi. Minha existência passada fica cada vez mais oculta na medida em que meu futuro avança por rumos que ainda decidirei, pelas presenças que vou aturar ou permitir aturar. Saberei o que fui pelo que sou ou ainda serei. Pino, complementa:

Na simplicidade da suas experiências, o tempo aparece ao homem comum como constituinte da própria existência, seja que ele sinta o tempo como o vento que impulsa as velas do barco da vida numa única direção, seja que experimente o tempo como um túnel imenso pelo qual tudo tem que passar, particularmente ele. Qualquer que seja a representação que se faça do tempo, de uma coisa ele está seguro: a vida não dura para sempre nem volta atrás. E mais, ele sabe que o "para sempre" não faz parte da sua existência natural e que, se isso pode ter algum sentido, só o terá num outro tipo de existência, para além do tempo. Sua experiência do tempo é demasiadamente viva, como para esquecer que sua existência e tudo que está ligado a ela um dia acabará. O problema é saber quando! Mas como pensar a própria existência sem a ajuda do tempo, testemunha silenciosa de todos os momentos? Como não ver no tempo o guardião zeloso do passado e a promessa sempre incerta do futuro? Como evitar a sensação de que o tempo carreta consigo sua vida, livrando-o da dor, do sofrimento, da tristeza e do desespero, mas privando-o também de tudo aquilo que lhe fez antanho sorrir e amar, desejar e esperar, sonhar e realizar? (PINO, 2005: 50).

A vida de todos é algo que o tempo não conduz, não delimita, não estraga. O tempo apenas nos alerta para o nosso tempo. Ele está enquanto nós passamos e pagamos um vultoso pedágio: o envelhecimento. E o que ganhamos em troca? Tempo para viver plenamente. Avançando não sobre ele, o tempo. Mas avançando sobre nós mesmos. O tempo não te engole se tu parares. O tempo não te engole se tu seguireres adiante. O tempo é o que é como a gravidade o é. E nós podemos voar. Claro, cair é antes de tudo a principal função de qualquer voo. Mas saber cair é outra história. Novamente busco as palavras de Angel Pino, sobre o

devido comentário sobre a obrigação de saber viver com o nosso tempo, com as nossas emoções e sentimento:

A linguagem do homem comum parece fazer do tempo o depositário de todos os sentimentos que as experiências vividas despertaram nele: "Tempos bons aqueles!", diz, com saudade do que já acabou; "Anos difíceis", suspira, com um misto de alívio e de dor; "O tempo passou tão rápido!", lamenta, pensando na fugacidade da felicidade; "Tempo perdido!", sussurra, com ar de decepção pelo sonho que não se realizou; "As horas não passam!", repete, ansioso, à espera do que de ruim ou de bom deverá acontecer; "Não tenho tempo!", diz, para acalmar sua ansiedade, ou para justificar sua omissão. O homem comum sabe que sua existência reside no tempo, mas não é o tempo, pois aquela passa, enquanto este fica (PINO, 2005: 50).

Quantas vezes caímos e assim ficamos. Ficamos porque queremos. Acomodamo-nos numa autopiedade que implode e explode em cima daqueles que, por azar, estiveram em nossa volta. Não é um desespero: é um aquartelamento disfarçado por um sentimento de desgraça, sem controle, e imposto por nós mesmos pelo tempo não aproveitado.

Ontem, eu não lembro? Não, hoje eu não me lembro de ontem. O quanto o ontem está em mim hoje é pouco percebido. Mas quando paramos para definir, expor o quanto aquilo que já foi e ainda o é no presente constatamos espantados que o dia de ontem (aqui apontando um período específico do tempo) ainda não acabou. O livro que continuo vinte quatro horas depois; o capítulo de uma dissertação que completo pela madrugada; coisas que foram ditas e reverberam na minha mente e coração (como um depósito virtual e genérico de sentimentos reais); ações que foram determinadas (ontem) para que ocorram nesse instante. Vejamos o que nos mostra Regina Maria L. Lopes Carvalho, quando cita o Dicionário de Filosofia Lalande (1960):

(...). Vemos, aí, que o Tempo é conceituado de três formas: A, B, e C, a saber:

- a. período que vai de um evento anterior a um evento posterior;
- b. mudança contínua, pela qual o presente torna-se passado;
- c. meio indefinido, análogo ao espaço, o qual se desenrolariam os acontecimentos, cada um marcando aí uma data, as que, em si mesmo, se daria por inteiro e indivisível à mente (quer ele exista por si mesmo, como o pensavam Newton e Clarke, que ele só exista no pensamento, como o afirmam Leibniz e, principalmente, Kant). (CARVALHO, 2005: 16).

Quando obliteramos aquilo que já foi em nossas vidas, definimos uma amputação existencial. Eliminamos parte da nossa história. Principalmente o princípio. Base que lentamente vai sendo apagada, afinal lembramos como e quando nascemos? Dependemos das memórias dos outros para completarmos as nossas e o nosso tempo. De nossos pais, ou qualquer um que tenha entrado em nossa vida, mesmo sem ter sido convidado, e que ainda consiga contribuir somando com a lembrança de momentos reais (ou que acredita que sejam reais) em espaços quase em branco de nossas memórias.

Fatiamos o Tempo e assim construímos, acredito, um sentimento de que ele nos engole mais rápido. Não possuímos nenhum controle sobre *Cronos* e ainda o dividimos, subdividimos, retalhamos e o compactamos em nossos pulsos, nas paredes de nossas cozinhas, nos celulares etc. Vivemos entre os espaços desse contar o tempo permanentemente. Autoimpomos uma tirania do tempo através dos ponteiros do relógio. Cada vez mais aumentamos uma imaginada certeza de poder administrar o tempo. Mas esse controle, verdadeira e paradoxalmente, limita a nossa liberdade. Encerro a participação de Angel Pino com a sua exemplificação sobre o paradoxo do tempo:

Se o tempo parece confundir-se com a vida, a relação entre a vida e o tempo conduz necessariamente a paradoxos: este possibilita aquela, mas, ao fazê-lo, a conduz inexoravelmente à morte. Mais poderoso que a vida, ele sucumbe, entretanto, diante da morte, porta desse tempo sem tempo que é a eternidade. Não é difícil perceber que, ao invocar continuamente o tempo, o homem comum o constitui guardião de um passado que não lhe pertence mais, na esperança de que, se o tempo não pode mudar o que foi, pelo menos carregue consigo seus infortúnios, permitindo-lhe também gozar, na lembrança, os momentos felizes que viveu (PINO, 2005: 51).

Enquanto profissional da área das ciências humanas, trabalhar com a noção de tempo é extremamente complexo, quase perturbador. No tempo real do meu aluno, discursamos sobre o que passou longe de nossas memórias e não sobre fatos realmente presentes em nossas vidas um ano atrás, um mês ou um dia. Muitas vezes são décadas, séculos ou milênios mencionados e descritos, quando muito, em minutos. Falamos sobre gente estranha, morta e distante. Localizar um fato, apresentar nomes que, naquele determinado lugar, lá realizaram algo (selecionado para ser apresentado em uma sala de aula), mesmo que não faça sentido de ser



entendido, pelos discentes, pode ser efetuado e até assimilado. Mas falar *quando*, um agraciado significativo instante ocorreu, é *outra história*. A forma acelerada como vivemos crucifica o tempo. Pior: provoca um sentimento de um mundo tão rápido para o futuro que, quando há a necessidade em abordar sobre um tempo maior no passado, maior se apresentará a dificuldade de uma compreensão sobre esse mesmo passar dos dias.

Nós nos esquecemos, na sala de aula, do nosso próprio tempo e, nesse processo histórico, de olhar outras pessoas em outros lugares, em outros tempos (relegando a nossa própria época), antes de nós mesmos, seremos defenestrados de qualquer lembrança não somente após o nosso último sopro mas, lamentavelmente, enquanto vivos estamos. Será o fim dos Tempos.

### **3.6. Consciência Histórica em 536 palavras**

Culpa, sentimento permanente em nossa alma ou mente. Como preferir. Culpamo-nos (ou culpamos os outros) e lamentamos pelo que poderíamos ter feito no passado, pelos caminhos e ações que julgamos errados com um olhar de um ilusório presente, pensando sempre o que nos reserva o dia de amanhã. E assim, conscientemente, penso na minha vida. O que fiz com a minha história até aqui?

O quanto eu consigo responder, da forma mais completa, depende da minha capacidade de lembrar alcançando o máximo de memórias. Esse recordar é possível pela vontade que acontece, onde todo desejo, por si só, pode estar carregado de emoção. Aquela fagulha como a pedra de um isqueiro que acende o fogo de um provável vício. E cada sentimento que surge, nessa turbulência interna de mim mesmo, explode num *flash* de imagens incertas. E existem imagens certas, dessa minha consciência do passado?

Seria totalmente equivocado, pois, entender, por consciência histórica apenas uma consciência do passado: trata-se de uma consciência do passado que possui uma relação estrutural com a interpretação do presente e com a expectativa e o projeto de futuro. A narrativa histórica organiza essa relação estrutural das três dimensões temporais com representações de continuidade, nas quais insere o conteúdo experiencial da memória, a fim de poder interpretar as experiências do tempo presente e abrir as perspectivas de futuro em função das quais se pode agir intencionalmente. A

narrativa histórica constitui a consciência histórica como relação entre interpretação do passado, entendimento do presente e expectativa do futuro mediada por uma representação abrangente da continuidade. Essa mediação deve ser pensada como especificamente histórica por operar a inclusão da interpretação do presente e do futuro na memória do passado (RÜSEN, 2010a: 65).

Quando menciono "pela vontade que acontece" coloco-me no agora de minha vida. O hoje, na existência de qualquer sujeito, é carregado de momentos do passado. Lições apreendidas, sentimentos experimentados que podem retornar quando desejados pela lembrança e disponíveis pela memória. E, permanentemente, pensamos naquilo que será feito, ou que, no mínimo, desejamos que seja feito.

Uma fotografia não é passaporte para memória que ela reporta ou ilustra. Não mergulhamos diretamente naquele instante de um tempo que se foi. E o tempo para? Continua? Ele é. Simplesmente dividimos nosso envelhecimento em etapas e culpamos o tempo. Somos todos filhos do tempo, produzidos pelo tempo, átomo por átomo, compartilhando e reagrupando de maneira infinita as mesmas partículas. Antoine Laurent Lavoisier afirmou que "na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". Aos cinquenta anos foi guilhotinado. Onde se agruparão as partículas que, naquela configuração, produziram uma perdida cabeça tão brilhante?

A fotografia foi, na presente experiência, a pedra do isqueiro. Mas e o cheiro? Quantos odores nos *transportam* para um período em que nossos corpos eram mais novos, mais afastados do processo final de deterioração? Todos esses elementos: o estímulo (imagem, odor, etc.), as emoções e os sentimentos, o lembrar e a memória, como causa e/ou consequência, nos colocam além de onde estamos hoje no tempo. Misturados nessa cadeia de fatos que determinamos História. Nossas grandes e pequenas histórias nessa justificativa de envelhecimento na qual o restante da humanidade parece representar tão pouco. Isso é estar ciente da própria história... é Consciência Histórica.

### 3.7. História

Vamos recordar os dizeres do último parágrafo da primeira parte desse capítulo: "*Sendo assim, me parece importante deixar claro o que entendo nessa*

*relação, professor + aluno, para efeitos deste trabalho, por: imagem e fotografia, emoção e sentimento, lembrança e memória, tempo, consciência histórica e história".*

A disciplina de Heródoto ficou como último conceito para ser demonstrada nessa determinada sequência. Ela é a caixa maior, que engole todas as anteriormente apresentadas, representando a totalidade de ações humanas ao longo do tempo. Imagine, agora, ela sendo aberta e, no seu interior, encontrada uma segunda caixa, a consciência histórica: a minha, a sua... individualmente provocando o nosso agir como sujeitos na história. Abra (somos agentes, sujeitos), e uma terceira caixa imediatamente surgirá sem sua tampa: tão rápida que mal percebemos como sendo o tempo. E já estaremos em uma quarta caixa, profunda, eletricamente cheia de luzes onde reconhecemos coisas que já foram, são ou serão, a nossa memória, apresentada por uma força chamada lembrança. Então, lá dentro, tropeçamos em uma quinta caixa: o impacto provoca uma dor, não muscular, mas que aperta o peito, acelera nossos corações, faz escorrer uma lágrima e abre nossos sorrisos. No impacto a tampa fora jogada longe mas percebemos duas palavras escritas, emoção e sentimento. Ficamos parados, observando que no interior dessa quinta caixa uma sexta e última caixa se faz presente. Dela sai uma luz, muito forte, que projeta imagens à nossa frente. Fotografias de momentos especiais, instantes que gravamos para não serem esquecidos jamais. Então, tudo recomeça. Mas agora o caminho é inverso e, tão rapidamente como começou, essa viagem termina e eu estou novamente em frente da caixa maior: a História.

Através dessa metáfora eu situo e justifico a posição da História nesse capítulo. Foi por Ela que eu me tornei professor. Suas múltiplas faces me dão todas as *histórias* que desejo contar e recontar. E o melhor: elas não terminam. Sempre teremos novos fatos e descobertas que mostram o pior e o melhor da humanidade.

(...) essa história possui começo, meio e fim. O fim é o momento presente da situação narrativa. O começo está no ponto em que a vida humana gozava de condições cujo a falta no presente exige a interpretação do tempo atual. O meio mostra a sequencia dos acontecimentos desse início até o presente, de maneira que pareça plausível um futuro em que as condições atuais da vida possam ser mudadas e em que, de certo modo, se retorne ao começo (Rüsen, 2010a: 159).

Lamentavelmente, a História, enquanto componente curricular está marcada como uma ciência do velho e do antigo. Que pensamento ultrapassado. *Ela* envelhece na medida exata do tempo que vivemos. Descrevo como sinto a História, pois não basta apenas mencionar a maneira dos meus alunos a aceitarem, mas de que forma o seu professor realmente a enxerga. Ela provoca o meu não esquecer de lembrar e, assim, eu me mantenho quase inteiro nesse processo temporal do que fui, sou e serei, através da consciência histórica.

Lembra, recorda, não esqueça, perpetua tudo e todos, inclusive os mortos que estão dentro de você. Diga o nome deles e eles viverão novamente. A vida se fará em cada respiração, em todo ar que você arrasta para o seu interior fruto da emoção que lhe violenta o corpo. Sentimentos que lhe abraçam. Reflexo do trazer outra vez aqueles que se foram, ou não. Momentos inesquecíveis ou que devem ser apagados. Mas esqueça, porque esquecer faz parte. É necessário. Vamos em frente esquecendo o que nos incomoda, o que nos machuca ao lembrar. Esqueça, pois a memória, como depósito do que foi, é também preenchida com o vazio do esquecimento. Somos o não lembrar porque não nos interessa lembrar tudo, muito mais do que poder lembrar de tudo, penso eu. Somos um tudo provisório numa batalha permanente entre o deixar de ser de um presente temporário e o por vir de um ansioso futuro.

Mas e o meu aluno e a sua relação com a História? Através de uma escrita que determina as fragilidades, e definições imprecisas que nos caracterizam, necessito discursar, enquanto professor na sala de aula, sobre a forma como aplico os conteúdos de história para os meus alunos.

Todo assunto administrado, nas escolas que leciono, deve fazer sentido não somente para mim, mas essencialmente para aqueles que ali estão na minha frente. Ouvir é fácil, mas objetivo o entendimento; onde todo tempo ali consumido deve ser justificável nesse relacionamento construído de uma forma um tanto compulsória. Nesse *ter ciência sobre* eu tenho colocado, como prerrogativa, a justificativa. Fundamentando cada abordagem desenvolvida em aula.

Devo explicar o motivo de cada assunto a ser trabalhado. Do por que falar sobre esse ou aquele evento histórico. Qual a real contribuição desses eventos ministrados na sala de aula? Qual o peso que determinado assunto possui na vida prática? Como o dia-a-dia, no Egito Faraônico, vai ampliar significativamente o

conhecimento do discente de tal forma que sua existência deixará de ser rotineira e lhe dará uma capacidade maior de enfrentamento na vida, impensado até aquele instante de iluminação? Exagero proposital.

Somos responsáveis pelo que oportunizamos na escola e tudo que é ensinado deve ser *costurado* nessas vidas que se colocam à nossa disposição. Nossos alunos não são depósitos. São consciências com total capacidade de escolha. Escolha que toma forma através do questionar sobre a utilidade do que é ministrado na aula (e aqui uso "utilidade" pois é a forma com a qual se expressam meus alunos quando, muito raramente, batem de frente com relação a possível importância daquele assunto). Um conteúdo, do nosso componente curricular, não é a representação máxima do fazer humano naquele momento de um tempo que já acabou. É perspectiva. É uma visão sobre um momento que passa a ser revisto para que seja aporte, de forma efetiva, na formação do discente.

Para a grande maioria dos meus alunos, aquilo que não faz parte de seu momento, não possui sentido algum ser visto. Possui alguma razão de ser nos primeiros segundos das palavras que menciono; ou nos minutos iniciais de algum filme que captura aquela representação. Por favor, *ouçam* Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli:

Segundo Jörn Rüsen (1993), a História deve ser apreendida como uma experiência cultural que coloca objetivos orientativos à disposição do aluno. Tal diferenciação levaria a uma didática histórica com os assuntos organizados de acordo com um cânone histórico de objetos. A dinâmica da subjetividade fica estagnada quando a História é ensinada como algo certo, dado. O conhecimento histórico que é aprendido simplesmente pela recepção evita - em vez de promover - a habilidade de dar sentido à história, e de se orientar de acordo com a experiência histórica. Um sentido que é simplesmente "dado" não pode ser observado como um sentido que é ignorado em sua função fundamental de organizar o conhecimento. Além disso, a subjetividade como fonte de novas questões e uma boa vontade para novas experiências acaba não sendo explorada. E, também, o conhecimento histórico adquirido não pode ser empregado de forma produtiva para orientar os problemas da vida prática. Quando o conhecimento histórico se torna muito objetivo, ele perde sua função de orientação cultural -, e, no fim das contas, o conhecimento histórico é produzido exatamente para preencher essa função cultural (CAINELLI; SCHIMIDT, 2009: 19-20).

Paradoxalmente fugindo dessa objetividade da História, procurei trabalhar com um conceito conciso, mas aberto para todo e qualquer fato a ser estudado. Não

busquei autores que digam o que é. Menciono, aqui, como, e porque, defendo o conceito com o qual trabalho. Conceito cuja origem não recordo, mesmo porque foi alterado ao longo dos anos. E foram muitos. A cada período letivo que iniciava (a natural e rotineira introdução onde era mencionado o que se pretendia trabalhar aos longo daqueles consecutivos dias letivos) a abordagem sofria alguma adaptação. Cortando e retalhando conceitos tenho, aplicado hoje, algo extremamente lacônico: Ação Humana.

Ação sem vínculo exclusivo com o passado, sem ficar preso a uma das três dimensões do tempo determinado, livre de um período específico (menciono a data, claro, situo o fato no tempo e no espaço), não ficando lá como se houvesse sentido somente naquele fragmento temporal. Deve fazer sentido no momento presente do discente. A História deve ser prática. Assim complemento os dizeres de Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli:

Isso indica muito bem o sentido de ensinar história hoje e como esta nova forma de pensar a aprendizagem da história interfere na forma de escolha dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. (...) ensinar história como algo pronto e acabado, com conteúdos predefinidos, sem levar em conta o contexto e os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pode levar a um ensino que não desenvolve o que é mais importante como função do ensinar história, que é orientar os problemas da vida prática (CAINELLI; SCHIMIDT, 2009: 20).

Mas a consciência dos meus alunos, acredito, pelas respostas nas inúmeras avaliações que apliquei, onde contextualizei os temas históricos propostos, está limitada, reafirmo, ao tempo de existir de cada um. Fora desse período não faz parte da realidade, é uma ficção chata (para a maioria) que está longe de ser um subsídio, na prática, para as suas vidas.

Esse sentido do ensinar história não significaria não ter conteúdos para serem ensinados, mas olhar para esses conteúdos a partir da possibilidade de construir com os alunos novas questões diante de conteúdos/temas postos pela historiografia. Aprender história é discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e os espaços históricos. É olhar para o outro em tempo e espaços diversos. A experiência de cada um alarga-se com a compreensão das experiências dos outros. Diante dessa nova perspectiva para o ensino de história, a seleção de conteúdos e a definição do que seriam conteúdos em história precisa, antes de mais nada, levar em conta a experiência histórica de nossos

antepassados organizados no conhecimento historiográfico produzido pelos historiadores. (CAINELLI; SCHIMIDT, 2009: 20).

A História deve indicar Dias Melhores<sup>12</sup>, como mencionado na letra do compositor, e cantor, Rogério Flausino, da banda Jota Quest. Assim *vivemos esperando dias melhores, que não deixaremos para trás, onde seremos melhores em tudo, para sempre (livre adaptação)*. A História não possui fórmulas de auto-ajuda, mas deve provocar o uso da razão, do pensar o porquê das coisas serem como foram, são ou como poderão vir a ser... para dias melhores.

---

<sup>12</sup> Faixa do álbum Oxigênio, o terceiro da banda brasileira Jota Quest, lançado no dia 7 de Julho de 2000 pela gravadora Sony BMG/Chaos. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxigênio\\_\(álbum\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxigênio_(álbum)) > Acesso em 10.07.2015.

## CAPÍTULO IV - REVELAÇÃO & FATO (NARRATIVAS, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E ANÁLISE)

*“Quando a história se oficializa,  
se petrifica, começa a mentira.  
Disso se depreende que  
a verdadeira história é aquela que está viva,  
aquela que não se detém,  
mas que está ativa,  
quer dizer, a memória”.*

**Mempo Giardinelli, autor argentino.**

### 4.1. Exórdio<sup>13</sup>

Beatificado e cansativo momento em que tardiamente constatei a necessidade de inovação constante e permanente. Hoje o plangor não mais existe, porque meu ensinar é uma constante de tentativas para que a sala de aula faça sentido. Devo trabalhar de todas as formas na realização de um equilíbrio entre o conhecimento apreendido e a contribuição deste na vida dos meus alunos. A busca pela estabilidade, essa proporção na minha atividade docente, é a *mecânica* que me torna professor. Não falarei mais em situações incômodas que muitas vezes se descortinam. Sem utilizar, inclusive, uma palavra básica das constantes reuniões em todas as escolas onde lecionei: *desafio*. Meus alunos não são um desafio. Eu sou meu próprio desafio. Eu devo buscar os meios para que meu ato de ensinar seja significativo para mim.

Revisitar, olhar novamente, é algo presente na prática de qualquer professor, sobretudo os de história, dado que sua práxis é majoritariamente baseada em um “olhar” retrospectivo. Saindo desse quase *chavão*, hoje posso realmente afirmar que, em poucos momentos eu efetuo tal retorno. Refiro-me a um retorno limitado unicamente ao conteúdo que não produz mais, pela minha experiência, nenhum aspecto prático na vida do estudante.

---

<sup>13</sup>Prólogo.



Não desejo ser aquela figura entediante que, através de sua autoridade, menciona fatos sem uma razão palpável para a realidade do meu aluno. Não quero quebrar minha afirmação de eliminar o queixume, mas como é fácil tornar nossos alunos prisioneiros das vontades de *tediosos* professores que repetem a mesma prática, ano após ano (eu fiz!). Uma repetição sem um entendimento do *porque*. A acomodação pela facilidade em fazer a mesma coisa sempre. Então, aqui justifico o que me motivou a tal pesquisa, pois, quando ofereço a oportunidade do meu aluno falar sobre a sua realidade tudo fica fácil. E começo a entender como meu trabalho pode realmente auxiliar.

Enfim, qual a minha pretensão com o processo aqui demonstrado? Justamente, que contribua. Que valha a pena ser lido e revisitado. E discurso como alguém que, durante muito tempo, não desejava ter trabalho no trabalho. Repetia o mesmo processo sempre. Aborrecidas e tediosas cópias, nos quadros negros, verdes ou brancos, de conteúdos que já estavam presentes nos livros em conjunto com miseráveis provas ou trabalhos que *duplicavam novamente os textos* na mesma medida inexata e cansativa permanentemente.

Os resultados que serão apresentados abrem uma janela (uma porta possui uma amplitude maior, sendo aberta após mais resultados positivos) para a aproximação no conhecer a consciência de meus alunos. Consciência que agora começo a valorizar e *explorar*.

Trabalhar com sentimentos, memória, consciência e tempo compõe o ponto de partida para muita escrita, incluindo a ficcional (como não pensar em contos ou poesias para externar esse time de conceitos). Dessa maneira eu acabei por estabelecer um caminho (capítulo terceiro) para ilustrar e facilitar o entendimento de todo o processo de transmutação, dos dados apresentados para os textos na devida análise das narrativas. Assim reviso, novamente, os componentes da sequência elaborada: *imagem e fotografia, emoção e sentimento, lembrança e memória, tempo, consciência histórica e história*.

O presente trabalho está comprometido com a experiência de dois mil e treze. Demonstro, agora, a construção das tabelas para a devida compreensão que se apresenta no diálogo entre as fotografias e as narrativas. Somente com a dissecação de todos os dados, verificados durante o tabelamento, foi possível a

conclusão que apresento: a evidência da consciência histórica, com base nas ideias de Jörn Rüsen, em trinta e quatro narrativas de vida.

Enfim, é uma análise que tomou forma pelo cruzamento entre a narrativa visual e a narrativa textual, buscando compreender como o aluno estabeleceu os nexos entre as fontes por ele mesmo selecionadas (fotografias) e o texto que narra sua trajetória. Ao longo de todas as observações foram considerados os aspectos emocionais e sentimentais que possam, ou não, transparecer nas narrativas (visuais e textuais). O objetivo será, então, o de perceber como o aluno concebe sua trajetória de vida; como opera as seleções de memória na escolha dos registros (imagens); como traduz para o texto estas escolhas; e se, através da experiência de tempo realizada, faz conexões com a ideia de uma história coletiva, na qual seja partícipe.

Como analisar tamanha quantidade de vida em tantas frases? Em incontáveis palavras colocadas com certa dificuldade, ou não, nas linhas de uma folha? Como não perder cada intenção de uma pessoa que se expõe? Como não transformar tantas histórias pessoais, trazidas à tona para um estranho, em uma fria quantidade de números? Como não modelar tantos fragmentos de tantas existências em um *frio* contar de dados?

Um professor é um estranho. Aparentemente como se fosse algo mais que um estranho, por ser o professor. Não posso ser identificado, relacionado ou qualificado como alguém próximo a nenhum dos meus alunos. No momento me sinto como um parasita, vivendo ou, melhor, pesquisando à custa alheia. Escrevendo e pormenorizando histórias que não são minhas. E, covardemente, juntando tantos outros para darem apoio ou força a essa agressão que realizo. Corto, típico, conceituo, demarco as narrativas aqui presentes, como um invasor.

Então analiso essas existências. Expostas de tal forma que houve a necessidade de ordenar tal invasão de privacidade. O que descortino, a seguir, foi determinado, por mim, tomando como base a experiência desse intruso chamado professor. Convivendo com muitos, durante um tempo que se perde em contar, obtive a sensibilidade de alguém que começou a observar essa quantidade quase infinita de outros que compulsoriamente conviveram comigo, semanalmente, durante cem minutos em muitos anos letivos. Na verdade, foi, é e continua sendo um privilégio. Obrigado.

## 4.2. Tabelas: tipificando por eventos

No processo de conversão do estado de ser tabela à condição de texto, definindo o que foi por mim avaliado, cabe salientar algumas observações construídas para uma melhor delimitação e entendimento das narrativas na história das vidas dos meus alunos. Primeiro a tabela que demonstra a tipologia dos eventos (e quantidade) com três categorias de fenômenos presentes, identificados na exposição dos fatos estimulados a lembrar e *delatarem* (as narrativas).

Assim temos os **Eventos Sociais**: *casamento, festa, apresentações, formatura, aniversário, batizado, parque de diversões, almoço de domingo (reunindo a família) e óbito – como enterro ou velório; sendo apenas menção a uma morte é classificado como “outros”*. Os **Eventos Cotidianos** com o dia-a-dia da escola ou no lar e as brincadeiras na infância. E **Outros Eventos**: *amizade – nas narrativas não é apresentada como algo rotineiro -, lazer, dança e esportes – quando não informado como “dia-a-dia” ou competição -, dramas familiares, óbito, drogadição, gravidez, nascimento, trabalho – tão pouco mencionado, que não se sustentou de forma cotidiana -, viagem, aquisição de bens, conhecer e encontrar pessoas. A religiosidade, também, foi alocada em “outros”: é normalmente mencionada em cultos e missas que não ocorrem todos os dias. Pode ser algo cotidiano em um indivíduo religioso, ou social na vida de qualquer um (casamento, velório e batizado); em todos os textos, incluindo os discentes que apresentam uma nítida orientação religiosa, por opção tratarei o tema como “outros eventos”*.

## 4.3. Tabelas: tematizando

Na segunda tabela, foram selecionados quatro temas considerados pertinentes pela importância, e presença, na formação das histórias de vida de meus alunos: religião e/ou religiosidade, família, trabalho e escola. Houve, também, uma pretensão inicial de abordar sobre o gênero (selecionado por relacionamento - parentesco ou amizade - e pela quantidade em que ocorre a citação, mesmo sendo mais de uma vez no mesmo fato). Mas optei, junto com o meu orientador, por afunilar o foco. Confesso aqui que não há uma atenção, em meu trabalho, na análise de gêneros e sua provável influência sobre a consciência histórica. Houve uma ideia

inicial padrão (ou instintiva), tipo politicamente correta, na abordagem das relações de gênero. Assim, para a tabela unicamente quantitativa, troquei a denominação “Gênero” por “Família & Relacionamentos”, aproveitando a contagem construída, efetuada por acaso, no primeiro modelo da Tabela de Temas (obviamente descartando, na contagem, o tema isolado “Família”).

O trabalho é raramente mencionado. Como professor, posso testemunhar que poucos falam sobre a profissão dos pais, ou responsáveis, em sala de aula. Penso eu que o diálogo nesses lares é mínimo. O desconhecimento da atividade do outro é frequente. E, quando a descoberta de tal atividade ocorre, saber o que é tal profissão parece pouco importar. Também acredito, pela experiência no contato direto, que os ditos responsáveis não se interessam em mencionar o que exercem fora de suas casas, apenas afirmando que trabalham e ponto (cabendo aos filhos a obrigação de excelentes resultados na escola). Repito: é minha observação baseada na experiência de quem está há vinte e cinco anos na sala de aula (conselhos de classe participativos, reuniões com os pais e conversa com os discentes).

Não pretendo, aqui, dissertar sobre cada um dos temas. Apenas observei dois momentos de minha análise. Os demais itens da tabela temática serão desenvolvidos no estudo pormenorizado do “Diálogo entre Fotografia e Narrativa”.

#### **4.4. Questionando - tabela de dados: informações por aluno**

Aqui apresento nove perguntas, e algumas considerações comuns às narrativas, que procuram estabelecer as informações particulares de cada aluno:

**a) Como aparecem, ou não, os outros sujeitos históricos das relações sociais dos alunos nas fotografias?**

[análise recorrente] Os sujeitos mencionados na narrativa podem estar, ou não, representados nas fotografias, mas posso apenas presumir quem sejam. Assim como todos, até o momento, as imagens serviram como base para as *dissertações autobiográficas*.

**b) Como o aluno se representa nos registros (personagem/motivo central)?**

Das trinta e quatro narrativas, apenas uma aluna não se representou como motivo central.

**c) Como o aluno organizou, ou não, cronologicamente os registros fotográficos?**

[análise recorrente] As fotografias se apresentam como um mosaico de lembranças coladas de forma quase aleatória. Procuram ilustrar e auxiliar na narrativa, sem uma preocupação de uma foto para cada momento, ou de forma cronológica. Assim, foram digitalizadas de acordo com a ordem em que cada aluno/aluna as colocaram em seus respectivos envelopes (como as fotografias foram envelopadas seria, a princípio, a sequência trabalhada para as narrativas). Lembrando que foi dada uma liberdade proposital, com um mínimo de direcionamento, para que pudesse ser observado como eles percebem a sua história (e não como eu desejo que eles a percebam).

**d) Que “evento” foi escolhido para início e fim da narrativa?**

Haveria um padrão? O nascimento e o presente momento escolar seriam apresentados, respectivamente, com dominante princípio e o *derradeiro término* das narrativas?

**e) Qual a forma de narrativa (e exemplo) escolhida pelo aluno (em primeira pessoa, no impessoal, etc.)? Sempre em primeira pessoa.**

**f) Como o aluno inicia sua narrativa? Como se destaca o evento inicial da trajetória de vida que é narrada?**

**g) Se o aluno entrelaça, ou não, sua trajetória com outros personagens e outros contextos?**

**h) Como o aluno realiza as escolhas de eventos “marcantes” em sua trajetória (pela narrativa e pela fotografia)?**

**i) Como o aluno lida com adjetivações<sup>14</sup> (positivas ou negativas) em sua narrativa? Normalmente sem adjetivações.**

E, sobre o escrever dos discentes, houve uma alteração proposital, na ortografia, para um melhor entendimento do texto. Os mesmos, enquanto pensamento individual, foram mantidos na íntegra exatamente como souberam expressar-se através da palavra escrita.

#### **4.5. Quantificando<sup>15</sup>**

Depois de selecionados, e verificados, os eventos e os temas, ocorre um último processo de afunilamento, onde as quantidades estabelecidas (sobre essas

---

<sup>14</sup>1. ação ou efeito de adjetivar, de modificar um substantivo com um ou mais adjetivos, esp. Qualificativos; 2. transformação ou uso de uma palavra como adjetivo (Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa).

<sup>15</sup> no processo de construção das tabelas não busquei um modelo pronto, somente resultados.

duas primeiras tabelas) foram somadas (com a terceira tabela: informações por aluno) para uma contribuição significativa nas conclusões aqui apresentadas.

#### 4.5.1. Ensino Fundamental: Escola Estadual Nossa Senhora Medianeira (tabela 1) Quantidade e tipologia dos Eventos: pelas narrativas

Aluno	Quantidade de fotos	Eventos sociais	Eventos cotidianos	Outros Eventos
Adilson Crizel Júnior	15	06 Casamento do pai e da mãe. “Eu nasci”. Aniversário: duas vezes. Viagem. Natal em família.	04 Brincadeira com amigo: duas vezes. Escola: duas vezes.	04 Banho de lagoa. Viagem e trabalho Pescaria nos finais de semana. Melhor amigo na mesma aula.
Brenda Brião de Ávila	09	00 NENHUM EVENTO SOCIAL	00 NENHUM EVENTO COTIDIANO	07 “Vim contar minha história de vida”. “Meu pai amo muito também mais não dou muito certo (kkk!). Mas ele é meu herói”. Morte do avô. Amigas: três vezes Com onze anos: primeiro celular.
Emanuele Amaral Ruiz	10	04 Viagem. Aniversário: duas vezes. Casamento.	00 NENHUM EVENTO COTIDIANO	07 Viagem: duas vezes. Aniversário: três vezes. Passeio a um riacho e/ou cachoeira. Cassino.
Gabrielly Franco de Farias	12	00 NENHUM EVENTO SOCIAL	00 NENHUM EVENTO COTIDIANO	06 “Dez de janeiro de dois mil e um, hoje é o tão esperado dia, o dia do meu nascimento”. O tempo passando e ela crescendo. Sibele e Ana: sempre ajudaram papai e mamãe a me criar. Namorado? Nascimento do primo e afilhada.
Jéssica Silva de Moura	21	00 NENHUM EVENTO SOCIAL	06 Brincadeiras: brinquedos e amigos. (dois). Dormir, comer e mexer na internet e estudar. (quatro).	01 “(…) morava com meu pai, minha mãe e minha irmã. Hoje moro só eu e minha mãe”.

<p><b>Laura Bitencourt Bandeira Rodrigues</b></p>	<p>11</p>	<p>03</p> <p>Apresentação de ballet. Morte da bisavó Batismo nas águas. Grupo de dança na igreja.</p>	<p>00</p> <p><b>NENHUM EVENTO COTIDIANO</b></p>	<p>09</p> <p>“Minha vida mais ou menos começou quando eu tinha uns três anos, que foi quando meus pais se separaram”.</p> <p>Morte do avô. Igreja: três vezes. Ballet: duas vezes. Fez as pazes com a melhor amiga. O pai se mudou para Porto Alegre e o irmão pequeno e a mãe dele se mudaram para Nonoai.</p>
<p><b>Marcos dos Santos Lima</b></p>	<p>12</p>	<p>04</p> <p>Churrasco e depois ver o Grenal na televisão. (dois). Aniversário. Festa de quinze anos.</p>	<p>03</p> <p>Brincadeiras na casa da avó com a cachorra. (dois). Jogava futebol.</p>	<p>02</p> <p>Viagem. Jogando no São Paulo de Rio Grande (amizades).</p>
<p><b>Maria de Fátima Gomes Colemborg</b></p>	<p>09</p>	<p>01</p> <p>Conheceu uma cantora.</p>	<p>05</p> <p>Saudade das brincadeiras com os irmãos, momentos em família, das viagens. (três). Brincar na piscina. Cuidada pela avó enquanto os pais trabalhavam.</p>	<p>04</p> <p>Viagens (sem especificar para onde). Apaixonada por ballet, roupas e dançar. (três). <b>[Conclusão]</b> “Que vontade de voltar no tempo e viver cada momento de novo”.</p>
<p><b>Mateus dos Santos Lima</b></p>	<p>13</p>	<p>02</p> <p>Estádio do Grêmio. Aniversário.</p>	<p>01</p> <p>Escola.</p>	<p>02</p> <p><b>[título]</b> Minha (vida) História “Foi quando eu nasci...” Viagem. <b>[conclusão]</b> E agora tenho doze anos: é essa a minha história.</p>
<p><b>Miguel Lourenço Campos</b></p>	<p>10</p>	<p>00</p> <p><b>NENHUM EVENTO SOCIAL</b></p>	<p>01</p> <p>Escola.</p>	<p>05</p> <p>[INTRODUÇÃO] “Meu nome é Miguel. Nasci no dia dezessete de fevereiro de dois mil e um, e já tive muitos momentos de alegria e de tristeza...” Carro de brinquedo. Viagem (para Rio Grande). Morte: 2x. Irmãos. Viagem para o Rio de Janeiro. [Conclusão] “Essa foi, mais ou menos, a história da minha vida!!!”</p>

Nathiele Garcia de Senna	10	01  Batizado.	06  Tomando banho com a irmã. Casa da avó no Cassino. Nos banquinhos fazendo pose pra tirar foto. Na companhia da irmã, do pai e da tia. No pátio da casa brincando com a irmã. Fazendo uma nova amizade.	02  <b>[título] Essa é minha História</b>  Fotografia produzida com a irmã. Fotografia como criança e atual.  <b>[conclusão]</b> Valorização da amizade e do tempo de criança.
Pedro Perez Germano da Cunha	15	01  Jogos do São Paulo de Rio Grande.	08  Gosta de ir à praia, jogar Play Station 3, ver TV, ver WWE, brincar com animais (alguns na casa do pai e outros na casa da mãe), mexer no computador, jogar futebol e caçador.	02  <b>[INTRODUÇÃO] Minha História</b> <b>[título]</b> - <u>Nasci no dia vinte dois de abril de dois mil e um, e me chamo Pedro.</u>  Viagens. Cita os primos que moram em outras cidades.  <b>[conclusão – “determina um fim para a própria vida]</b> <u>Eu sou o Pedro, tenho doze anos e essa ‘foi’ a minha vida.</u>
Ryan de Oliveira Valentim	10	02  Aniversário de sete anos. Apresentação de dia das mães na escola.	02  Brigas e em brincadeiras em família.	02  <b>[INTRODUÇÃO]</b> <u>A minha vida, até hoje dia seis de novembro de dois mil e treze, foi um mar de aventuras.</u>  Primeiro Beijo. Torsão do pulso.  <b>[conclusão]</b> <u>E agora eu estou aqui sentado numa das mesas da biblioteca escrevendo este texto.</u>
Nataliele Pinto Souto	10	03  Batizado. Aniversário. Carnaval.	03  Pai bêbado que trancava os filhos. Agressão da mãe (e adoção da avó). Escola.	05  Foi adotada pela avó (mãe sem condições). Infância muito pobre. Repetidas agressões por parte da mãe; pai viciado. “Minha mãe conheceu meu pai com treze anos e com quinze fugiu da festa de aniversário dela”.



(tabela 2) Quantidade e tipologia dos Temas: pelas narrativas

Aluno	Religião e/ou religiosidade	Família & Relacionamentos	Trabalho	Escola
Adilson Crizel Júnior	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: seis.</li> <li>• Mãe: três.</li> <li>• Avó: dois / Avós: um.</li> <li>• Dinda: um.</li> <li>• Tio: dois.</li> <li>• Tia: dois.</li> <li>• Amigo: sete.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duas vezes.</li> </ul>
Brenda Brião de Ávila	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: três.</li> <li>• Mãe: três.</li> <li>• Avô: cinco.</li> <li>• Amigas: dez.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Menciona ESTUDO, não escola.</li> </ul>
Emanuele Amaral Ruiz	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: não mencionado.</li> <li>• Padrasto: três.</li> <li>• Mãe: duas.</li> <li>• Irmã: quatro.</li> <li>• Irmão: quatro.</li> <li>• Irmão mais velho: quatro.</li> <li>• Avó: uma.</li> <li>• Prima: uma.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	NÃO MENCIONADO
Gabrielly Franco de Farias	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: uma.</li> <li>• Mãe: cinco.</li> <li>• Sibebe e Ana.</li> <li>• “anjinho”: namorado?</li> <li>• Primo: uma.</li> <li>• Afilhada: uma.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	NÃO MENCIONADO
Jéssica Silva de Moura	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: uma.</li> <li>• Mãe: três.</li> <li>• Irmã: uma.</li> <li>• Amigas: uma.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Menciona PROVA e ESTUDO, não escola.</li> </ul>
Laura Bitencourt Bandeira Rodrigues	Seis vezes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: duas.</li> <li>• Irmão [p/pai]: uma.</li> <li>• Mãe: duas.</li> <li>• Avô: uma.</li> <li>• Bisavó: uma.</li> <li>• Melhor amiga: duas.</li> <li>• Melhor amigo (quando pequena): uma.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	NÃO MENCIONADO

Marcos dos Santos Lima	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: uma.</li> <li>• Mãe: uma.</li> <li>• Avó: uma.</li> <li>• Irmão: uma.</li> <li>• Tias: uma.</li> <li>• Dindos: uma.</li> <li>• Prima: duas.</li> <li>• Tio (e sobrinha do mesmo): uma.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	NÃO MENCIONADO
Maria de Fátima Gomes Colemberg	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meus pais: duas.</li> <li>• Avó: três.</li> <li>• Cantora: MC Pocahontas.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	NÃO MENCIONADO
Mateus dos Santos Lima	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: uma.</li> <li>• Mãe: duas.</li> <li>• Irmãos: uma.</li> <li>• Primo: duas.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez.</li> </ul>
Miguel Lourenço Campos	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avó: quatro.</li> <li>• Irmãozinho: uma.</li> <li>• Irmão mais velho: uma.</li> <li>• Tia-avó: uma.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duas vezes.</li> </ul>
Nathiele Garcia de Senna	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: duas.</li> <li>• Mãe: uma.</li> <li>• Irmã: cinco.</li> <li>• Avó: uma.</li> <li>• Tia: uma.</li> <li>• Amiga: uma.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duas vezes.</li> </ul>
Pedro Perez Germano da Cunha	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: quatro.</li> <li>• Mãe: duas.</li> <li>• Avós paternos: uma.</li> <li>• Avós maternos: uma.</li> <li>• Prima: três.</li> <li>• Primo: duas.</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	NÃO MENCIONADO
Ryan de Oliveira Valentim	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mãe: uma – “No ano de 2012 (onze anos) eu fiz uma apresentação de dia das mães na escola” (...).</li> </ul>	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez.</li> </ul>

Nataliele Pinto Souto	NÃO MENCIONADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: quatro.</li> <li>• Mãe: cinco.</li> <li>• Avô: uma.</li> <li>• Avó: quatro.</li> <li>• Irmão: duas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez (não mencionou o trabalho, somente o salário).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez.</li> </ul>
-----------------------	----------------	--	--	--

- **(números) Quantidade e tipologia dos Eventos: pelas narrativas**

**Alunos:** 14.

**Quantidade de fotos:** 167.

**Eventos sociais:** 27.

**Eventos cotidianos:** 39.

**Outros Eventos:** 58.

- **(números) Quantidade e tipologia dos Temas: pelas narrativas**

**Alunos:** 14.

**Religião e/ou religiosidade:** seis vezes (uma única aluna).

**Família & Relacionamentos:**

- Mãe: 31.
- Pai: 25.
- Avó: 19.
- Irmão: 15.
- Amigas: 14.
- Avô e Irmã: 10 para cada.
- Amigo: 8.
- Prima e Primo: 5 para cada.
- Tia: 4.
- Tio e Padrasto: 3 para cada.
- Dinda, Dindo, Namorado, Afilhada, Bisavó, Sobrinha e Tia-avó: 1 para cada.

**Trabalho:** uma vez.

**Escola:** doze vezes.

## 4.5.2. Ensino Médio: Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes

(tabela 3) Quantidade e tipologia dos Eventos: pelas narrativas

Aluno	Quantidade de fotos	Eventos sociais	Eventos cotidianos	Outros Eventos
Alexandre Freitas Corrêa	05	03 Natal. Parque de Diversões. Batizado.	02 No andador. Brincando de carrinho.	01 Viagem.
Alexia Peres Freitas	10	00 NENHUM EVENTO SOCIAL	03 Brincadeiras na infância. Amizade com as primas. Amigas.	01 Viagem (mudou de cidade).
Bruna Pereira Machado	06	03 Batizado da mãe. Batizado do pai. Batizado da Bruna.	01 Pai chegando do trabalho.	09 Doença do pai. Doença e religião: quatro vezes. Religiosidade: quatro vezes.
Carolina Nunes Mendes	10	02 Enterro da avó. Enterro do bisavô.	02 Vida de adolescente (rotina). Escola.	06 Pai acidentado. Pai no hospital. Morte da avó materna. Falecimento do bisavô no dia do aniversário da Carolina. A mãe aborta. O primeiro namorado.
Danielli Dalbon de Bem	16	02 Formatura. Aniversários.	01? <b>Sem Eventos Cotidianos?</b> “(…) e outras ocasiões com a minha família”.	01 Morte da mãe.
Emanuelle Correa Baptista	15	02 Aniversário. Festa de Halloween.	01 Cotidiano na Quarta seção da Barra.	03 Rotina na infância com os amigos. Mudança de cidade. Viagem para o Beto Carreiro.
Emilly Torma Gonçalves	12	00 SEM EVENTOS SOCIAIS	06 Brincando com o irmão. Brincando com o pai. Pré-escola e Escola. Brinquedos e desenhos animados.	03 Nascimento. Doente com um ano. Morte do avô.

<b>Gabrielly de Oliveira Primo</b>	15	00 <b>SEM EVENTOS SOCIAIS</b>	02 Escola: duas vezes.	06 Viagem: Olímpico. Viagem: PUC. Drogadição do pai. Pedido de pensão ao pai. Namoro e grávidas.
<b>Guilherme Mendes Fagundes</b>	10	01 Aniversário.	02 Bicicleta. Brincadeiras com a irmã.	03 Celular. Campeonato na escola. Acidente com copo quebrado.  <b>Obs.:</b> embora machucar-se na infância seja algo comum não é algo que ocorre todos os dias como um fato cotidiano.
<b>Igor Rodrigues Kurts</b>	10	01 Aniversário.	00 <b>SEM EVENTOS COTIDIANOS</b>	02 Separação dos pais. Viagem.
<b>Juliana Borges Puccinelli</b>	07	01 Almoço em família.	01 Cotidiano com o pai.	03 Morte da avó paterna. Rotina com a mãe. Morte do pai.
<b>Juliana Soares Ferreira</b>	15	02 Batizado. Formatura.	01 Cotidiano com o pai.	04 Rotina com a mãe e a avó. Momento com o avô (materno). Momento com o primo.
<b>Karolen Simões Rodrigues</b>	12	00 <b>SEM EVENTOS SOCIAIS</b>	00 <b>SEM EVENTOS COTIDIANOS</b>	01 <b>[Todo o relato é dedicado à morte dos irmãos]</b>  Em junho de dois mil e nove soube que minha mãe estava grávida de gêmeos...
<b>Larissa Vitoria Ferreira Vasques</b>	10	01 Almoços de final de semana e aniversários.	00 <b>SEM EVENTOS COTIDIANOS</b>	05 Em coma, aos cinco anos. Morte da mãe, do avô e da avó. Religiosidade.
<b>Marina Hurtado de Souza</b>	07	01 Passeio ciclístico na escola.	02 Brincadeiras na infância com o irmão. Mãe doente.	03 Aulas de ballet. Morte da mãe. Bicicleta roubada.
<b>Matheus Barbieri Bazilio da Conceição</b>	10	01 Aniversário.	07 Escola: duas vezes. Rotina fotográfica para lembrança: cinco vezes.	01 Rotina fotográfica para lembrança.

<b>Natalia Pinto Vianna</b>	<b>07</b>	<b>00</b> <b>SEM EVENTOS SOCIAIS</b>	<b>04</b> <b>[cotidiano e família]</b> “Todos eles que vão ficar para sempre na memória, foi com eles que eu aprendi muitas coisas”.  Ensino dos pais. Brigas com a irmã. Religiosidade. Namorado.	<b>01</b>  “No final de toda a minha história eu conheci uma pessoa muito especial para mim; eu já estou há um ano com ela: é o meu namorado, e eu espero poder continuar com ela, fazer parte da minha vida”.
<b>Roberta Gautério de Souza</b>	<b>12</b>	<b>03</b>  Aniversário e formatura. Amizade e formatura.	<b>02</b>  Escola Clemente Pinto. Trope por telefone na casa dos primos.	<b>03</b>  Sobre o próprio nascimento: vezes. Viagem para Rio Grande. Viagem para São Lourenço.
<b>Stephanie Gonçalves Vasconcelos</b>	<b>06</b>	<b>02</b>  Aniversário: duas vezes.	<b>01</b>  Brincadeiras com bonecas e ursos de pelúcia.	<b>03</b>  No parque: três vezes.
<b>William Gondran Schmitz</b>	<b>11</b>	<b>00</b> <b>SEM EVENTOS SOCIAIS</b>	<b>01</b>  Vivendo na casa da avó enquanto a mãe trabalhava na padaria.	<b>01</b>  Nascimento.

(tabela 4) Quantidade e tipologia dos Temas: pelas narrativas

<b>Aluno</b>	<b>Religião e/ou religiosidade</b>	<b>Família &amp; Relacionamentos</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Escola</b>
<b>Alexandre Freitas Corrêa</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: uma.</li> <li>• Tio: uma.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Alexia Peres Freitas</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prima:</li> <li>• Amigas: uma.</li> <li>• (duas) Primas: uma.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Bruna Pereira Machado</b>	<b>Palavras relacionadas:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja: 8.</li> <li>• Deus: 4.</li> <li>• Ele: 3.</li> <li>• Orou, orando: 3.</li> <li>• Pastor: 2</li> <li>• Batizado, batizar, batizou: 4.</li> <li>• Céu: 2.</li> <li>• Nome da Igreja: 2.</li> </ul> <b>•TOTAL:</b> 28 vezes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: oito.</li> <li>• Mãe: sete.</li> <li>• Pastor: três.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>

<b>Carolina Nunes Mendes</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: doze.</li> <li>• Mãe: dez.</li> <li>• Avó: cinco.</li> <li>• Prima: uma.</li> <li>• Prima (outra): uma.</li> <li>• Tias: uma.</li> <li>• Tia madrinha: uma.</li> <li>• Tia (outra?): uma.</li> <li>• Primo: uma.</li> <li>• Bisavô: três.</li> <li>• Irmão abortado: cinco.</li> <li>• Namorado: oito.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Danielli Dalbon de Bem</b>	Uma vez.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mãe: uma.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Emanuelle Correa Baptista</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: três.</li> <li>• Mãe: duas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Emilly Torma Gonçalves</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: duas (inclusive em “meus pais”)</li> <li>• Mãe: três (sendo duas inclusas em “meus pais”).</li> <li>• Tia: três.</li> <li>• Irmão: uma.</li> <li>• Avô: quatro.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duas vezes.</li> </ul>
<b>Gabrielly de Oliveira Primo</b>	Uma vez.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: dez.</li> <li>• Mãe: duas.</li> <li>• Companheiro: três.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cinco vezes.</li> </ul>
<b>Guilherme Mendes Fagundes</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: três.</li> <li>• Irmã: duas.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez.</li> </ul>
<b>Igor Rodrigues Kurts</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: uma.</li> <li>• Mãe: quatro.</li> <li>• Avó: uma.</li> <li>• Irmãos: três.</li> <li>• Irmãos: uma.</li> <li>• Namorado da mãe: uma.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Juliana Borges Puccinelli</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai: dez.</li> <li>• Avó paterna: sete.</li> <li>• Avó materna: uma.</li> <li>• Mãe: sete.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Juliana Soares Ferreira</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mãe: três.</li> <li>• Avó: três.</li> <li>• Avô materno: três.</li> <li>• Primos: duas.</li> <li>• Amigas: uma.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma vez.</li> </ul>

		Obs.: em diversas redações, muitas vezes, não é mencionado se os avós são maternos ou paternos.		
<b>Karolen Simões Rodrigues</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mãe: uma.</li> <li>Todo o relato é dedicado à morte dos irmãos: mencionados oito vezes.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Larissa Vitoria Ferreira Vasques</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Três vezes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Pai: três.</li> <li>Mãe: três.</li> <li>Avô: uma.</li> <li>Avó: uma.</li> <li>Irmão: uma.</li> <li>Sobrinha: uma.</li> <li>Primos e primas: uma.</li> <li>Tios e tias: uma.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Uma vez.</li> </ul>
<b>Marina Hurtado de Souza</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mãe: quatro.</li> <li>Irmão: duas.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Uma vez.</li> </ul>
<b>Matheus Barbieri Bazilio da Conceição</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Pai: uma.</li> <li>Mãe: uma.</li> <li>Avó: duas.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Duas vezes.</li> </ul>
<b>Natalia Pinto Vianna</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Uma vez.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Pais: três.</li> <li>Avós: duas.</li> <li>Irmã: quatro.</li> <li>Cunhado: duas.</li> <li>Dinda: duas.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>Roberta Gautério de Souza</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mãe: uma.</li> <li>Avó: uma.</li> <li>Irmã: uma.</li> <li>Tia: uma.</li> <li>Primos: uma.</li> <li>Amiga: três.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Duas vezes.</li> </ul>
<b>Stephanie Gonçalves Vasconcelos</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Pai: três.</li> <li>Mães: duas.</li> <li>Primo: duas.</li> <li>Irmãos: uma.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>
<b>William GondranSchmitz</b>	<b>NÃO MENCIONADO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mãe: três.</li> <li>Irmão: duas.</li> <li>Avó: uma.</li> <li>Avô: uma.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Duas vezes.</li> </ul>	<b>NÃO MENCIONADO</b>



- **(números) Quantidade e tipologia dos Eventos: pelas narrativas**

**Alunos:** 20.

**Quantidade de fotos:** 206.

**Eventos sociais:** 25.

**Eventos cotidianos:** 39.

**Outros Eventos:** 60.

- **(números) Quantidade e tipologia dos Temas: pelas narrativas**

**Aluno:** 20.

**Religião e/ou religiosidade:** 34 vezes (28 delas por uma única aluna).

**Família & Relacionamentos**

- Pai: 59.
- Mãe: 54.
- Avó: 25.
- Avô e Irmão: 10 para cada.
- Namorado e Irmã: 8 para cada.
- Tia: 7.
- Primo: 6.
- Amigas e Irmão Abortado: 5 para cada.
- Cunhado e Dinda: 2 para cada
- Prima, Pastor, Bisavô e Companheiro: 3 para cada.
- Namorado da mãe, Tio e Sobrinha: 1 para cada.

**Trabalho:** quatro vezes.

**Escola:** quinze vezes.

#### **4.6. O Diálogo Fotografias *versus* Narrativas e... JÖRN RÜSEN!**

Propor para alguém que determine o mais significativo em sua vida, selecionando imagens (aqui, as fotografias pessoais), foi uma tarefa que me provocou certa angústia. A dúvida construída sobre o descarte de um evento, e parecendo, desse modo, preferir um fato a o outro, é a sensação que acredito ter sido imposta aos meus alunos. De forma alguma eu posso mencionar algum descaso, por parte dos meus voluntários, durante a produção dos textos sobre suas vidas.

Quando começamos um trabalho, quantas ideias inicialmente pensadas sofrerão modificações, adaptações ou alterações completas do rumo planejado?

Claro, sabemos que é inevitável, principalmente quando lidamos com o elemento humano. Assim, como toda atividade de pesquisa, metas são traçadas para especificar resultados. A pesquisa deve ser limitada não para reduzir o número de dados, mas para que a quantidade de informações seja plena no objetivo determinado. Contudo, o fator humano, a prática humana é sempre complexa, rica em perspectivas, imprevisível, mesmo em fronteiras reduzidas nos espaços apertados para a *construção segura de informações*.

(...) A consciência histórica será analisada como fenômeno do mundo vital, ou seja, como uma forma da consciência humana que está relacionada imediatamente com a vida humana prática. É este o caso quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2010a: 56-57).

Os resultados que apresento a seguir são um embate permanente entre a tentativa no estabelecimento seguro de uma análise de dados e a multiplicidade de possibilidades do privilégio de ser humano. Essa variação permanente, essa diferença entre tantos que se parecem iguais, ilusoriamente moldados pelo grupo social do qual participam, transformou minhas indagações. Cada indivíduo, cuja trajetória foi descoberta voluntariamente, adicionou um novo olhar (meu), um elemento que não havia sido refletido, suposto ou imaginado.

Pensei, inicialmente, construir uma análise somente pelos fragmentos visuais, aqui apresentados, que realmente posso afirmar serem mencionados na narrativa. Não desejava “*crer que certa fotografia possa ser*”. Achar é uma sedução ao ato de afirmar. Mas resolvi, deliberadamente, experimentar a determinação não baseada na concretude de um diálogo direto entre o visual e o escrito: em muitos, e significativos instantes, não pude estabelecer o “é” (não ficionei, imaginando a realidade tal qual uma obra literária - provocativa discussão que aqui, e agora, não cabe). Seria bem mais fácil descartar muitas narrativas e assim diminuir todo um exaustivo decurso analítico fotográfico e verborrágico. Penso, dessa forma, tornar o meu trabalho pleno na demonstração inclusa das adversidades de uma avaliação crítica.

*A preguiça não constrói casa de sobrado! Devemos fazer o que devemos fazer.* Assim, na inevitabilidade, o estudo pormenorizado dos diálogos, entre fotografias e narrativas, foi classificado em “**não dialogam**”, “**dialogam**” e “**suponho dialogar**”, embora eu defenda o bordão “- *Quem acha não sabe!*”. Estou dando um tiro no próprio pé, mas vou manter tal afirmação defendendo o comprometimento de minha investigação. Em alguns fragmentos temporais fui tomado pela sensação da certeza que *aquelas* palavras referem-se *aquelas* imagens (somos facilmente iludidos pela aparente facilidade de comunicação de uma fotografia), mas não pude estabelecer como uma verdade incontestável.

São as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica. Elas são fenômenos comuns ao pensamento histórico tanto no modo científico quanto em geral, tal como operado por todo e qualquer homem, e geram determinados resultados cognitivos. (...). (RÜSEN, 2010a: 54).

Admitir hipoteticamente não é estar totalmente no escuro. Terreno incerto com certeza. Mas um espaço duvidoso não significa um corpo estéril. Ao supor, que uma narrativa dialoga com uma fotografia, são muitas as variáveis que podem ser listadas para um determinismo do porque da não ocorrência de uma coadunação exata entre *imagem e escrita*. Então, exemplifico algumas questões que surgiram durante a análise:

- Será que o indivíduo em questão possuía todas as fotografias para expor suas narrativas?
- O quanto uma lembrança, estabelecida pelo escrito, foi estimulada por uma imagem que, aparentemente, não se encontra na seleção apresentada (busca de uma memória aparentemente esquecida, intermediária entre duas fotografias)?
- É uma história sequencial feita por ele, para ele e interpretada somente por ele? Não foi influenciado pelas lembranças de outros que, ao serem adicionadas, por ele foram apropriadas?
- Ele conseguiu expressar como suas memórias vieram à tona? Lembrou-se do necessário para escrever sobre aquela imagem?
- Os sentimentos e as emoções presentes permitiram toda a escrita necessária? Algum sentir ou o emocionar que, fugindo ao controle, pode ter limitado ou impedido que toda a informação presente fosse exposta?

- E o caso da menina que coloca fotografias somente do seu estado temporal adolescente, com se afirmasse, penso eu, “não sou mais criança, sou uma adulta”, traçando um histórico padrão do nascimento ao presente e repetindo por três vezes “quando eu era menor”?

- E quando há uma narrativa sofrida onde, obviamente, não foram feitos registros fotográficos? O que existe de significativo naquelas imagens que, de uma forma indireta, externam um socorro?

Não estou defendendo uma satisfação quando leio tais tristezas. Mas é inegável o quanto é pulsante essa consciência histórica que fica nas sombras, quieta. Na espera de uma chance para explodir em sensações, abrindo a caixa de Pandora de cada um de nós. Basta a provocação certa. Um estímulo se faz necessário. Ela exige uma barganha para ser externada. Aqui, as fotografias serviram como esse objeto de troca.

#### 4.6.1. O diálogo entre fotografia e narrativa na Escola Medianeira

As frases, aqui copiadas das quatorze narrativas, não foram relacionadas como na redação original: estão separadas as que concretamente efetuam um *bate-papo* com as fotografias. Mesmo processo para as reproduções visuais (cento e sessenta e sete - sendo, então, exposto **um exemplo** para cada discente **com a frase em negrito**), selecionadas, então, pela sua correspondência com a palavra.

No último *rincão* do capítulo (subtítulo "Parla!"), entra em cena o desenvolvimento que fará a devida *costura* entre a Experiência de Dois Mil e Treze e as Abençoadas Ideias de Jörn Rüsen. Suas intervenções farão o papel de interlocutor entre as narrativas e o leitor. *Funcionarão* como um comentário direto sobre a relação que se descortina entre a imagem (através da fotografia) e a narrativa (carregada de emoções e sentimentos formados pela lembrança memorável de muitos momentos perdidos, esquecidos ou guardados no tempo).<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup>A presente introdução serve, também, à Escola Mascarenhas de Moraes (números: página 113).

### Adilson Crizel Júnior



- a) **Meu pai e minha mãe se casaram, (...). [Ex.: 01]**
- b) *Mas nos meus dois anos eu fiz festa(...).*
- c) *Eu tinha meu melhor amigo morando na frente da minha casa e nós brincávamos (...).*
- d) *Meu pai me levava nas viagens dele no ônibus que ele trabalhava (...).*
- e) *(...) e nós tínhamos um natal em família maravilhoso.*
- f) *Áh! Lembrando que eu sou a cara do meu pai e, em uma dessas fotos, estou eu pequeno e meu pai.*

**(quantidade de fotografias que “dialogam”: 06 de 15)**

**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 09 de 15)**

**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 00)**

### Brenda Brião de Ávila



- a) *Com alguns meses, gorda, obesa (...).*
- b) *Minha mãe, minha vida, (...).*
- c) *Meu pai amo muito também (...).*
- d) **Ao passar de alguns anos tive uma perda (...): meu avô. [Ex.: 02]**
- e) *Obs.: ela menciona três amigas que aparecem em três fotografias: posso apenas supor quem sejam (de acordo como foi escrito em sua narrativa) pela aparência temporal da Brenda em cada imagem.*
- f) *Com 11 anos recebi meu celular e como sempre tive que tirar uma foto no espelho. (duas fotografias).*

**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 09 de 09)**

### Emanuele Amaral Ruiz



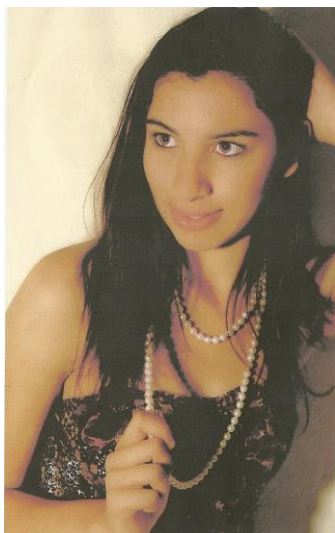
- a) Hoje moro com a minha mãe (Elisângela), o meu padrasto (Cleiton), a minha irmãzinha (Fabíola), o meu irmão (Henry) e o meu irmão mais velho emprestado (Dionathan).(quatro fotografias)
- b) (...) e a tarde fomos a uma cachoeira, tipo um riacho com várias pedras grandes; (...).
- c) 2009 > Um ano atrás, eu e meu irmão Dionathan fomos convidados para entrar como aias num casamento (aqueles que entram com os anéis).
- d) **2013 > Esse ano era aniversário do meu irmão Henry, antes era o da minha irmã Fabíola, foi num salão e estava muito bom era os sete anos dela. [Ex.: 03]**  
 (quantidade de fotografias que “dialogam”: 02 de 10)  
 (quantidade de fotografias que “não dialogam”: 03 de 10)  
 (quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 05 de 10)

### Gabrielly Franco de Farias



- a) (...) e lá estava eu dentro da barriga da minha mãe.
- b) **Enfim cheguei eu, pequenina e forte, (...). [Ex.: 04]**
- c) Uma vez eu lembro que mamãe me pôs dentro da ‘lavadeira’; (...).
- d) Hoje conheci pessoas que jamais vou esquecer (é o meu anjinho lindo que eu amo pra valer).(três fotografias)  
 (quantidade de fotografias que “dialogam”: 06 de 12)  
 (quantidade de fotografias que “não dialogam”: 06 de 12)  
 (quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 00)

### Jéssica Silva de Moura



**Observação:** São dezoito fotografias da Jéssica, como se estivesse posando para ser descoberta por uma agência de modelos, sem nenhum diálogo com seu texto; em um período de tempo próximo da idade em que se apresenta no ano da experiência ou, pelo que eu, enquanto seu professor, lembro-me do seu aspecto durante o ano de dois mil e treze. As outras três fotografias são no estado temporal bebê ou criança, não mencionado na narrativa. A presente foto está listada (página 10), mas não está “marcada” ([Ex.: ...]), pois as fotografias selecionadas representam exemplos do diálogo direto com a narrativa. **(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 21 de 21)**

### Laura Bitencourt Bandeira Rodrigues

**Observação:** a Laura colou as suas fotografias em folhas de tamanho ofício e escreveu ao lado de cada imagem. Foi o único discente que tomou tal iniciativa.



- Tenho foto com meu melhor amigo quando eu era pequena, (...).
- Depois de alguns anos, quando já tinha uns dez anos, minha mãe saiu da igreja e depois de um tempo já comecei a fazer ballet, que foi em 2012.
- Depois de um tempo voltei a falar com a minha melhor amiga (...). [Ex.: 05]**
- No início desse ano e no fim de dezembro da para se dizer que eu voltei para a igreja.
- Mas também, no fim do ano passado, teve minha segunda apresentação de ballet (...).
- Em maio, se eu não me engano, dia cinco, foi meu batismo nas águas; (...).

**(quantidade de fotografias que “dialogam”:06 de 11)**

**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 05 de 11)**

**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 00)**



### Marcos dos Santos Lima



- a) *Meu pai e minha mãe me deram muito amor quando eu nasci. Disseram, para mim, que ficaram muito felizes quando me agarraram no colo pela primeira vez.*
- b) *Quando eu tinha três anos eu era muito arteiro. Eu varria a parede da minha avó, (...).*
- c) **(...) eu e meu irmão gostamos muito de ver o pátio pela janela. [Ex.: 06]**
- d) *Quando eu tinha oito anos minha família tirou uma foto só dos homens da minha família (...).*
- e) *E agora, com doze anos, estou jogando no São Paulo de Rio Grande; (...).*
- f) *Eu, com nove anos, estava tirando foto com as minhas tias no dia do meu aniversário.*
- (quantidade de fotografias que “dialogam”: 05 de 12)**  
**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 06 de 12)**  
**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 01 de 12)**

### Maria de Fátima Gomes Colemberg



- a) *Que saudade de tudo, das brincadeiras, das manhas, dos carinhos...(duas fotografias).*
- b) *(...); quando era pequena morava com meus irmãos e que saudade das nossas brincadeiras, momento em família, das nossas viagens...*
- c) *Minha avó Maria fez muito por mim na minha infância, (...).*
- d) **Que vontade de voltar no tempo e viver cada momento de novo. [Ex.: 07]**
- e) *Era apaixonada por ballet, gostava das roupas e de dançar.*
- (quantidade de fotografias que “dialogam”: 01 de 09)**  
**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 02 de 09)**  
**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 06 de 09)**



### Mateus dos Santos Lima



*Nas férias eu viajei para o Uruguai (passei quase todas as férias lá). Fui conhecer a praia do Uruguai e achei (a praia) muito bonita.*

*a) (...), meu pai foi ao jogo do Grêmio comigo. Meus irmãos ficaram com a minha mãe em casa e depois foram pra lá ver o estádio do Grêmio. (três fotografias).*

*b) Depois teve o aniversário do meu primo na casa dele e foi legal. Tomei banho de piscina com ele. [Ex.: 08]*

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 05 de 13)

(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 08 de 13)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 00)

### Miguel Lourenço Campos



*a) Uma coisa inesquecível foi um carro que eu ganhei quando tinha uns dois anos e usei até os seis; me diverti muito. (duas fotografias). [Ex.: 09]*

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 02 de 10)

(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 08 de 10)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 00)

### Nathiele Garcia Senna



**Observação: única discente que numerou a narrativa de acordo com as fotografias.**

[01] Na minha foto eu tinha sete meses (no meu batizado); (...).

[02] Na minha outra foto eu tinha oito meses, eu estava no chiqueirinho (...).

[03] eu estava tomando banho junto com minha irmã Karoline; a gente estava numa banheira verde.

[04] Eu, minha mãe e a Karol quando eu tinha dois aninhos;

[05] eu e a minha irmã a gente estava em cima dos banquinhos fazendo pose pra tirar foto.

[06] na minha outra foto eu tinha três anos: eu estava no colo da minha tia Célia e minha irmã do lado e meu pai do outro (ele estava olhando pra gente).

[07] Eu estava no pátio da minha casa do Parque marinha, eu tinha quatro anos e a gente estava brincando de barraca (eu e minha irmã Karoline). [07b] A gente estava abraçada brincando.

**[08] Saudade dessa época: eu e a minha irmã (...). Em dezoito de dezembro de dois mil e sete eu tinha sete anos, e a minha última foto foi esse ano. [Ex.: 10]**

[09] No mês passado, eu e minha amiga, Brenda Ribeiro, (...).

**(quantidade de fotografias que “dialogam”: 10 de 10)**

### Pedro Perez Germano da Cunha



a) Nasci no dia vinte dois de abril de dois mil e um, e me chamo Pedro.

b) Meus pais se chamam Rita e Leonardo; (...).(duas fotografias).

c) Já viajei para muitos lugares, entre eles estão: Porto Alegre, santa Catarina, Gramado (...).(duas fotografias).

d) **Meu pai sempre me levava e ainda leva aos jogos do São Paulo de Rio Grande, (...).**

**[Ex.: 11]**

- e) (...) três cachorros atualmente, sem falar num que já morreu. Meus cachorros se chamam: Nalla, que mora em São José do Norte, o Koda e a (???), (...). (duas fotografias).
- f) Também tenho dois gatos que se chamam: (...).
- g) Tenho uma prima chamada Beatriz que, inclusive, é minha afilhada; (...).
- h) Gosto muito de ir à praia, (...).

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 07 de 15)

(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 03 de 15)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 05 de 15)

### Ryan de Oliveira Valentim



- a) A minha vida, até hoje dia seis de novembro de dois mil e treze, foi um mar de aventuras. Todos lá em casa são legais e tudo mais; (...). (quatro fotografias).
- b) O meu melhor aniversário foi o de sete anos. Tinha pula-pula, maçã do amor, e como eu gosto muito do Homem-Aranha o tema foi dele.
- c) No ano de 2012 (onze anos) eu fiz uma apresentação de dia das mães na escola (...).
- d) Dois mil e treze foi o ano que eu quebrei o pulso direito; (...).
- e) **Mas tirando esse assunto eu acho que a pré e a adolescência são as melhores fases da vida; por alguns motivos: Festa = roupas novas; Roupas novas = estilo; Estilo (e um bom caráter) = namorada. [Ex.: 12]**

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 04 de 10)

(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 02 de 10)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 04 de 10)

### Nataliele Pinto Souto



a) *Minha infância não foi nada fácil, pois, quando eu tinha um ano a minha mãe estava grávida do meu irmão,(...).E eu apanhava muito da minha mãe por causa que meu pai bebia muito e fumava pedra (...).Minha mãe conheceu meu pai com treze anos e com quinze fugiu da festa de aniversário dela. O meu pai recebia e ia direto para o bar; e nos deixava trancados dentro de casa e com fome. Chegou um certo dia a minha mãe me bateu tanto que eu fiquei toda roxa; minha avó me pegou e me levou pra casa dela.*

**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 03 de 10)**

b) *Eu tinha oito meses na foto; foi no dia do meu batizado, (...).* (duas fotografias).

c) *Na outra foto foi o dia do meu aniversário; não me lembro bem, só sei que estava muito feliz.* (duas fotografias).

d) *Numa foto eu estou no carnaval, (...).*

e) ***Na outra foto eu estava colando bolinhas de papel na bandeira do Brasil com a minha professora no segundo ano. [Ex.: 13]***

**(quantidade de fotografias que “dialogam”: 06 de 10)**

**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 01 de 10)**

#### 4.6.2. O diálogo entre fotografia e narrativa na Escola Mascarenhas

##### Alexandre Freitas Corrêa



a) *(...).Em minha foto no andador eu recém tinha ganhado; (...).Passou um tempo eu já andava tão rápido nele que meu tio se distraiu e eu caí da escada.*

b) *Na outra foto eu estou com meu pai no meu primeiro Natal Luz em Gramado. (...).*

c) *Tem uma foto que estou em um carrinho. (...).*

d) *A em que estou com a mão no bolso não só estávamos em casa e eu tinha uma coleção de caminhões, (...).*

e) ***E pra finalizar, a foto do meu batizado (...). [Ex.: 14]***

**(quantidade de fotografias que “dialogam”: 05 de 05)**

### Alexia Peres Freitas



a) *Tive uma boa infância... brincava, ria bastante, fazia arte e depois tinha medo das consequências. Estes e outros são momentos que jamais irei esquecer... (nove fotografias). [Ex.: 15]*

b) *Com o passar do tempo, uma prima minha veio morar comigo; (...).Hoje em dia percebi que tenho amigas de verdade (...).Como de costume, eu sempre aprontando, se juntar, eu e mais duas primas... (...).Mesmo longe, umas das outras, estamos sempre nos comunicando, nunca nos separamos.*

**(quantidade de fotografias que “dialogam”: 09 de 10)**

**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 01 de 10)**

### Bruna Pereira Machado



a) *Eu lembro que ia para a igreja, participava do coralzinho, fazíamos apresentação para o dia das mães, para o dia dos pais. (...). [Ex.: 16]*

b) *Hoje faz onze anos que eu sou adventista e não me arrependo da minha decisão. (...).*

**(quantidade de fotografias que “dialogam”: 02 de 06)**

**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 04 de 06)**

**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 00)**

**Obs.:** Toda a narrativa é centrada na doença do pai e sua *cura* através de Deus.



### Carolina Nunes Mendes



- a) **Segmentos selecionados** – grande parte da narrativa é dedicada ao acidente do pai:(...) meu pai sofreu um grave acidente de moto (...). (...) Foram longos dezoito dias enquanto minha mãe passava todos eles lá, ao lado do meu pai, seu marido. Meu pai chegou ao hospital dado como morto, (...) e quebrar o pé com uma fratura exposta bem feia; (...). Os dias se passaram, ele veio para casa, (...). (três fotografias). [Ex.: 17]
- b) E aí vem a parte dois: minha avó materna vem a falecer; (...).
- c) Meu bisavô falece: no dia do meu aniversário ele nos deixou.
- d) Minha mãe apareceu grávida de meu pai. (...).
- e) O meu primeiro amor; (...). Meus pais, **me vendo feliz**, ficam felizes.(...) Ele me faz alguém melhor do que eu posso ser, ele me faz forte, me faz bem. (...). (quatro fotografias em uma montagem).

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 03 de 10)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 07 de 10)

### Danielli Dalbon de Bem



“Essas fotos mostram um pouco da minha vida, por cada momento que passei, momentos importantes. Como minha formatura e meus aniversários e outras ocasiões com a minha família. Momentos difíceis e ao mesmo tempo tristes, como a perda da minha mãe: que fez a minha vida desandar “.

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 16 de 16).

Suponho que, na fotografia selecionada como exemplo, esteja a sua mãe. [Ex.: 18]

## Emanuelle Correa Baptista



[Ex.: 19]

- a) (...) momentos felizes e muito alegres da minha infância; (...) a lembrança de quando eu era pequena e o quanto minha infância foi feliz, o quanto eu brincava e apresentava com meus amigos. Fomos criados juntos desde bebês, até hoje nos falamos e nos tratamos como irmãos. (cinco fotografias).
- b) O quanto foi importante para mim os anos que eu morei na quarta secção da Barra. (...). Tanto porque tínhamos uma praia em frente de casa. Ela era poluída, cheia de lixo (...). (quatro fotografias).
- c) (...) **a felicidade do meu pai quando nos mudamos para São Lourenço do Sul para ele construir seu primeiro barco (...).** (duas fotografias). [Ex.: 19]
- d) A viagem mais mágica que eu tive foi pro Beto Carreiro; (...).
- e) O meu aniversário de sete anos na nossa casa: tudo muito simples e humilde, mas com muito amor e carinho, sendo o meu aniversário de sete anos o primeiro que minha mãe faz festa. (duas fotografias).
- f) (...) e fui para minha primeira festa de Halloween.  
(quantidade de fotografias que “dialogam”: 15 de 15)

## Emilly Torma Gonçalves



[Ex.: 20]

- a) A foto que eu escolhi para começar eu tinha dezenove dias. (...).
- b) Até o meu batizado eu era um bebê saudável; (...).
- c) **Mas nos dois anos eu já estava bem e feliz junto do meu irmão e dos meus pais. (Emilly menciona “dois anos”; se ela refere-se ao aniversário, pelas fotos foi o primeiro ano de vida).** [Ex.: 20]
- d) (...) e tinha meus brinquedos preferidos.
- e) Eu adorava muito brincar com o meu pai e hoje meus pais não estão mais juntos. Mas na época das fotos eles estavam juntos e felizes.
- f) Sinto saudade da minha infância, (...) as vezes queria volta a tudo que vivi desde a primeira foto: (...) todos davam atenção e que não tinha no que pensar e nem no querer nada além da diversão. (quatro fotografias).  
(quantidade de fotografias que “dialogam”: 07 de 12)  
(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 05 de 12)

### Gabrielly de Oliveira Primo



a) (...) **já fui ao estágio assistir um jogo, (...) estou no Mascarenhas faz quatro anos. Já fui à Porto Alegre com a escola e no museu da PUC. (duas fotografias). [Ex.: 21]**

b) (...). Ano passado conheci um rapaz que me fez amadurecer e me deu muita força. (...). Estamos muito bem e firme e forte e hoje estou grávida de cinco meses (quase seis), esperando o fruto do nosso amor.

c) Graças a Deus que eu moro com pessoas ótimas que me apoiaram e me apoiam muito. Minha mãe é uma grande batalhadora; (...).

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 03 de 15)

(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 11 de 15)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 01 de 15)

### Guilherme Mendes Fagundes



a) No meu aniversário de seis anos eu ganhei uma bicicleta. (...).

b) Ganhei um celular também, (...).

c) **Uma vez teve campeonato, pelo colégio, na praça Saraiva: (...).Minha irmã participou também (...). [Ex.: 22]**

d) Eu e minha irmã éramos muito arteiras. Estávamos sempre fazendo coisas erradas. Eu estava sempre de castigo. (duas fotografias).

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 08 de 10)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 02 de 10)



### Igor Rodrigues Kurts



- a) **No meu primeiro ano (...) minha família estava toda unida, mas isso durou pouco. [Ex.: 23]**
- b) *No meu primeiro ano eu ganhei muitos presentes; acabei mergulhando neles.*
- c) *Comecei a morar com a minha mãe, minha avó, meu irmão Michel e minha irmã Amanda.*
- d) *(...) fizemos uma viagem.*

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 02 de 10)

(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 01 de 10)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 07 de 10)

### Juliana Borges Puccinelli



- a) *(...); e essa primeira foto é importante porque é uma das únicas que eu tenho com a minha avó paterna. (...).*
- b) *Tem essa também, eu e a minha mãe, eu deveria ter uns onze meses nessa foto e eu sempre tive com a minha mãe. (...).*
- c) *Esse cara comigo na foto é meu pai. (...).*
- d) *Tem eu também na frente da casa da minha avó materna, onde eu passei bons tempos da minha infância. (duas fotografias).*
- e) *E aí estão eles de novo, só que dessa vez juntos, as pessoas que eu mais amo. (...).*
- f) **E enfim, a última foto. E esses eram os típicos almoços em família; (...). [Ex.: 24]**

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 07 de 07)

## Juliana Soares Ferreira



- a) Hoje estou aqui para contar um pouquinho da minha história de vida, começando pela foto que estou com minha rainha “minha mãe”. (...).
- b) Já na outra foto eu estou com minha mãe e minha avó, (...).
- c) Na minha terceira foto eu estou com uns óculos amarelo e de maiô (...).
- d) Em outra foto eu estou no colo do meu avô (materno), (...).
- e) Na minha outra foto eu estou junto com meu primo “Roginho”, (...).
- f) Tem outra [06] que estou no meu batizado (...).
- g) **Na última foto [07] eu estou com minhas amigas na nossa formatura do ano passado da oitava (...).** [Ex.: 25]  
 (quantidade de fotografias que “dialogam”: 07 de 15)  
 (quantidade de fotografias que “não dialogam”: 08 de 15)  
 (quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 00)

## Karolen Simões Rodrigues



A aluna focou sua narrativa inteiramente na perda dos irmãos, “foi quando soubemos que um dos bebês estava em óbito e que a gestação era de quatro meses”. E “outro dia o bebê, que estava vivo, foi para a UTI Neonatal (...) mas infelizmente não aguentou: durou um mês e dez dias. (...)”. Obviamente não há fotografias dos irmãos. As imagens, selecionadas pela Karolen, refletem, inversamente, momentos de alegria. Então eu classifico a “**quantidade de fotografias que dialogam**” na sua totalidade (12), pois penso que os momentos selecionados para ilustrar a sua história de vida foram uma forma de amenizar tamanha tristeza. [Ex.: 26]

### Larissa Vitoria Ferreira Vasques



O fato mais significativo em sua vida provocou, penso eu, a busca por momentos felizes. Há uma gratidão em sua narrativa. Dessa forma eu sentencio que Larissa dialogou com todas as suas fotografias. **[Ex.: 27]**

**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 10 de 10)**

### Marina Hurtado de Souza



a) (...) adorava brincar de tudo um pouco. Por exemplo: pega-pega, esconde-esconde, andar de bicicleta, (...). (três fotografias). **[Ex.: 28]**

b) Deve ser por isso que minha mãe, que tinha uma doença, me colocou nas aulas de ballet; (...). (duas fotografias).

c) Minha mãe morreu em dois mil e seis: eu tinha oito anos e estava na terceira série. Aquele ano foi de azar puro, pois no mesmo ano na minha escola teve um passeio ciclístico. Depois teve um sorteio, e eu ganhei a bicicleta que era o maior prêmio. Mas ela era grande demais para mim, por isso levaram ela pra colocar um quadro feminino já que, por eu ser ‘mascote’, eu não conseguia nem subir. (...).

**(quantidade de fotografias que “dialogam”: 05 de 10)**

**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 01 de 10)**

**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 01 de 07)**

### Matheus Barbieri Bazilio da Conceição



- a) (...). Acho que tentava ficar com as pernas meio cruzadas, bem preguiçoso. (...).
- b) (...), **eu estava em outra escola, tirando uma foto na frente da bandeira do Brasil, com alguns livros. (...). [Ex.: 29]**
- c) Nessa outra foto eu estava na minha casa em cima do sofá tomando chimarrão, despreocupado.
- d) Tem mais fotos que eu estou despreocupado em cima da cama da minha mãe, relaxando (...).
- e) Numa outra foto eu era bebezinho, com um folheto da Renner, (...). Acho que atrás de mim tinha uma cortina, e do lado uma cama onde eu me apoiava.
- f) Nessa outra eu estava na frente da casa da minha avó com a moto do meu pai. (...).
- g) Nessa última estava no meu aniversário, não me lembro muito bem; (...).
- h) Tem uma foto que eu estava olhando para câmera (?...) idiota. Meio esquisito, acho que estava com sono.
- i) Tem uma outra que eu já era mocinho. Estava com turma e (?...) acho que era na escola. Não me lembro de nada desse fato.
- (quantidade de fotografias que “dialogam”: 07 de 10)**  
**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 01 de 10)**  
**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 02 de 10)**

### Natalia Pinto Vianna



- a) **Quinze anos se passou e essas fotos trazem muitas lembranças para mim, de como era minha vida. Todas as pessoas que eu era muito apegada: meus pais, meus avós, minha irmã, meu cunhado e minha dinda. [Ex.: 30]**
- Natalia desenvolve o restante de sua escrita num permanente agradecimento aos familiares já citados: “- Eu agradeço a Deus por ter essas pessoas na minha vida; cresci aprendendo com todas elas, quero poder viver ao lado dessas pessoas por um bom tempo ainda”.
- (quantidade de fotografias que “dialogam”: 00 de 07)**  
**(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 01 de 07)**  
**(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 06 de 07)**



### Roberta Gautério de Souza



- a) *A primeira foto que eu escolhi é a do dia do meu nascimento, o dia 23 de outubro de 1997. (...).*
- b) *Nasci bem gorda: 4600 quilos, se eu não me engano era a maior do hospital. Nasci em Pelotas e fiquei quatro anos lá, depois vim para Rio Grande.*
- c) *Entrei na Escola Clemente Pinto e fiz todo o ensino fundamental nessa escola. (três fotografias).*
- d) *Raramente eu ia para a casa da minha avó, em São Lourenço do Sul, e brincava com minha irmã e minha tia: eu adorava ir lá.*
- e) *Eu vivia na casa dos meus primos e estávamos sempre 'ratiando', passando trote por telefone: 'muito idiota'.*
- f) ***Escolhi uma foto de uma amiga, que a última vez que eu vi ela foi na minha formatura da oitava série, e sinto saudade dela. [Ex.: 31]***  
 (quantidade de fotografias que “dialogam”: 01 de 12)  
 (quantidade de fotografias que “não dialogam”: 04 de 12)  
 (quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 07 de 12)

### Stephanie Gonçalves Vasconcelos



- a) *A foto que eu escolhi para começar é a foto em que eu ainda era um bebê, que eu estava com um vestido branco com detalhes rosas; (...).*
- b) *A segunda foto eu já estou um pouco maior e estou brincando com uma boneca (...).*
- c) *A terceira foto é de um aniversário, que não é meu, (...).*
- d) *A quarta foto eu estou com meu primo no parque num barquinho; (...).*
- e) ***A quinta foto é do mesmo dia no parque. Eu estava em um carrossel; (...). [Ex.: 32]***
- f) *A última foto que eu trouxe é uma foto do meu aniversário de nove anos. (...).*  
 (quantidade de fotografias que “dialogam”: 06 de 06)

### William Gondran Schmitz



a) *Vou começar falando do meu nascimento. Quando eu nasci minha mãe me amava muito, e cuidada de mim e meu irmão enquanto trabalhava. (três fotografias).*

b) ***E quando eu era criança eu era um 'leopardo' que vivia em cachoeiras e gostava de andar de moto. (três fotografias). [Ex.: 33]***

(quantidade de fotografias que “dialogam”: 06 de 11)

(quantidade de fotografias que “não dialogam”: 05 de 11)

(quantidade de fotografias que “suponho dialogar”: 00 de 11)

Num total de quatorze (14) narrativas e cento e sessenta e sete (167) fotografias - escola Medianeira - sessenta (60) fotos dialogaram; totalizando vinte (20) narrativas e duzentos e seis (206) fotografias - escola Mascarenhas - cento e vinte uma fotos (121) dialogaram: das trezentos e setenta e três (373), cento e oitenta e uma (181) fotografias dialogaram com as narrativas.

#### 4.7. Parla!

Começo, suavemente, um último discurso sobre as vidas que aqui emprestaram seus relatos, com as palavras de Maria Luiza M. Abaurre e Maria Bernadete M. Abaurre:

Como seres humanos, recorreremos à linguagens para expressar nossos sentimentos, opiniões, desejos. É por meio dela que interpretamos a realidade que nos cerca. Essa interpretação, porém, não é totalmente livre. Ela é construída historicamente a partir de uma série de filtros ideológicos, mesmo sem nos darmos conta da

existência de tais filtros. Eles constituem uma formação ideológica, ou seja, um conjunto de valores e crenças a partir dos quais julgamos a realidade na qual estamos inseridos (ABAURRE; ABAURRE, 2012: 14).

Narrativas pulsantes de emoções e sentimentos, *interpretações de suas próprias realidades* espalhadas pelas três dimensões do tempo conhecido, num lembrar que escava memórias ativadas de mãos dadas com fotografias, demonstrando além da própria imagem. Confesso que não me tornei íntimo do bom Jörn (maneira carinhosa). Confesso que estive no limite de queimar seus livros. E aqui, numa ação bíblica repetitiva, confesso três vezes: deveria ser pensada uma edição especial com o sugestivo título *Jörn Rüsen para principiantes. Mas tudo está lá e mais um pouco.*

Escolher Rüsen não foi seguir o modismo do tipo *quem está pensando, agora, a história de uma forma diferente.* Não! A escolha foi simples: ele possui o discurso perfeito para o meu trabalho. Melhor: meu trabalho possui o privilégio de tentar acompanhar Jörn Rüsen, meu aporte teórico. Prerrogativa certa, não fácil. E aqui não estou largando um último plangor. Mostro a experiência em sua totalidade, que envolve não somente os meus alunos, mas o meu trabalho.

O detalhismo de Rüsen provoca uma constante releitura de parágrafo após parágrafo, seja para o devido entendimento de sua fala, seja pelo deleite em constatar que ele construiu, de forma precisa, todo um arcabouço teórico futuro para o que eu estava desenvolvendo. Suas ideias permitem enxergar além do que é facilmente entendido nas narrativas dos meus alunos. As palavras de Rüsen funcionam como a lente de um fabuloso microscópio. Elas mostram mais:

A narrativa constitui (especificamente) a consciência histórica na medida em que recorre a lembranças para interpretar as experiências do tempo. A lembrança é, para a constituição da consciência histórica, por conseguinte, a relação determinante com a experiência do tempo. (Esse tipo de relação com a experiência é o que está, afinal, na base da distinção entre a narrativa historiográfica e a ficcional ou “literária” em sentido estrito). Esse recurso à lembrança deve ser pensado de forma que se trate sempre da experiência do tempo, cuja realidade atual deve ser controlada pela ação, mas que também admita ser interpretada mediante mobilização da lembrança de experiências de mudanças temporais passadas do homem e de seu mundo. (...). (RÜSEN, 2010a: 62).

Suporte para um por vir, pois aquilo que eu desenvolvia, e ainda não sabia o que desenvolvia, ele já havia percebido, pensado e escrito. A consciência histórica está em cada narrativa. Por mais que os indivíduos de ambas as escolas tenham juntado, através de suas lembranças, pedaços imprecisos da memória para escreverem sobre si mesmos. Não foram simplesmente trinta e quatro narrativas acompanhadas de trezentos e setenta e três fotografias. Foram mundos dentro de mundos nesse universo que é a vida humana.

Um texto não é uma criação puramente individual. É também o resultado de um processo de elaboração que contou com a participação de diferentes agentes: o **autor** que o escreveu, o **público** para o qual foi escrito, o **contexto** em que foi produzido (social, político, cultural, etc.) e os **meios de circulação** em que é divulgado ou publicado. (...). (ABAURRE; ABAURRE, 2012: 13).

Cada folha de papel pautada utilizada para abrigar toda essa experiência possui, particularmente, vida própria; embora cada texto funcione como uma rede de existências interligadas. Mesmo vidas separadas por algum momento sinistro, para sempre interligadas pela ação do lembrar. Mas aqui serei injusto. Pois farei uma análise de todo o conjunto da obra, desse construir magnífico, mostra do que somos, destacando fragmentos de algumas narrativas.

(...). Com isso, a particularidade da realidade histórica de cada sujeito é posta sob uma luz que não mais admite a redução de tudo à história própria de cada um. Mediante a apropriação intelectual dos passados, a subjetividade dos sujeitos em formação ganha novos espaços internos, insuspeitados. Ela situa seu ser próprio em meio à diversidade dos modos de ser homem, expandindo seu horizonte de auto compreensão para a humanidade, como o todo das mais diversas formas de existir do gênero humano.

(...). A atividade da consciência histórica pode ser considerada como aprendizado histórico quando produza ampliação da experiência do passado humano, aumento da competência para a interpretação histórica dessa experiência e reforço da capacidade de inserir e utilizar interpretações históricas no quadro de orientação da vida prática (RÜSEN, 2010c: 110).

Todos esses autores de suas próprias vidas não escreveram apenas para o professor que propôs a escrita. Escreveram, antes de tudo, para eles mesmos (abrindo mão de toda e qualquer publicação). Reviram suas trajetórias até aquele instante. E a estrada, mostrada aqui, da trajetória dos meus alunos é apenas o



princípio de histórias que continuam pelo Tempo. É História, pura. Consciência Histórica, perfeita.

Duas escolas, **Nossa Senhora Medianeira e Mascarenhas de Moraes**. Trinta e quatro discentes com trezentos e setenta e três registros fotográficos. Entre os eventos, esmagadoramente, **outros**<sup>17</sup> foi determinante em ambas.

(...) E que as coisas saiam diferentes do que se planeja é uma experiência cotidiana e repetida no tempo, que torna necessária a reflexão interpretativa da consciência histórica. O agir humano tampouco pode ser tão esperto que ache que já esteja voltando do lugar para onde vai, quando ainda se encontra no caminho de ida. Só a consciência histórica, mediante seu recurso rememorativo às experiências do tempo passado, fornece ao presente uma orientação no tempo que, no movimento mesmo do agir, não é percebida (RÜSEN, 2010a: 80).

(...). O mundo pode ter mudado tanto, por exemplo, que os homens ressentem novas carências, que ocasionam visões novas do futuro e, conseqüentemente, um novo recuo ao passado, a fim de que as novas perspectivas de futuro possam ser garantidas por uma representação de continuidade histórica, vale dizer, sejam sustentadas por uma experiência histórica nova a ser realizada. (...). (RÜSEN, 2010a: 81).

O social e o cotidiano são por demais *chatos* para uma juventude acelerada, ela deseja regras próprias, algo diferente a cada segundo. Porque descobrir, experimentar são as ações que os empurram nessa conturbada e maravilhosa fase da vida. A religiosidade, nos temas, para o ensino médio é maior; aparecendo trinta e quatro vezes, mas vinte oito foram mencionados por uma única aluna. É o princípio de um questionamento sobre a vida e a morte?

Seguindo a linha temática, família e relacionamentos mostram, em ambas as instituições, o quanto os pais (ou quem assume a função) são a base no desenvolvimento, na trajetória de vida de qualquer indivíduo. Óbvia afirmação, mas como professor e, principalmente, pai, sei bem o que estou escrevendo (ver os dados completos na página: 107 e 113).

---

<sup>17</sup>Outros Eventos: amizade – nas narrativas não é apresentada como algo rotineiro -, lazer, dança e esportes – quando não informado como “dia-a-dia” ou competição -, dramas familiares, óbito, drogadição, gravidez, nascimento, trabalho – tão pouco mencionado que não se sustentou de forma cotidiana -, viagem, aquisição de bens, conhecer e encontrar pessoas. A religiosidade, também, foi alocada em “outros”: é normalmente mencionada em cultos e missas que não ocorrem todos os dias. Pode ser algo cotidiano em um indivíduo religioso, ou social na vida de qualquer um (casamento, velório e batizado); em todos os textos, incluindo os discentes que apresentam uma nítida orientação religiosa, por opção tratarei o tema como “outros eventos”.

E como explico, ou tento explicar, que as temáticas sobre trabalho e escola naufragaram miseravelmente? Trabalho e Escola naufragaram miseravelmente!

(...). Quem sou ou quem somos nós depende da medida de minha ou de nossa capacidade de realizar por mim ou por nós mesmos os princípios do ordenamento da vida que se considera obrigatórios em geral. (...). (RÜSEN, 2010c: 53).

Esse ordenamento da vida, essa obrigatoriedade do trabalhar e estudar parece entrar em choque com uma liberdade que não conseguem definir ou limitar. O realizar mostra-se algo distante, impossível de ser realizado. Ou não vale ser alcançado. E aqui descrevo com o convívio que possuo em sala de aula. Sem lamentos, apenas o que vejo (pela experiência que legitima meu texto). Na minha frente estão jovens que vivem, na sua maioria, com pessoas frustradas (não mencionarei parentescos). Que em *sua vida prática*, onde são *agentes e pacientes*, não se realizam. Presenciei, durante todos esses anos de trabalho em todas as escolas, a ausência da maioria dos ditos *responsáveis*. Ouvi, quando os mesmos eram presentes, declararem a incapacidade de seus filhos sem ao menos saber, ou desejar saber, a capacidade de seus filhos. Sem se importarem. Então, escola e trabalho, de forma justificável, naufragam. E quantos de nós assistem passivamente - fácil falar, e bonito de ser escrito - assumindo uma parcela de culpa?

Relatando, particularmente, alguns exemplos das narrativas, começo pelo ensino médio:

Alexandre Freitas Corrêa. Ele representa um grupo que, de uma dezena e meia de fotos, trouxe apenas a quantidade equivalente aos dedos das mãos (sorte a minha que, realmente, ele possui cinco em cada uma). Estava quase digitando que seria óbvio que cinco fotos estimulariam a memória para uma escrita limitada. Não é regra. Confesso que foi um pensamento pobre da minha parte, mas momentâneo. Bom, infelizmente, Alexandre economizou, tanto nas imagens quanto na narrativa. Mostrou, em sucintas palavras, três eventos sociais, dois eventos cotidianos e outro que não caracterizaremos como rotineiro e habitual ou que pressupõe relações no coletivo. Agora, dissecando a vida de nosso resumido Alexandre, nessa contagem regressiva de eventos, outros sujeitos históricos são os já mencionados pai e tio. Penso eu, que a figura masculina teve (e deve continuar a ter) preponderância sobre

a sua vida. A viagem com o pai e o tio (se é por parte do progenitor ou da *escondida mãe* não há menção) são os termos parentescos relacionados. O restante (incluindo a *não mencionada geratriz*) foi sumariamente condensado como *Família*.

Danielli Dalbon de Bem. Todas as imagens dialogam de uma forma, penso eu, totalmente emocional com os sentimentos contidos em poucas palavras. Como professor da discente (provavelmente, que eu me lembre, desde 2010 e também de sua irmã) sei que a morte da mãe, obviamente, provocou uma desestruturação em sua vida. Penso que ela não conseguiu estabelecer uma linha mais completa sem mencionar aquela que muito lhe foi cara. Todo esse amálgama de imagens dialogam perfeitamente ao mostrar, nas palavras da Danielli, "*um pouco da minha vida!*", e muito de seu sofrimento.

Emilly Torma Gonçalves. Não há como ler o que a Emilly colocou e não comentar. A necessidade de atenção é latente. Talvez pela separação dos pais que, com uma reestruturação de suas vidas com outros companheiros, formaram outras famílias. A qual a discente faz parte? Com o pai, com a mãe? Famílias que se reinventam podem dar atenção somente ao novo, colocando de lado o elemento já conhecido provocando no indivíduo em questão a sensação do descarte. O não saber é confortável. Desejar por um período do próprio tempo onde os problemas parecem não existir é o pensamento que resta. Talvez a única fuga possível.

Larissa Vitoria Ferreira Vasques. A análise da pretensa conversa entre essa narrativa, e suas respectivas imagens, foi a que apresentou maior dificuldade de ser construída. Eu poderia colocar, simplesmente, que Larissa não dialogou em nenhum momento com as suas dez fotografias apresentadas. Creio que o fato mais marcante de sua vida ("*Aos meus cinco anos de idade eu entrei em coma.*") provocou uma busca pelos momentos felizes. Ela está grata: "*A Dr. Márcia, que estava me tratando, falou aos meus pais que, se eu voltasse do coma, eu voltaria cega (...) (mas graças a Deus eu não vim).*" Ela passou por uma situação crítica de saúde e se recuperou: "*Quando o professor pediu para fazermos um texto contando um pouco das nossas vidas, através das fotos ou tirar inspiração delas, eu não tinha muitas ideias, mas agora eu tive essas; (...)*". Claro que seus pais não registraram fotograficamente o sinistro período em que sua filha ficou enferma (penso eu). Ou a sequencia mórbida de falecimentos: "*(...) minha mãe veio a falecer com câncer. Depois de uma semana meu avô também faleceu, e depois de*

*três anos minha avó também faleceu. Foi uma queda em cima da outra (...)*". As fotografias mostram aniversários, reunião de amigas, de uma família, uma escola, uma senhora com duas crianças e dois instantes de uma moça que, aparentemente, não vejo como sendo a mesma e não foi identificada na narrativa: "*- Mas agora vou falar um pouco de alegrias. (...). Mas o mais marcante é claro que foi o dos meus quinze anos este ano. (...)*".

(...) A consciência histórica está fundada nessa ambivalência antropológica: o homem só pode viver no mundo, isto é, só consegue relacionar-se com a natureza, com os demais homens e consigo mesmo se não tomar o mundo e a si mesmo como dados puros, mas sim interpretá-los em função das intenções de sua ação e paixão, em que se representa algo que não são. Com outras palavras: o agir é um procedimento típico da vida humana na medida em que, nele, o homem, com os objetivos que busca na ação, em princípio se transpõe sempre para além do que ele e seu mundo são a cada momento (RÜSEN, 2010a: 57).

E Rösen complementa:

(...). As mudanças no presente, experimentadas como carentes de interpretação, são de imediato interpretadas em articulação com os processos temporais rememorados do passado; a narrativa histórica torna presente o passado, de forma que o presente aparece como sua continuação no futuro. (...).(RÜSEN, 2010a: 64).

Há tanto para ser lido entre as linhas e tão pouco tempo. Há tanto para olhar para trás no pouco que permanece. Há tanto em nossas memórias que as lembranças perdem-se na própria casa. Há tanto sentimento que as emoções não suportam. Há tanta História que nossa Consciência só nos devolve o que conseguimos suportar.

Para melhor exemplificar a complexidade do diálogo entre as palavras e as imagens, tomo como exemplo o testemunho, pelo ensino fundamental, da discente Natáliele Pinto Souto, onde ela menciona: "*- Minha infância não foi nada fácil, pois, quando eu tinha um ano a minha mãe estava grávida do meu irmão,(...). E eu apanhava muito da minha mãe por causa que meu pai bebia muito e fumava pedra (...). Minha mãe conheceu meu pai com treze anos e com quinze fugiu da festa de aniversário dela. O meu pai recebia e ia direto para o bar; e nos deixava trancados dentro de casa e com fome. Chegou um certo dia a minha mãe me bateu tanto que eu fiquei toda roxa; minha avó me pegou e me levou pra casa dela*".

Como não supor que, por trás, de tanto sofrimento, as fotografias não “berram” essa dor que a preenche? Como retratar tamanho padecimento na infância sem, obviamente, as devidas imagens? Será que ela não demonstra sua dor através do sorriso ingênuo da infância ou na expressão séria exposta em uma das fotografias que selecionou (ou, talvez, sejam as únicas que possui)?

E quais são os meus sentimentos sobre essas narrativas? Observo tantas vidas, sob os múltiplos olhares de Jörn Rüsen, e sua sustentação analítica, que esqueço quem são. Não são trinta e quatro redações ficcionais para um trabalho de redação. E não desejo aqui desvalorizar qualquer processo que envolva a imaginação. Mas, muitas vezes, fui tomado por certo prazer, tornando algumas quase como uma escrita de entretenimento. Talvez algumas realmente tenham sido criadas. Externando, como no caso da Nataliele, um pedido de socorro. E que direito tenho de considerar dessa forma? Minha interpretação está sendo influenciada pelo meu tempo na sala de aula com outras situações de vida semelhantes. Eu estou utilizando a minha Consciência Histórica para determinar a Consciência de outras vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Eu quero ser tudo que sou capaz de me tornar.”*

**Katherine Mansfield**

Esquecer é algo presente na memória. E foi justamente um esquecimento que permitiu chegar a minha própria “Consciência Histórica”. Sair da minha casa e fechá-la: fato trivial e monótono. Mas quando esse processo é rompido, quebrado, tudo muda. Em um domingo, não tão belo por não ser sábado, houve uma mudança. As chaves não foram colocadas onde sempre ficam. Foram perdidas mesmo estando sob minha guarda. Esquecidas porque, de alguma forma, o instante em que o molhe foi colocado num lugar diferenciado o processo de repetição foi partido. A sequência foi alterada.

Aqui nós temos algo que, ao ser perdido, alavanca sentimentos, ou emoções, como frustração, preocupação e incapacidade, estimulando desesperadamente a memória. Assim, provoca a minha **consciência** que retrocede no período de tempo pela manhã, entre nove horas e trinta minutos até o meio dia de um domingo (felizmente não um sábado), alterando o que eu havia determinado para a minha vida, a minha **história** no coletivo daqueles que me são caros. Eu roubo o tempo de minha companheira justamente quando lhe é mais precioso; instalo preocupação em meus pais; me ausento para com meu filho. E coloco em alerta meus vizinhos, pois uma das chaves permite a abertura do portão comum.

Hoje, após tantas narrativas que ganham cada vez mais sentido por serem tantas, li e reli alegrias, tristezas, amizades, mortes, nascimentos, casamentos... Li a vida humana em toda sua extensão. Vidas acumuladas na memória e soltas pelas lembranças, arautos na forma de letras que se agregam e que tomam corpo, estimuladas pelas ilustrações das histórias de trinta e quatro alunos no ano de dois mil e treze. Memórias preenchidas por anos de felicidade, ou não. Vida e História, Histórias de Vidas, onde riem por nada mesmo quando tudo falta.

É uma totalidade de coisas dentro de cada narrativa que, provavelmente (acredito), estavam fechadas em caixas, bem fundo ou superficialmente acessíveis, todavia sem um motivo do que fazer com tudo aquilo.

Essa transcendência fundamental da vida humana prática extrai da prévia tradição de orientações no tempo a interpretação pela consciência histórica e faz com que, dos feitos, se faça história. Que os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno (sua ânsia de eternidade, sua busca de ultrapassar os limites de sua vida temporal, ou seja lá como se queira caracterizar a dimensão temporal de sua existência que tende, sistematicamente, a ir além da natureza) no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico. E “histórico” significa, aqui, simplesmente que o processo temporal do agir humano pode ser entendido, por princípio, como não natural, ou seja: um processo que supera sempre os limites do tempo natural (RÜSEN, 2010a:79).

O que fazemos com a nossa história? Nós a guardamos, trancamos onde nem mesmo nós a encontramos. Ou desvalorizamos de maneira tão ridícula que, desesperadamente, ela grita por nós. E não ouvimos. Ou não queremos ouvir. Somos surdos para a nossa própria voz, para a nossa narrativa. A nossa Consciência: Histórica.

Tudo que buscamos está dentro de nós e parece faltar. O que falta é um simples olhar, uma simples atenção sobre nós mesmos. Compreender os motivos que podem nos tornar sempre os mesmos, ou melhor, provocar a mesmice, um estado de letargia constante e permanentemente. É fácil deixarmo-nos desaparecer, difícil é encontrarmo-nos. Mas é preciso provocar um conhecimento múltiplo de nós mesmos, pois não somos uma única história. Somos um aglomerado, uma constelação de momentos, do nascimento até o fim do que nos resta. Histórias que se multiplicam sob o ponto de vista daqueles que fazem parte do nosso universo. Portas que necessitam ser abertas...

Ah! Eu encontrei o molhe de chaves.

É necessário explorar a “memória” na percepção da Consciência Histórica, aplicando como ponto de partida a significância dos conteúdos de História em sala de aula. Mas é prioritário dar atenção na relevância demonstrada pelos discentes sobre os fatos que estão diretamente ligados às suas vidas presentes e à

relação com o assunto selecionado pelo professor. Sendo assim, o que os meus alunos estabeleceram de sua própria História, através de sentimentos e emoções, quando a lembrança e a memória foram provocadas, é exposto em cada linha onde o tempo foi movimentado conscientemente.

Eles se percebem enquanto sujeitos na história em cada ação em suas vidas, enxergando que sua história é a história que reconhecem antes de tudo, antes de todos. Uma história individual fazendo parte de uma história coletiva, através de suas famílias (em cada membro do grupo com suas atividades que se interligam com outros indivíduos; uma história pessoal não existe se não há uma convivência recíproca - registros e fontes devem ser lidos ou encontrados) com vidas estando interligadas, onde o existir sozinho não é uma possibilidade. Não nessas narrativas.

Falando de forma óbvia, nossa vida é uma sequência de eventos, um somatório de alternativas, de escolhas nossas ou não. Vivemos em rede, como dominós: causa e consequência. E por apresentar alternativas é que podemos perder o controle. E o controle (sendo evidente novamente) é essencial.

Estamos em uma luta constante pela administração de nossa própria existência. Os caminhos são apresentados, e o nosso ir adiante é dependente. Não estamos sozinhos, mesmo quando estamos sozinhos. Ao efetuarmos escolhas determinamos uma perspectiva, nossas ações estabelecem consequências e vice-versa (alternativas certas para nós podem provocar eventos indesejados para outros). Estamos ligados, somos uma corrente. Devemos saber para onde nos movemos, evitando o estado de *ficar deslocado*. Esse deslocar, a ação em si, foi descrito por Zygmunt Bauman, embora para um contexto diferente:

Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – deslocado. (...) Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda a parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaíam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora (BAUMAN, 2005, p. 18-19).

A esperança, sentimento perene de um futuro promissor, deve sempre existir... todo tempo, em todos os tempos e, pelo visto, até o fim. A escola é o ponto focal para trabalhar a esperança de uma forma limpa, sem enfeites, sem mitos,



verdadeira e crítica: firmemente apresentada como algo palpável e possível através de um exame minucioso da realidade que cerca o discente.

Narrativas visuais. Vidas colocadas em uma ou duas folhas. Escrita difícil, quando não conseguimos relacionar o dia anterior ao atual. Como pensar em toda uma vida com treze, dezesseis ou dezessete anos? Existência: pois uma vida assim será, mesmo que, no seu primeiro e único respirar, ela acabe. Mas não aqui. Elas não terminaram. Apenas começaram uma jornada tão longa quanto a incerteza de sua durabilidade. Esse olhar para um passado sem as certezas de como ou quando aconteceram:

Oi, meu nome é Brenda. Vim contar minha história de vida. (...). Ao passar de alguns anos tive uma perda muito grande em minha vida: meu avô. Ele é e era o melhor avô do mundo pra mim, pô(!) meu melhor amigo. Eu gostaria de poder vê-lo novamente. (...). Essa é uma parte da minha história agora estou bem maior mesmo tendo rodado uma vez. Agora tenho treze anos, com saúde, amo muito minha vida e não me arrependo da nada. (...).

**Brenda Brião de Ávila (ensino fundamental)**

Hoje é dia 29 de dezembro de 2000, e lá estava eu dentro da barriga da minha mãe. (...). Enfim cheguei eu, (...). Dias, meses, anos foram passando e eu, claro, cada dia mais crescendo. (...) Eu me lembro de poucas coisas daquele tempo mais são coisas maravilhosas que vou sempre lembrar. (...). Pois é, os anos passaram e muita coisa mudou. (...).

**Gabrielly Franco de Farias (ensino fundamental)**

Hoje parei pra escrever a minha história, olhando as fotos e lembrando que há 13 anos atrás eu era uma pirralha e cresci. Que saudade de tudo, das brincadeiras, das manhas, dos carinhos...Até hoje, meus melhores momentos foram ao lado de pessoas especiais pra mim; quando era pequena morava com meus irmãos e que saudade das nossas brincadeiras, momento em família, das nossas viagens... (...). Que vontade de voltar no tempo e viver cada momento de novo. Fim!

**Maria de Fátima Gomes Colemberg (ensino fundamental)**

(...) Saudade dessa época: eu e a minha irmã tiramos uma foto com um vestido rosa e com bouquet de flor e de chuquinha. (...). Essa é minha história que me lembro. Hoje em dia meu nome é Nathiele Garcia de Senna, eu tenho treze anos e adorei ser criança: por mim voltava no passado.

**Nathiele Garcia Senna (ensino fundamental)**

Nasci no dia vinte dois de abril de dois mil e um, e me chamo Pedro. (...). Eu sou o Pedro, tenho doze anos e essa 'foi' a minha vida.

**Pedro Perez Germano da Cunha (ensino fundamental)**

(...). E pra finalizar, a foto do meu batizado que não me lembro de muita coisa, mas pra mim foi um dos dias mais felizes da minha vida: estava com minha família.

**Alexandre Freitas Corrêa (ensino médio)**

(...).Com seis aninhos eu tinha consciência do que podia ou não fazer. Mas meu pastor dizia que não podia me batizar, pois eu era uma criança e não sabia se era isso que eu queria para mim. Por incrível que pareça eu sabia sim, sabia que eu ia ter que deixar muitas coisas para me tornar adventista do sétimo dia e ter meu nome no livro da igreja. (...).

**Bruna Pereira Machado (ensino médio)**

Contar sobre a minha vida seria algo surpreendente, mas também seria muita coisa pra cabeça de todos vocês; então, eu irei falar de alguns acontecimentos marcantes dos meus últimos anos, essa virada de criança pra adolescente.(...).Cinco acontecimentos que foram e são inesquecíveis para mim, quatro deles que me destruíram, mas um que, de certa forma, me refez. (...). O tempo passa, a gente acostuma (...).

**Carolina Nunes Mendes (ensino médio)**

Essas fotos mostram um pouco da minha vida, por cada momento que passei, momentos importantes.(...). Momentos difíceis e ao mesmo tempo tristes, como a perda da minha mãe: que fez a minha vida desandar. Mas acredito que tudo tem um motivo que Deus faz sempre o melhor para todos!

As fotos mostram meus sentimentos e histórias, que me fazem ter forças para realizar os meus sonhos, como entrar na faculdade de Direito ou Medicina: orgulhar e ajudar minha família futuramente.

**Danielli Dalbon de Bem (ensino médio)**

Hoje vamos contar nossas histórias através das fotos; (...). Até os dez anos eu tinha muito medo de perder ela\* ; sempre que ela saía e demorava a chegar eu chorava, tinha medo que algo ruim tivesse acontecido e o principal motivo era uma música chamada 'O Maior Golpe do Mundo'. Eu não me lembro de toda a música, mas a pior parte não tem como esquecer e sempre que essa música tocava eu chorava e só parei de chorar, com a música, quando finalmente fiz os meus tão desejados dez anos. (...). Então, essa é uma pequena parte da minha história e da minha rotina. Somos uma família típica, estamos sempre juntos rindo um do outro e contando histórias engraçadas sobre o passado. (\* a mãe)

**Juliana Borges Puccinelli (ensino médio)**

Hoje, dia primeiro de novembro, estou relembrando da pior fase da minha vida. (...). Olhando essas fotos (...) jamais irei esquecer.

**Karolen Simões Rodrigues (ensino médio)**

Bom, não me lembro de tudo que aconteceu na minha vida, é claro, mas sempre tem pontos mais marcantes em nossas vidas. (...). Quando o professor pediu para fazermos um texto contando um pouco das nossas vidas, através das fotos ou tirar inspiração delas, eu não tinha muitas ideias, mas agora eu tive essas; são poucas,

mais tristes do que alegres, (...). E o que espero, daqui para diante, é realizar meus sonhos. Terminar o ensino médio, cursar uma faculdade, me tornar delegada, casar e seguir a vida.

**Larissa Vitoria Ferreira Vasques (ensino médio)**

Nunca parei para pensar na minha vida, mas se fosse parar, e olhar as fotos, acho que começaria falando que eu era uma menina moleque que adorava brincar de tudo um pouco. (...). Fora isso\*, não consigo achar nada de importante na minha vida. Por isso...FIM. (\* sobre o roubo de sua bicicleta)

**Marina Hurtado de Souza (ensino médio)**

A foto que eu escolhi para começar é a foto em que eu ainda era um bebê, que eu estava com um vestido branco com detalhes rosas; eu acho esse vestido muito fofo, essa foto me faz lembrar a primeira palavra que eu falei, que foi papai. (...). Não tinha fotos minhas atuais, dessas reveladas. Mas, atualmente, estou estudando e pretendo fazer faculdade, provavelmente de biologia ou outra coisa relacionada a animais. E, provavelmente, eles vão fazer parte do meu futuro.

**Stephanie Gonçalves Vasconcelos (ensino médio)**

São histórias de um contar com os olhos de hoje e escolhas carregadas de sentimentos que mudarão a cada dia. Desejos alternados pelas emoções que apertam o peito e aceleram a respiração. Esse tudo está presente em cada narrativa que tomou forma com pinturas pré-prontas, conhecidas como fotografias.

As imagens fotográficas foram o ponto de partida, mas não proporcionaram aquele recontar aprisionado pela facilidade da ilustração. Uma imagem nunca é fácil. Não é possível aquele retorno tão desejado para o exato momento que a fotografia registra (?). Hoje, as máquinas o fazem, mas e antes quando escrevíamos no verso? O tempo era correto? Não escrevemos depois e esquecemos aquele certo instante? Mas esse pensar naquilo que foi feito com o passar do hoje carregado de sentimentos e emoções é trabalho da nossa Consciência.

Mudanças constantes, dia após dia. Qual instante escolhemos para o nosso princípio? O mais antigo que a nossa lembrança consegue encontrar na memória? O mais significativo ligado a um sentimento de perda e morte? Abandono? Ou os ganhos que a vida proporciona refletidos na felicidade externada e desejada num retorno emocional para aquele momento de sentimentos tão fortes?

Quando buscamos em nossa memória momentos de segurança, conforto e despreocupação, não existe período mais marcante que a infância - acredito, pelas

minhas memórias - e, na mesma proporção, os traumas que vão modelar o que seremos. Meu trabalho é constantemente marcado por questões. Mas de forma alguma significam perguntas sem respostas porque, assim como as redações, a resolução é totalmente subjetiva. Essa viagem pessoal efetuada em cada folha ao contar histórias, pequenas ou grandes, de tamanho, não pode ser medida. Cada tabela é uma aproximação através das minhas escolhas para uma análise que nunca chegará perto da importância de cada vida narrada. Entrelaçada, em rede, com tantos outros. O coletivo que torna possível a condição humana do ser.

Infelizmente eu não pude efetuar um retorno para esse coletivo que permitiu a produção do presente trabalho, pois tudo muda. O regresso com os mesmos alunos (que formaram as turmas, em dois mil e treze), no ano seguinte, não foi possível. Um fechamento onde pudessem ler o que eles e os colegas escreveram teria sido extremamente enriquecedor para a pesquisa.

As fotos não foram determinantes para as narrativas (das 373, 181 fotografias dialogaram com as narrativas), mas foram o impulso. As histórias que narram estavam lá, em suas mentes, independentes das fotos. Vieram à tona, desvinculando-se das fotos, mas, em alguns casos, reconhecendo a importância dessas pra o “lembrar”.

Ocorreram, também, diversas formas de “pontos de partida” ou “início”, evidenciando que a memória de fato seleciona o que, por alguma razão, teve maior significado. A emoção e os sentimentos foram muito evidentes na maior parte das narrativas e, à sua maneira, os alunos demonstraram “consciência” de que se tratava de “suas” histórias.

Consciência Histórica<sup>18</sup> formada nesse tentar lembrar do que aconteceu, emocionando-se e cobrindo-se de sentimentos no hoje pelas perspectivas do que está por vir para todos nós.

---

<sup>18</sup>Jörn Rüsen, ao procurar compreender a constituição e o desenvolvimento da consciência histórica, elaborou o conceito de “tipologia geral da consciência histórica”, organizando as suas manifestações racionais em quatro modelos: “Consciência Tradicional, Consciência Exemplar, Consciência Crítica e Consciência Genética”. No presente trabalho não houve a pretensão em classificar as narrativas.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete M.; ABAURRE, Maria Luiza M. *Um olhar objetivo para produções escritas: analisar avaliar, comentar*. São Paulo: Moderna, 2012.

AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). *Confissões*. Tradução J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural. (Coleção Os Pensadores), 2004. ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.).

ARÉVALO, Maria Conceição da Massena. *Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto*. In: ENCONTRO MEMORIAL DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS, 1., 2004, Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto. Em: <[http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=62](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=62)>. Acesso em 29 jun. 2014.

ATÉ o tálamo. Aqui o cérebro está em todos! *Existe distinção entre sentimentos e emoções?* 28 mar. 2008. Em: <<https://ateotalamo.wordpress.com/2011/03/28/existe-distincao-entre-sentimentos-e-emocoes/>>. Acesso em 09 abr. 2015.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani; CERRI, Luis Fernando. *O Ensino da História a partir da Teoria de Jörn Rüsen*. In: Seminário de Pesquisa do PPE, 26 e 27 de maio de 2011. Universidade Estadual de Maringá. Em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2011/pdf/1/006.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/1/006.pdf)>. Acesso em 17 jul. 2014.

BATISTA, Paulo Henrique Camargo; SILVEIRA, Luciana Martha. *Geraldo Barros e a Fotografia como Conceito*. Conexão - Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v.6, n.12, jul./dez. 2007. Em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/162/153>>. Acesso em 10 jun. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONDÍA, Jorge L. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/, n.19, 2002. Em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 17 jul 2014.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensinar História*. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Regina Maria L. Lopes. Tempo e Psicanálise. In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de (Org.); ZAMBONI, Ernesta (Org.). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2005.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografias – usos sociais e historiográficos*. In: LUCA, Tania Regina de (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 45.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CUGINI, Paolo. *Identidade, Afetividade e a Mudanças Relacionais na: Modernidade Líquida na Teoria de Zygmunt Bauman*, Recife, jan. / jun. 2008, FSBA. Em: <[http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo\\_10.pdf](http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_10.pdf)>. Acesso em 21 fev. 2013.

DEMO, Pedro. *Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos*. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FRASER, Brooke Gabrielle. *Here's To You*. Em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LPU7VvTH6jM>>. Acesso em 23 mar. 2013.

FRASER, Brooke Gabrielle. *Here's To You*. Em: <<http://letras.mus.br/brooke-fraser/1756195/traducao.html>>. Acesso em 23 mar. 2013.

FOSTER, Jonathan K. *Memória*. Porto Alegre: L & PM, 201.

GILLIAN, Flynn. *Garota Exemplar*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MENDES, Maria Naldemir. *Os sentimentos que nos movem*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.23, nº45, pp.11-36 – 2003. Em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2014.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, n.10, p. 7-28, dez. 1993. São Paulo: PUCSP. Em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em 04 jul. 2014.

PINO, Angel. Tempo Real, Tempo Vivido, Representações do Tempo. In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de (Org.); ZAMBONI, Ernesta (Org.). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2005.

PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inez. *Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia*. São Paulo: Moderna, 2012.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. *O Primo Basílio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: Teoria da História: os fundamentos da ciência história*. Brasília: UnB, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Reconstrução do Passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: UnB, 2010b.

\_\_\_\_\_. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB, 2010c.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem Histórica – Fundamentos e Paradigmas*. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SANCHES, Edileine. *Qual a diferença entre Sentimento e Emoção? Você sabe?!* EDH - Espaços de Desenvolvimento Humano, 01 set. 2011. Em: <http://edh-espacodedesenvolvimentohumano.blogspot.com.br/2011/09/qual-diferenca-entre-sentimento-e.html>>. Acesso em 09 abr. 2015.

## **ANEXOS**



**Anexo 01 – Exemplo de autorização assinada por um responsável da escola de ensino fundamental, permitindo ao discente a participação na experiência.<sup>19</sup>**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA



08

Senhores Responsáveis.

Estou cursando o 'Mestrado Profissional em História', pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), ministrado Na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Sendo efetuado na área em que atuo, como professor, e tendo como linha de pesquisa 'Campos e linguagens da História' articula a historiografia existente (o conhecimento produzido dentro das universidades, acadêmico) e o conhecimento produzido por professores e alunos em seu dia-a-dia. A linha de pesquisa abordada é a relação entre professor e aluno no ensino da história. O título (até o presente) para o Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) é 'A IDENTIDADE DO SUJEITO HISTÓRICO DA SALA DE AULA ATRAVÉS DA MEMÓRIA AFETIVA'; o curso é importante para a formação continuada do docente e consequentemente para a melhoria da qualidade do ensino. Cabe reafirmar o quanto seus tutelados estarão contribuindo, de forma pioneira, para um novo modelo de trabalho com a História enquanto disciplina de sala de aula – fundamental lembrar que existe a possibilidade das fotografias serem publicadas, mas a identificação de seus proprietários ocorrerá apenas pelas iniciais de seus respectivos nomes; as fotos ficarão retidas temporariamente para serem escaneadas e de forma alguma aparecerão em alguma rede social.

André do Nascimento Veríssimo<sup>1</sup>  
Artur Henrique Franco Barcelos (orientador)<sup>2</sup>

E. E. de Ensino Fundamental Nossa Senhora Medianeira  
DECRETO DE CRIAÇÃO 11768 DATA 07/11/80 D.O. 09/11/80  
PORTARIA DE DESIGNAÇÃO 00323 DATA 15/12/88 D.O. 18/12/88  
RIO GRANDE-RS

Gabrielly Franco de Farias

- Participação de meu tutelado no projeto apresentado pelo professor André do Nascimento Veríssimo:  
Concordo  Não concordo ( )
- Cedência das fotografias pertencentes a nossa família para o desenvolvimento das questões levantadas pelo projeto do professor André do Nascimento Veríssimo:  
Concordo  Não concordo ( )
- Permitir que o nome do meu tutelado (a) e suas fotografias apareça na publicação acadêmica que representa o Trabalho de Conclusão de Curso do professor André do Nascimento Veríssimo:  
Concordo  Não concordo ( )
- Não receberemos (os responsáveis ou familiares e tutelado/a) nenhuma compensação financeira pela participação de meu tutelado (a) no projeto apresentado pelo professor André do Nascimento Veríssimo, visto que seu trabalho não visa lucro, sendo um aperfeiçoamento enquanto profissional no Ensino de História, na sala de aula, pertencente ao quadro de professores do Estado do Rio Grande do Sul.

Artur Henrique Franco Barcelos

Assinatura do responsável

<sup>1</sup> Mestrando em História Profissional pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professor de História, atuando na rede pública do estado do Rio Grande do Sul; [historiaverissimo@yahoo.com.br](mailto:historiaverissimo@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil (2006)

- Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil; [ahbarcelos@hotmail.com](mailto:ahbarcelos@hotmail.com).

<sup>19</sup> As demais estão arquivadas

**Anexo 02** – Exemplo 1, das narrativas produzidas na escola de ensino fundamental (Medianeira).<sup>20</sup>

### História da Minha Vida...

Hoje é dia 29/12/2000, e lá estava eu dentro da barriga da minha mãe. Ela tinha ido ao médico para uma consulta mas sabia ela que eu já estava vindo ao mundo. 10/01/2001 hoje é o tão esperado dia o dia do meu nascimento, mamãe estava quase bucha a minha espera.

Em fim cheguei eu, pequenina e forte, todos estavam encantados com a minha chegada.

Dias, meses, anos foram passando e eu claro cada dia mais crescendo. Uma vez eu lembro que mamãe me pôs dentro da lavadeira fiquei com muita medo, mais feliz ao mesmo tempo. Então passou-se um ano e olha só eu já estava completando 5 anos, eu lembro de poucas coisas daquele

tempo mais são coisas maravilhosas que vou sempre lembrar. Dois nomes muito importantes pra mim Sibeles e Ama essas são minhas anjas protetoras, foram elas que sempre ajudaram papai e mamãe a me criar. Pois é os anos passaram e muita coisa mudou hoje conheci pessoas que jamais vou esquecer é o meu anjinho lindo que eu amo pra valer. Com o tempo também nasceram meus outros dois amores, meu primo que amo demais e a minha afilhada meus dois amores

E hoje eu sou a pessoa mais feliz do mundo por ter todas essas pessoas na minha vida!!

Fim !!

<sup>20</sup> Gabrielly Franco de Farias



**Anexo 03 – Exemplo 2, das narrativas produzidas na escola de ensino fundamental (Medianeira).<sup>21</sup>**

Nome: Mateus

Data: 30/10/13

Turma: 7º Azul

Minha (vida) história

Foi quando eu nasci minha mãe me  
agoroua me colo, ai depois eu fui  
para a casa, conheci toda a minha  
família. (D)

Depois de uns anos eu fui para a  
colégio nas férias eu viajei para  
Wauguai passei quase todas as férias lá  
fui conheci a praia de Wauguai e  
achei a praia muito bonita.

quando eu voltei de Wauguai,  
dois meses depois no domingo  
meu pai foi ao jogo de golêmie  
comigo e meus irmãos ficaram  
com a minha mãe em casa  
e depois foram para lá ver o  
estádio de golêmie.

Depois teve o aniversário de  
meu pai me (pai) na casa dele  
e foi legal tomei bombê de pistina com  
ele.

E agora tenho 14 anos e esta a  
minha história.

<sup>21</sup> Mateus dos Santos Lima

**Anexo 04 – Exemplo 3, das narrativas produzidas na escola de ensino fundamental (Medianeira).<sup>22</sup>**


Um Pouco de Mim!

Bom mãe me lembra de tudo que aconteceu na minha vida, é claro, mas sempre tem pontos mais marcantes em nossas vidas.

Aos meus 5 anos de idade eu entreei em coma, só me lembro de quando eu desmaei no supermercado, meus pais me levaram para o Hospital e os médicos fizeram de tudo para me salvar. A Dr. Marcia que estava me tratando falou aos meus pais que se eu voltasse do coma voltaria cega porque o equador tinha subido muito, mas graças a Deus eu não vim a história é muito longa mãe da pra colocar tudo hoje aqui, mas foi um milagre que aconteceu na minha vida.

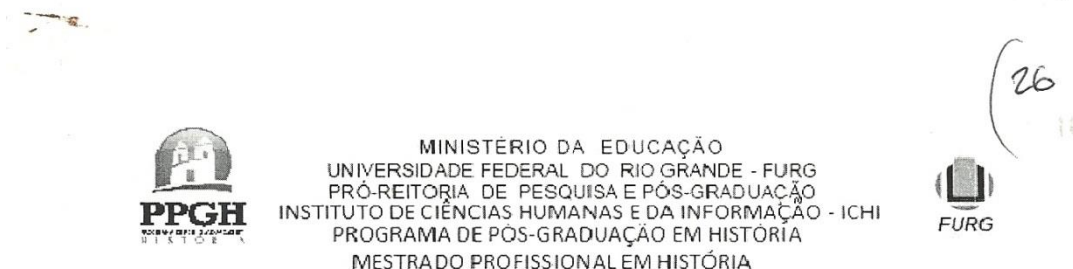
Quando eu tinha 11 anos, em 2009 minha mãe veio a falecer com câncer, depois de uma semana meu avô também faleceu, e depois de 3 anos minha avó também faleceu. Foi uma queda em cima da outra. Esses três pontos foram tristes e marcantes.

Mas agora vou falar um pouco de alegrias, já tive muitas mas não me lembro, os momentos que eu mais gostava eram os almoços e aniversários, que todos os finais de semana tinha na minha casa, mas o mais marcante é claro que foi



<sup>22</sup> Larissa Vitoria Ferreira Vasques. As demais narrativas estão arquivadas.

**Anexo 05 – Exemplo de autorização assinada por um responsável da escola de ensino médio, permitindo ao discente a participação na experiência.<sup>23</sup>**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA

**Senhores Responsáveis.**

Estou cursando o 'Mestrado Profissional em História', pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), ministrado Na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Sendo efetuado na área em que atuo, como professor, e tendo como linha de pesquisa 'Campos e linguagens da História' articula a historiografia existente (o conhecimento produzido dentro das universidades, acadêmico) e o conhecimento produzido por professores e alunos em seu dia-a-dia. A linha de pesquisa abordada é a relação entre professor e aluno no ensino da história. O título (até o presente) para o Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) é 'A IDENTIDADE DO SUJEITO HISTÓRICO DA SALA DE AULA ATRAVÉS DA MEMÓRIA AFETIVA'; o curso é importante para a formação continuada do docente e consequentemente para a melhoria da qualidade do ensino. Cabe reafirmar o quanto seus tutelados estarão contribuindo, de forma pioneira, para um novo modelo de trabalho com a História enquanto disciplina de sala de aula – fundamental lembrar que existe a possibilidade das fotografias serem publicadas, mas a identificação de seus proprietários ocorrerá apenas pelas iniciais de seus respectivos nomes; as fotos ficarão retidas temporariamente para serem escaneadas e de forma alguma aparecerão em alguma rede social.

André do Nascimento Veríssimo<sup>1</sup>  
Artur Henrique Franco Barcelos (orientador)<sup>2</sup>

E.E.E.M. MAL. MASCARENHAS DE MORAES  
Dec. de Criação 18592 Data: 08/03/68  
Dec. de Transf. e Desig. 46884 de 23/02/12 D.O. 24/02/12  
Aut. Func. 624/12 de 08/08/12 D.O. 14/08/12

Natalia Pinto Vianna

- Participação de meu tutelado no projeto apresentado pelo professor André do Nascimento Veríssimo:  
Concordo (  ) Não concordo (  )
- Cedência das fotografias pertencentes a nossa família para o desenvolvimento das questões levantadas pelo projeto do professor André do Nascimento Veríssimo:  
Concordo (  ) Não concordo (  )
- Permitir que o nome do meu tutelado (a) e suas fotografias apareça na publicação acadêmica que representa o Trabalho de Conclusão de Curso do professor André do Nascimento Veríssimo:  
Concordo (  ) Não concordo (  )
- Não receberemos (os responsáveis ou familiares e tutelado/a) nenhuma compensação financeira pela participação de meu tutelado (a) no projeto apresentado pelo professor André do Nascimento Veríssimo, visto que seu trabalho não visa lucro, sendo um aperfeiçoamento enquanto profissional no Ensino de História, na sala de aula, pertencente ao quadro de professores do Estado do Rio Grande do Sul.

  
Assinatura do responsável

<sup>1</sup> Mestrando em História Profissional pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professor de História, atuando na rede pública do estado do Rio Grande do Sul; [historiaverissimo@yahoo.com.br](mailto:historiaverissimo@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil (2006) Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil; [ahbarcelos@hotmail.com](mailto:ahbarcelos@hotmail.com).

<sup>23</sup> As demais estão arquivadas.



**Anexo 06** – Exemplo 1, das narrativas produzidas na escola de ensino médio (Mascarenhas de Moraes).<sup>24</sup>

Nome: Natália Vianna N° 26  
Turma: 101

15 anos se passou e essas fotos trazem muitas lembranças para mim, de como era minha vida, todas pessoas que eu era muito apegada meus pais, meus avós, minha irmã, meu cunhado e minha avó. Todos eles que não ficar para sempre na memória foi com eles que eu aprendi muitas coisas.

Meus pais me ensinaram a ser a pessoa que eu sou hoje, eles são muito especiais para mim, eles sempre me acompanham em tudo. Cresci também sempre brigando com minha irmã mais não nego que ela sempre foi muito especial para mim.

Eu agradeço a Deus por ter essas pessoas na minha vida, eu aprendo com todas elas, quero poder lembrar do lado dessas pessoas por um bom tempo ainda.

No final de tudo a minha história eu conheci uma pessoa muito especial para mim, eu já estou a se como com ela, é meu namorado, e eu espero poder continuar com ela, fazer parte de minha vida.

 grafia

<sup>24</sup> Natalia Pinto Vianna.

**Anexo 07** – Exemplo 2, das narrativas produzidas na escola de ensino médio (Mascarenhas de Moraes).<sup>25</sup>

A primeira foto que eu escolhi é a do dia do meu nascimento, o dia 23 de outubro de 1997, faz lembrar de que minha mãe me contou que eu nasci com infecção no sangue, pois eu passei da hora de nascer, fiquei 3 semanas a mais na barriga da minha mãe e quase morri, nasci bem gorda 4.600 kg e eu não me ergano, levei a maior do hospital. Nasci em Pelotas e fiquei 4 anos lá, depois vim para Rio Grande. Entrei na Escola Clemente Pinto e fiz todo o ensino fundamental nessa escola. Lamentavelmente eu ia para a casa da minha avó em São Lorenzo do Sul e brincava com minha irmã e minha tia eu adorava ir lá. Eu vivia na casa dos meus primos e estávamos sempre ralhando, passando tempo por telefone "muito idiota". Não sei muito o que contar da minha vida, então vou pular direto pro ano passado que foi meus 15 anos e minha formatura. Escolhi uma foto de uma amiga que a última vez que eu vi ela foi na minha formatura da 8ª série e sinto saudades dela. Não sei muito o que falar da minha vida, então é isso.

Nome: Roberta T: 101

grafica

<sup>25</sup> Roberta Gautério de Souza. As demais narrativas estão arquivadas.

